



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Programa de Pós Graduação em História Social

Vanessa Kellner Francis Santos

As relações entre Sírios e Libaneses no Rio de Janeiro entre 1900 -1920

São Gonçalo

2019

Vanessa Kellner Francis Santos

As relações entre Sírios e Libaneses no Rio de Janeiro entre 1900 -1920

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social.

Aprovado em: ____ de setembro de 2019

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.

Prof.^a Dr.

Prof.^a Dr.

São Gonçalo

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda minha família pelo amor e apoio que recebi durante todo esse processo em especial minha mãe, que me incentivou, investiu e acreditou no meu potencial desde o processo seletivo até a última lauda desse trabalho. Sou eternamente grata e privilegiada por ter tido todo esse aparato e amor.

Aos amigos que me acompanham desde a “Era CETREINA” Pedro, Mendes, Júlia, Raissa e Karen. Obrigada por todos esses anos de carinho, lealdade e amizade.

Aos amigos que a UERJ me deu durante a graduação, Stephanie, Talita, Diego, Vanessa, Karol e Marion que acreditaram mais em mim do que eu mesma quando tentei entrar para o programa.

Agradeço também aos amigos que fiz durante o PPGHS, Tamires, Rafael e Lorena que, além de atuarem muitas vezes como verdadeiros “co – orientadores”, me proporcionaram as risadas mais sinceras, os diálogos mais debochados e divertidos, fazendo com que esses dois anos se tornassem mais prazerosos.

Ao meu namorado Caio que, nesse último ano de mestrado, retornou à minha vida e aguentou ao meu lado minhas inúmeras fases de estresse e ansiedade tentando me incentivar e me acalmar durante inúmeros momentos.

À minha orientadora Joana Bahia, que me ajudou desde a elaboração do projeto desse trabalho. Sou eternamente grata por essa oportunidade, pela base e amadurecimento que me forneceu.

Agradeço aos professores Luiz Reznick e Guilherme Curi por participarem da minha banca de qualificação, fornecendo inúmeras reflexões que foram de extrema importância para a conclusão desse trabalho.

Agradeço aos professores da banca Helion Povia Neto e Gisele Fonseca, por serem extremamente solícitos ao receberem o convite.

Aos professores que tive a honra de cursar as matérias, Gustavo Vilella, Martin Curi, Marcia Gonçalves e Daniela Calainho. Obrigada por todo aprendizado, empatia e profissionalismo.

Agradeço também aos profissionais da Biblioteca Nacional, extremamente atenciosos e organizados. Sem o trabalho excepcional dessa equipe, essa dissertação não existiria.

E por fim, agradeço a UERJ –FFP por ter me proporcionado mais dois aprendizados. Fico muito feliz e orgulhosa por estar encerrando mais um ciclo nesta instituição. Meu carinho por esse espaço é eterno.

Resumo

O presente trabalho analisa a chegada, as representações e os conflitos de imigrantes sírios e libaneses entre 1900 – 1920 na cidade do Rio de Janeiro. Procurou-se identificar as formas pelas quais foram percebidos ao chegarem na cidade, as autorrepresentações que os mesmos utilizaram para um processo de inserção social favorável e os conflitos internos do grupo. Para alcançarmos nosso objetivo, utilizamos como fonte, reportagens dos jornais cariocas que falavam sobre a presença desses imigrantes na cidade, colunas e matérias produzidas por jornalistas sírios nesses periódicos e as ocorrências de rua, que abordou diversas vezes os conflitos entre os membros desse grupo no Rio de Janeiro. Durante a pesquisa, percebemos que, devido aos estereótipos negativos atribuídos a sírios e libaneses durante seu processo de inserção na cidade, os representantes da colônia empenharam-se em propagar uma imagem positiva, pacífica e benéfica do grupo, imagem esta que predominou em narrativas e trabalhos sobre essa imigração. Entretanto, através das ocorrências de rua, constatamos que, a integração do grupo nesse local não ocorreu apenas através de laços de amizade e harmonia. Observamos que, os conflitos internos e externos também fizeram parte desse processo.

Palavras-chave: Sírios e libaneses – Imigração – Rio de Janeiro

Resumo Inglês

This study analyze the arrival, representation and conflicts of Syrian and Lebanese immigrants between 1900 - 1920 in the city of Rio de Janeiro. It sought to identify the ways they were perceived when they arrived in the city, the self-representations they used for a favorable social insertion process and the group's internal conflicts. To reach the goal was used as source, reports from Rio's newspaper that treated about the presence of this immigrants in the city, columns and articles produced by Syrian journalists in this periodicals and the street occurrences, which repeatedly addressed the conflicts between members of this group in the city. During the research, we realized that due to the negative stereotypes attributed to Syrians and Lebanese during their city insertion process, the colony representatives strove to propagate a positive, peaceful and beneficial image of the group, image that which predominate in narratives and work on this immigration. However, through the street occurrences it was found that the group integration in this place did not occur only through bonds of friendship and harmony. Was noted that internal and external conflicts were also part of the process.

keyword: Syrian and Lebanese - immigration - Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

Introdução -----	9
1 “A Turquia e a Syia se mudavam para o Brasil -----	14
1.1 O Império Turco – Otomano e a Diáspora dos sírios e libaneses-----	15
1.2 A questão imigratória no Brasil no Final do século XIX -----	22
e início do século XX	
1.3 A chegada dos sírios e libaneses no Brasil -----	25
1.4 O jogo d identidade: a visão do “turco” através de alguns-----	29
setores da sociedade brasileira	
1.5 A cidade do Rio de Janeiro a colônia síria no início-----	35
Do século XX	
2 A colônia síria e sua representação na imprensa carioca -----	43
no início do século XX	
2.1 A imagem da comunidade síria e os estudos acadêmicos -----	43
2.2 A imprensa carioca no início do século XX-----	46
3 “Os syrios estavam zangados!” -----	72
3.1 Conflitos e imigração árabe: o que sabemos? -----	72
3.2 Os jornalistas sírios e algumas desavenças-----	74
3.3 Ocorrências de rua e os sírios-----	79
3.4 Conflitos entre os sírios na cidade do Rio de Janeiro-----	83
3.5 Os sírios os conflitos com outros-----	93
grupos : Uma breve abordagem	
Considerações Finais -----	99

Fontes -----	103
Referência Bibliográfica -----	105

Introdução

A chegada de imigrantes sírios e libaneses no Brasil tem início no Brasil no final do século XIX e início do século XX. Os imigrantes fixaram-se nos principais centros urbanos espalhados pelo país, tendo sua maior concentração na cidade de São Paulo. Entretanto, os centros urbanos de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Amazônia e Rio de Janeiro também contaram com uma expressiva presença deles¹.

Nossa escolha pelo Rio de Janeiro explica-se pela escassez de estudos sobre a imigração sírio-libanesa na cidade. Os trabalhos mais recentes que abordam essa temática no local foram publicados por Paulo Hilu da Rocha Pinto em “*Árabes no Rio de Janeiro – Um identidade plural*”² e a tese de doutorado de Guilherme Curi, intitulada “*O mahjar é aqui*”³. Antes desses, contamos apenas com os trabalhos de Paula Ribeiro,⁴ Suzane Wocmam⁵ e Lilian Corde⁶, que tratam mais especificamente da memória e da história da construção da SAARA, além das dissertações de Julio César Bittencourt e Amim Kaaran.⁷

¹ Tratamos os sírios e libaneses como grupo pautados nas análises de Fredrik Barth sobre grupos étnicos. Segundo o antropólogo, à medida em que os indivíduos utilizam da identidade étnica para se caracterizarem com propósitos de interação, formam-se grupos étnicos organizados. Nesse trabalho, iremos perceber que, perante os estigmas e denominações pejorativas por parte da sociedade brasileira, declaram inúmeras vezes sua adesão a uma cultura compartilhada, mesmo apresentando diferenças geográficas, religiosas e econômicas. BARTH, Fredrik. O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000. Pág 33.

² PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010.

³ CURI, Guilherme Oliveira. O MAHJAR É AQUI! A comunicação contra hegemônica dos intelectuais árabe-brasileiros. Tese de doutorado para obtenção do título de Doutor em comunicação e cultura. UFRJ. Rio de Janeiro, 2018.

⁴ RIBEIRO, Paula. ‘Saara’: uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro (1960 – 1990) 200. 229 f. Dissertação (Mestre em História Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo 2000.

⁵ WORCMAN, Susane. Saara. Relume Dumará. Rio de Janeiro. 2000.

⁶ É importante ressaltarmos que o estudo de Corde tem como objeto os patrimônios nacionais de imigração e analisa a Saara e o Musée de l’Histoire de l’Immigration (MHI) de Paris em seu trabalho. CORDE, Marine. L. *A pacificação dos oximoros. Patrimônio Nacional da Imigração. Direito de voto dos Estrangeiros e ordem Nacional no Brasil e na França*. 2015. 404F. Tese (Título de Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Agosto/2015.

⁷ FRANCISCO, Júlio César Bittencourt. Sírio e libaneses no Rio de Janeiro: memória coletiva e escolhas individuais. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005. KARAAN, Amin Ibrahim. A distribuição sócio-espacial dos imigrantes libaneses na cidade do Rio de Janeiro entre 1920-1940. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós – Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

Na introdução da obra “*Árabes no Rio de Janeiro – Um identidade plural*”, no ano de 2010, Paulo Hilu da Rocha Pinto apontou para a falta de estudos acadêmicos sobre os árabes na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente, nove anos após essa observação, os estudos sobre a imigração desse grupo na cidade, embora esteja ganhando mais atenção nos últimos tempos,⁸ ainda continuam pouco explorados. Tal ausência nos causa espanto e nos incentivou a produzir esse trabalho, visto que sírios e libaneses encontram-se na cidade desde o final do século XIX com inúmeros descendentes até os dias de hoje. O famoso comércio popular, muito presente na área central da cidade, foi uma das principais marcas deixada pelos imigrantes oriundos do Oriente Médio. O maior exemplo encontra-se na SAARA, localizada no centro do Rio Janeiro e criado por árabes, caracterizada por ser “O maior shopping de céu aberto” por um de seus fundadores, Demétrio Habibb⁹. Encontramos também nas paisagens urbanas mesquitas e igrejas fundadas por esses imigrantes por grande parte da cidade¹⁰, além de uma forte presença da culinária árabe, com restaurantes, lanchonetes ou barraquinhas com esfihas e kibes, e outras infinidades de ingredientes que estão presentes nos pratos dos cariocas diariamente. Tais marcas, tão presentes no nosso cotidiano, muitas vezes passam despercebidas por milhares de indivíduos que transitam e moram na cidade.

A partir disso, iniciamos nossa pesquisa em busca de matérias que pudessem enriquecer a história desse grupo, no Rio de Janeiro, e foi então que percebemos que a imprensa da cidade, desde o século XIX, tinha uma grande riqueza de conteúdo sobre esse grupo para pesquisadores. Não foi diferente quando buscamos matérias nos jornais cariocas relacionadas aos chamados “turcos” na cidade do Rio.

Iniciamos nossas buscas analisando 140 matérias, de 1890 até 1930, no acervo da Biblioteca Nacional, que citavam sírios e libaneses. Percebemos que o período de 1900 – 1920 foi o que mais nos trouxe reportagens que atendiam o objetivo desse trabalho. Sendo assim, optamos por utilizar 46 matérias que consideramos mais relevantes. Nesse período, a imprensa mostrava:

⁸ Os estudos e interesse pelo tema vêm aumentando devido à grande presença de refugiados sírios que encontramos por toda a cidade.

⁹ Disponível: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Arq_Cultura&PagFis=21815&Pesq

¹⁰ Principalmente no Centro e na Tijuca, podemos citar como exemplo a Igreja Antioquina de São Nicolau, localizada na rua Gomes Freire, Lapa, construída entre 1918 e 1923. A Igreja Greco-Melquita de São Basílio e de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, situada na Rua República do Líbano, de 1941, e a Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro de 1951, em Vila Isabel.

[..] A imagem transformada em letras impressas nos jornais oferecia ao meio social uma representação adequada da verdade. As diferenças entre ficção impressa e as suas relações com o acontecimento passam a ser extremamente tênues. Para que a narrativa fosse acreditada como verídica, multiplicavam-se as provas de sua autenticidade. Nos diários, eram os boletins fixados à porta, ou a própria notícia, transformada em letras impressas. (...) O jornal passa a ser usado como arma polêmica e também através das suas novas técnicas tentava popularizar-se. Popularizar significava valorizar o grotesco, o violento, as matérias policiais. Essa valorização, muitas vezes levada ao extremo, fazia com que os fatos policiais, as tragédias do cotidiano, as catástrofes, fossem de fato o assunto principal. Popularizar significava também se transformar no intermediário entre público leitor e poder.¹¹

Ao analisarmos as matérias, a imprensa nos possibilitou observar as diversas formas pelas quais esses imigrantes foram vistos, além de nos trazer uma dimensão da complexidade e ambiguidade de suas relações internas e externas durante seu processo de inserção social na nova terra. Espanto, incômodo e simpatia com a presença desses imigrantes muitas vezes foram temas abordados nos jornais em circulação na cidade. Além disso, observamos através das mesmas que alguns indivíduos da chamada “Colônia Syria” utilizaram dos periódicos cariocas para uma autorrepresentação e fortalecimento de um estereótipo positivo do grupo. Os discursos que destacavam o empreendedorismo, a ascensão econômica sofrida e união do grupo, atrelado a um recomeço pacífico na nova terra, predominou em diversas narrativas e trabalhos sobre o tema. Tal esforço para o fortalecimento dessa imagem pode ser explicado devido a rótulos atribuídos a esses indivíduos de forma negativa por alguns setores cariocas. Já havia na sociedade brasileira um imaginário acerca dos povos do Oriente Médio quando os mesmos chegaram no Brasil. Esse imaginário, como veremos ao longo desse trabalho, estava pautado no Orientalismo europeu, que caracterizava esses povos como exóticos, repugnantes e de caráter duvidoso.¹² Entretanto, como aponta Jodelet Moscovic, as representações sociais são fenômenos complexos que sempre são ativados na vida social.¹³ Com isso, percebemos que a representação de um grupo muitas vezes ofusca as diferenças e apresenta uma imagem aparentemente homogênea.

¹¹ MACHADO, Izamara Bastos. A imprensa do Rio de Janeiro da Belle Époque. Dissertação (Título de Mestre em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2005. Pág 67.

¹² SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente / Edward W. Said, Tradução Rosaura Eichenberg 1º Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2007. Pág 71.

¹³ JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In. As representações sociais. Rio de Janeiro. Editora da UERJ. Pág 21.

Nesse sentido, essa dissertação tem como objetivo analisar a chegada e a inserção dos imigrantes sírios e libaneses na cidade do Rio de Janeiro entre 1900 e 1920, procurando identificar, através da imprensa, os indivíduos e as formas pelas quais construíram uma representação “coesa e similar”, que permaneceu em muitos estudos e narrativas. A partir disso, apresentamos os conflitos pouco explorados e ofuscados por esse representatividade construída por determinados segmentos do próprio grupo.

Nosso trabalho defende a hipótese de que, apesar desse discurso de homogeneidade e união articulado pelos colunistas sírios e libaneses, as cisões e os conflitos no interior desses grupos eram intensos, e muitos advindos das terras de origem, devido as hierarquias sociais e divisões religiosas no interior do grupo. Nossa segunda hipótese é de que os conflitos que ocorriam quando já estavam estabelecidos na cidade, eram movidos por disputas comerciais, jogos, brigas familiares, motivadas por heranças e casamentos. A exemplo, o caso dos patrícios e “camaradas” Boassar Lakar e Mario Henrique, moradores da praça da Republica que entraram em briga corporal, utilizando tacos de sinuca por causa do resultado insatisfatório de uma partida de bilhar.¹⁴

Com isso, levantamos os seguintes questionamentos: Quem foram os indivíduos que propagaram essa imagem atrelada à pacificidade e união? A convivência no interior dessas comunidades imigrantes foi isenta de conflitos? Eles foram mesmo recebidos de forma acolhedora pelos cariocas e por outros grupos de imigrantes presentes na cidade do Rio de Janeiro? Se existiram conflitos internos e externos, quais foram as principais causas?

Ressaltamos que utilizamos como metodologia a análise de documentos. Ou seja, procuramos durante todo o trabalho relacionar texto e contexto histórico, não desprezando os discursos encontrados e sempre os relacionando ao social. As matérias utilizadas como fonte durante os três capítulos desse trabalho, foram analisadas de forma cuidadosa, buscando a compreensão e análise da presença dos imigrantes sírios e libaneses na cidade, atrelados a conjuntura do Rio de Janeiro e a um olhar atento sobre os eventos que estavam ocorrendo na Grande Síria no mesmo período.

Além disso, buscando analisar as relações do interior e exterior do grupo de forma aplicada, utilizando como referencial teórico durante todo o trabalho as análises de Fredrik Barth , Phillippe Poutignat e Jocelyne Streiff Fernart . Com as análises dos

¹⁴ Jornal Gazeta de Noticias 1920. Edição 360. Disponível em : <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

autores, percebemos que “ a fronteira étnica é que define o grupo e não o conteúdo cultural delimitado por ela”¹⁵ ou seja, a identidade que se mantém através da interação com outros grupos é o que determina seu pertencimento. Sabendo que, um grupo ao ser coletivamente nomeado, acaba gerando uma solidariedade entre as pessoas designadas,¹⁶ observamos que a interação de sírios e libaneses com a sociedade brasileira as exo-definições atribuídas a eles, foram de suma importância para a construção e fortalecimento da identidade do grupo durante todo seu processo de inserção social.

Julgamos também importante frisar que escolhemos utilizar a terminologia “sírios e libaneses” pois, no recorte temporal analisado, a Síria e o Líbano não eram países independentes e esses imigrantes eram oriundos de cidades e vilas dessas duas regiões. Porém, a partir do segundo capítulo iremos englobar sírios e libaneses na categoria de “sírios”. Essa escolha deve-se ao fato de que a região que hoje corresponde ao Líbano e a Síria era chamada de “Grande Síria” até 1920. Nesse sentido, iremos perceber, nas matérias analisadas, que quando esses imigrantes não eram referidos de forma pejorativa como “turcos” eram chamados de “sírios” e que os próprios imigrantes e representantes da colônia se intitulavam como “sírios”. A distinção entre sírios e libaneses só começa a surgir na imprensa a partir de 1920¹⁷

Nesse sentido, o primeiro capítulo tem como objetivo fazer uma breve apresentação sobre a chegada e a inserção dos sírios e libaneses no Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX. Entretanto, consideramos relevante apresentar, de forma sucinta, alguns impactos causados pelo domínio do Império Otomano nas regiões da Síria e do Líbano no final do século XIX, já que a conjuntura desse período impulsionou milhares de indivíduos a emigrarem de suas terras em direção ao continente americano. A partir disso, nos encaminharemos para uma breve apresentação sobre a chegada e a inserção dos sírios e libaneses no Brasil. De forma mais detalhada, falaremos sobre o perfil desses imigrantes, seus principais polos de

¹⁵ BARTH, Fredrik. . O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Pág.34

¹⁶ POUTIGNAT, Phillipe; STREI, Fernart Jocely. Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo. Unespe, 1998. Pág 45.

¹⁷ As representações culturais produzidas pela sociedade brasileira que classificava os imigrantes árabes como “turcos” ou “sírios”, como aponta Pinto, teve um grande impacto nas reconfigurações identitárias na comunidade árabe. A identidade “sírio-libanes” foi ganhando espaço tornando-se o termo de identificação dos imigrantes árabes. Encontramos a nomenclatura “sírio-libanes” no decorrer das nossas análises pela primeira vez em 1920 no periódico “ A Razão” mostrando que o termo já vinha sendo reivindicado por alguns segmentos da colônia antes mesmo do Tratado de Lausanne , em 1923.

atração, ofícios e as formas pelas quais tentaram inserir-se na sociedade brasileira. No início do século XX, o Brasil tinha uma política imigratória pautada em parâmetros raciais, que selecionava o imigrante do tipo ideal para o progresso brasileiro.¹⁸ Nesse contexto, percebemos em qual categoria esses imigrantes se situavam e a articulação que os mesmos fizeram de suas identidades para melhor aceitação da sociedade brasileira.

Com isso, falaremos sobre a chegada desses imigrantes no Rio de Janeiro e a forma pela qual foram retratados pela imprensa carioca. O intuito é exemplificar, através de algumas matérias do período, as diversas formas pelas quais esses imigrantes foram apresentados, entendendo os motivos para as diferentes abordagens em relação a esse grupo.

No capítulo dois, identificamos os sujeitos que criaram e divulgaram a autorrepresentação de um grupo étnico “*unido, trabalhador*” e, principalmente, “*amigo*” dos brasileiros. Para isso, apresentamos algumas produções acadêmicas que corroboram para a construção dessa imagem sobre a comunidade na cidade. Em seguida, mostramos a origem dessa disseminação, que teve início com imprensa árabe, desenvolvida no Brasil no final do século XIX. Em seguida, mostramos que a imprensa árabe não foi a única propagadora dessa imagem. Identificamos em nossa pesquisa a presença de matérias/colunas redigidas por simpatizantes da colônia e alguns jornalistas sírios em periódicos de alta circulação do período, tais como os jornais “A Razão”, “A União”, “Gazeta de Notícias (RJ)” e “O Fluminense”. O intuito é exemplificar, através desses periódicos, as formas de representações mobilizadas pelos mesmos para aprofundar cada vez mais sua inserção social e econômica na cidade.

Por fim, o terceiro capítulo tem como intuito contrapor o segundo capítulo, buscando trazer um novo olhar sobre as relações no interior da colônia síria na cidade do Rio de Janeiro. Nosso intuito é contribuir para uma análise mais ampla dessas relações ao mostrar que os conflitos no interior desse grupo eram constantes e, com isto, indicar que essas relações não eram apenas pautadas na tolerância e amizade, como foram muitas vezes apresentadas pelos intelectuais da colônia.

¹⁸ MORAES, Ana Luisa Zago de. A formação da política imigratória brasileira: da colonização ao Estado Novo. Revista da Faculdade da UFRGS ;SEYFERTH, Giralda. Imigrantes, estrangeiros : a trajetória de uma categoria incomoda no campo político. Mesa redonda Imigrantes e Emigrantes: as transformações das relações do Estado Brasileiro com a migração. 26º reunião de antropologia. Porto seguro, 2008.

Para isso, julgamos necessário iniciar o capítulo mostrando que a historiografia tradicional sobre imigração de sírios e libaneses nos diz sobre os conflitos na colônia. Em seguida, apresentamos ao leitor algumas matérias que mostravam desavenças entre jornalistas sírios no início do século XX. Analisamos os motivos que causaram atritos entre esses imigrantes na cidade, principalmente na rua da Alfândega e seus arredores, utilizando como fontes as ocorrências de rua que eram divulgadas por alguns jornais como “*A Gazeta de Notícias*”, “*A Lanterna*”, “*Revista da Semana*”, “*A União*”, “*A Razão*”, “*O Fluminense*” e “*A Noite*” no Rio de Janeiro, entre 1900- 1920. Por último, abordamos as relações da colônia síria com brasileiros e outros grupos de imigrantes, mostrando que as relações externas à colônia também não foram isentas de conflitos.

Capítulo 1 – “A TURQUIA E A SYRIA SE MUDAVAM PARA A AMÉRICA!”

O título desse capítulo foi retirado da matéria de 1920 do jornal “*O Imparcial*” que abordou a chegada de centenas de imigrantes oriundos da Grande Síria através do navio “*Indian*” na Guanabara. Porém, embora o fluxo de sírios e libaneses tenha sido um destaque na década de 1920, a presença desses imigrantes já se fazia muito expressiva e percebida na cidade desde o final do século XIX.

Dessa maneira, o capítulo se constrói como um primeiro contato com nosso objeto de estudo, trazendo uma breve apresentação, sobre a chegada desses indivíduos na cidade, seus pontos de concentração, ofício e a repercussão dessa presença nos meios cariocas. Além disso, iremos iniciar uma problematização das relações internas e externas do grupo estudado, através de conceitos e análises que serão aprofundadas no decorrer da pesquisa.

1.1 O IMPÉRIO TURCO- OTOMANO E A DIÁSPORA DOS SÍRIOS E LIBANESES

A região onde hoje está situada a Síria e o Líbano foi ocupada pelo Império Otomano durante quatro séculos¹⁹. No período imediatamente após as conquistas das províncias árabes, ocorreu um aumento da população devido à prosperidade do Império. O domínio mulçumano foi responsável pela ordem urbana com forças policiais distintas para o dia e a noite, guardas nos vários quarteirões e cuidadosa supervisão dos serviços públicos como abastecimento de água, limpeza, iluminação nas ruas e combate a incêndios.²⁰

O Império era fiscal, tendo impostos recolhidos para servir a corte em troca de proteção militar. Em Damasco, Alepo, Beirute, Trípoli, Jerusalém e Cairo, os produtores rurais realizavam os pagamentos visando a proteção das rotas comerciais e das áreas agrícolas.

As áreas montanhosas e desérticas, como o Monte Líbano, não recebiam atenção do Império devido à sua pouca produtividade. A autonomia e a liberdade religiosa não eram um problema, contanto que as mesmas não interferissem nas zonas de interesses do governo otomano. Com isso, essas áreas passaram a ser atrativas para comunidades religiosas (cristãs em sua maioria), que não eram adeptas do islã a religião oficial do império. Os cristãos desse período foram inseridos na sociedade otomana, tornando-se importantes intermediários com os mercadores europeus. Compravam e distribuíam produtos trazidos da Europa por Alepo e em outros lugares. Segundo Pinto:

O Império Otomano seguia o modelo tradicional das sociedades mulçumanas da integração de membros de outras religiões reveladas. Cristãos, judeus e zoroastras²¹ eram considerados como ‘povos do livro’ (Ahl al – Kitab), ou seja, como possuidores de religiões reveladas que os inscreviam na história profética culminada com a revelação do próprio islã. Como participantes parciais na verdade revelada, os adeptos dessas religiões podiam viver nas sociedades governadas pelos mulçumanos com o status de *dhimmi* (protegido). Os dhimis tinham liberdade de culto, o direito de serem julgados por tribunais que aplicavam o código legal de sua tradição religiosa e recebiam proteção militar do Estado.²²

¹⁹ O Império Otomano ocupou a região em 1516 até fim da Primeira Guerra Mundial, quando entrou em declínio.

²⁰ HOURANI, Albert Habib. Uma história dos povos árabes. Companhia das Letras. São Paulo, 1994. Pág 242, 1994

²¹ O zoroastrismo foi uma religião proveniente da antiga Pérsia de caráter monoteísta.

²² Idem. Pág 25.

Apesar de não serem excluídos da sociedade otomana, Knowlt aponta que, cristãos de todos os tipos de seitas tinham uma posição inferiorizada na política e nessa sociedade. As restrições e taxas eram altas e nos períodos de paixão política e religiosa, eram geralmente vítimas de ofensas e massacres.²³

Quando a região do Líbano e da Síria foram ocupadas em 1831 pelo egípcio Ibrahim Pachá, uma reforma administrativa ocorreu. A nobreza local teve seus poderes limitados e instaurou-se um aumento significativo da tolerância religiosa, acarretando a vinda de muitos missionários protestantes estrangeiros e a um aumento dos direitos dos cristãos na sociedade.

Para agravar ainda mais a situação, em 1860, ocorreu a intensificação dos conflitos religiosos e sociais entre drusos e maronitas²⁴. Com o apoio das autoridades turcas, um massacre foi realizado em toda região da Grande Síria.²⁵ Missionários e comerciantes ingleses e norte-americanos passaram a oferecer apoio aos cristãos e jornalistas estrangeiros começaram a entrar na região. Nesse momento, com a elaboração de matérias que abordavam as condições religiosas, sociais e políticas dos cristãos, as potências europeias e os norte-americanos passaram, cada vez mais, a olhar com interesse para essas áreas.²⁶

Devido ao massacre de 1860, milhares de pessoas fugiram do Monte Líbano para Damasco. Com rumores sobre uma possível invasão das tropas francesas em Damasco, um violento ataque ao bairro cristão foi realizado na cidade. A partir disso, França passou a justificar sua intervenção militar, com tropas chegando a Beirute, com o intuito de pressionar as autoridades otomanas a intervir no massacre em Damasco.²⁷ O massacre de 1860 foi apontado muitas vezes, como o principal motivo para a emigração em massa para países cristãos, pois, esses indivíduos perceberam que “a qualquer

²³ KNOWLTON, Clark. Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial. São Paulo: Anhembi, 1960. Pág19

²⁴ Os drusos são provenientes de um ramo do islamismo, que se formou aproximadamente no século XI d.c . Já os maronitas fazem parte do cristianismo, originários do norte da Síria. HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo. Ícone. 1985. Pág 49.

²⁵ A Grande Síria foi a denominação dada ao território dominado pelo Império Otomano, que hoje inclui as regiões do Líbano e da Síria. Essa denominação ocorreu até a Primeira Guerra Mundial. TRUZZI, Oswaldo. Sírios e Libaneses. Narrativas de História e Cultura. Companhia Editora Nacional. São Paulo. 2005.Pág 93.

²⁶ KNOWLTON, Clark. Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial. São Paulo: Anhembi, 1960(22).

²⁷ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010.Pág 31.

momento podiam ser vítimas de novo massacre”.²⁸ Entretanto, novos estudos, como de Pau, apontam que:

Embora a emigração tenha-se iniciado a partir de 1870 para os Estados Unidos, e de 1880 para o Brasil e Argentina, o movimento migratório só apareceu como fenômeno significativo para esses países a partir de 1887, ou seja, quase três décadas após os massacres dos cristãos no Monte Líbano e em Damasco. Essa relação se revela ainda mais frágil quando se sabe que o período de 1860 foi de grande prosperidade no Monte Líbano.²⁹

Além disso, outros fatores além do massacre de 1860 podem ser pontados como impulso para essa emigração. Até início do século XX, os cristãos do Império Otomanos eram isentos do serviço militar. Os mulçumanos relutavam em armar aqueles que não seguiam a religião do Império, e até mesmo os próprios mulçumanos não tinham interesse em alistar-se, pois, servir ao exército significava abdicar de seus lares e sobreviver em condições precárias. Percebemos que, esse cenário mudou quando a partir de 1900, quando o Império Otomano encontrou uma série de dificuldades nas guerras balcânicas, impondo a partir desse momento, o recrutamento militar obrigatório, fazendo com que milhares de jovens abandonassem a região.³⁰

Após a Primeira Guerra Mundial, com a derrota dos aliados turcos, os povos subjugados acharam que iriam obter apoio dos franceses e assim, finalmente, alcançar sua autonomia. Porém, a Inglaterra e a França haviam dividido o território após a derrocada otomana (ficando com a França as regiões do Líbano e da Síria) num acordo chamado Sykes-Picot, em 1916. Milhares de imigrantes que estavam com a expectativa do retorno depararam-se com a realidade do domínio francês. Taufik Duon, intelectual libanês, imigrante no Brasil, relatou no início da década de 1940 a frustração dos sírios e libaneses que viram a possibilidade do retorno, desaparecendo:

Lembro-me de que, em 1919, esta corrente se preparava espontaneamente para empreender a viagem de retorno, tendo alguns, na contemplação de viverem livre e comodamente na sua pátria de origem, liquidado os seus negócios e regressado para se estabelecerem definitivamente em algum negócio rendoso. No mesmo tempo, outros estavam se preparando para tomar o mesmo rumo, logo que receberam notícias alarmantes, logo seguidas de narrações verbais contadas pelos pioneiros que voltaram insatisfeitos e

²⁸ KNOWLTON, Clark. Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial. São Paulo: Anhembi, 1960. Pág22.

²⁹ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 31,2010)

³⁰ Idem. Pág 38

desenganados. Ficou então patente que o projeto não passava de um dourado sonho completamente desvanecido; E assim decidiram êstes pela permanência definitiva, reassumindo e renovando os seus negócios. Quem podia então profetizar por que haviam os franceses procedido a uma política prejudicial, tanto para o país sob mandato como para êles mesmos?³¹

Os libaneses só conseguiram sua independência em 1943 e os sírios, três anos depois, em 1946 quando as tropas francesas foram retiradas. Devido a todo esse contexto político conturbado, muitos decidiram emigrar e quem pensava em retornar, em muitos casos, resolveu permanecer no país. Além das questões políticas e dos conflitos religiosos, economicamente, o final do século XIX foi um período difícil na Grande Síria. Doenças e pestes atingiram essas regiões paralelamente a um aumento da natalidade em um cenário de relativa pobreza dos terrenos secos e montanhosos.

A decadência em indústrias tradicionais e a produção de seda uma indústria caseira e a principal fonte de renda de centenas de aldeias, foram seriamente prejudicadas pela abertura do canal do Suez, que permitiu a introdução da seda japonesa e chinesa na Europa mais barata.³²

Sendo assim, observamos que, não temos como apontar apenas um fator para a diáspora de sírios e libaneses. Porém, os efeitos políticos e sociais desencadeado pelo posicionamento dos otomanos nesse período, impulsionaram condições para que a emigração surgisse como uma estratégia individual e coletiva em diversas esferas da sociedade.

Devido a esse contexto, inicialmente, muitos migraram para cidades próximas como Beirute ou Damasco ou se direcionaram para os grandes centros urbanos do Império, como Istambul. Alguns optaram pelo Egito, rota já conhecida. Mas, a vinda para a América surgiu como a opção que mais agradava. Podemos explicar essa atração pelo continente devido à influência de missionários norte-americanos que, depois de 1860, visitavam vilas cristãs distribuindo roupas, alimentos e dinheiro para os habitantes. Após a fase mais conturbada do massacre, turistas começaram a entrar na região, distribuindo gorjetas generosas fortificando “a impressão estereotipada de que a América era uma terra de inesgotável riqueza”³³. As escolas estrangeiras começaram a

³¹ DUON, Taufik. A emigração sírio-libanesa às terras de promessa. São Paulo, editora Árabe, 1944. Pág 31.

³² KNOWLTON, Clark. Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial. São Paulo: Anhembi, 1960. P 21.

³³ KNOWLTON, Clark. Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial. São Paulo: Anhembi, 1960. P 22.

surgir em várias partes do Líbano e da Síria, gerando um imaginário muito positivo em relação à América.³⁴ Como aponta Pinto:

Mais importante que esses fatores de divulgação da América como ‘terra da promessa’ foi a ação dos missionários protestantes e suas instituições de ensino. Embora missionários ingleses e norte-americanos atuassem no Oriente Médio desde o início do século XIX, sua atividade tornou-se mais intensa a partir de 1860. Com a criação da *Mutassarifiyya* do Líbano, as missões protestantes criaram sua base em Beirute, de onde podiam atuar diretamente no Monte Líbano.³⁵

A explicação pela escolha do Brasil ainda é incerta e debatida pelos estudiosos do tema. Pela análise de Clark Knowlton, o Brasil não surge como uma escolha para emigração, e sim como uma ponte para se chegar até os Estados Unidos.

Ao que parece, os primeiros sírios e libaneses emigraram para o Brasil por não terem conseguido visto para os Estados Unidos ou por terem pressentido que era mais fácil entrar nos Estados Unidos partindo do Brasil do que da Síria ou do Líbano. Entre os primeiros grupos de sírios e libaneses a entrar nos Estados Unidos houve muitos que, devido a doença dos olhos, analfabetismo, ou outras deficiências pessoais, não puderam ficar. As companhias de navegação que os transportaram foram legalmente solicitadas a leva-los de volta ao seu país de origem. Em vez de carregar os infelizes imigrantes até a Síria e o Líbano, elas frequentemente os desembarcavam no Rio de Janeiro e outros portos, dizendo-lhes que isso também era América. Logo se espalhou pelo Oriente Médio a notícia de que era difícil entrar nos Estados Unidos. Muitas pessoas, receosas de não poder entrar nos Estados Unidos, emigraram para os países como o Brasil, onde não havia barreiras.³⁶

Pinto critica tal interpretação indicando que, embora Knowlton tenha escutado em alguns relatos a afirmação de que muitos imigrantes oriundos do Oriente Médio vieram para o Brasil pensando estar a caminho dos Estados Unidos, nenhum deles se referia à família do narrador, indicando mais um artifício de incerteza em torno das histórias concretas em relação a essa imigração. Essa incerteza pode ser caracterizada pela ideia de uma mitologia imigratória que correspondia à experiência de outros tantos imigrantes, que diante de situações diversas, reavaliavam seus planos de acordo com as

³⁴ Idem. P. 23

³⁵ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 34.

³⁶ Ibidem. Pág 34

diferentes situações encontradas pelos caminhos que se impunham durante o percurso que os direcionava à nova morada.

Entretanto, outros autores, como Oswaldo Truzzi,³⁷ e André Gattaz³⁸ seguem a mesma perspectiva de Knowlton, ao afirmarem que esses imigrantes direcionaram-se ao Brasil devido à dificuldade para entrar nos Estados Unidos atrelados à falta de conhecimento geográfico sobre a América. Porém, não descartam que a atração em relação ao país possa ter sido incentivada devido à chegada de informações sobre a liberdade de culto e as possibilidades de ascensão social devido ao desenvolvimento do Brasil no período.

Outras explicações, como as de Claude Hajjar³⁹ atribuem a imigração dos sírios e libaneses para o Brasil devido às viagens de D. Pedro II ao Oriente próximo no final do século XIX, que teria estimulado a imigração voluntária desse grupo ao Brasil. A autora tenta defender essa hipótese afirmando que pesquisadores, historiadores e cientistas políticos, mostraram que, as visitas do imperador na região tinham como intuito despertar o interesse daqueles povos pelo Brasil, com o objetivo de estimular a imigração de mão de obra para o país, já que o trabalho escravo estava próximo do fim. Pinto concorda com a autora, embora não afirmando, que essa visita pode ter despertado um imaginário positivo nos imigrantes, já que o Imperador descreveu o Brasil como um país moderno e aberto a esse grupo, como relata T. Duon.⁴⁰

E' também sabido que que o próprio Imperador Dom Pedro II empreendeu uma excursão ao país dos sagrados cedros, onde foi tão bem recebido e venerado eu voltou com a melhor das impressões e as mais duradouras das lembranças. Para patentear o seu contentamento se dignou de manifestar o desejo de ver no seu querido Brasil o maior número possível dos filhos do Líbano, prometendo-lhes toda proteção e assegurando -lhes voltar prósperos e felizes. Sua majestade cumpriu fielmente as suas promessas. Em apoio de minha afirmativa reproduzo o seguinte episódio que me foi relatado por um antigo imigrante: Sua Majestade, passeando um dia a pé, deparou com um jovem mascate com quem simpatizou, pelos sinais de inteligência que vislumbrou na sua fisionomia, e por isso dignou-se a dirigir-lhe algumas perguntas, que o pobre não pôde responder senão com palavras balbuciadas e incompreensíveis. Apesar disso, Sua Majestade ficou interessado e simpatizante, a ponto de deixar nas mãos trêmulas do rapaz o seu cartão, dando-lhe a entender com gestos, que se tratava de um convite para visita-lo no dia seguinte. No dia seguinte, foi ao palácio, e graças ao cartão que

³⁷ TRUZZI, Oswaldo. Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Sumaré, 1991. Pág 26.

³⁸ GATAZZ, André. Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes. São Paulo. Pág. 87

³⁹ HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo. Ícone. 198

⁴⁰ GATAZZ, André. Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes. São Paulo. Pág. 87 Pág. 36

levava, foi conduzido a presença de Sua Majestade, que o recebeu carinhosa e bondosamente, oferecendo-lhe um valioso auxílio”⁴¹

Essa afirmação é debatida por Samira Osman,⁴² que aponta em suas pesquisas ausência de material que afirme a intenção de D. Pedro II. Esses relatos, envolvendo o Imperador foram encontrados em livros não acadêmicos escritos por imigrantes,⁴³ e que através da repetição, segundo a autora, muitos passaram a interpretar como verdade.

Hajjar também aponta que, o início da “Nahda” ou do “Renascimento” cultural e político pode também ter sido um dos fatores que impulsionaram a escolha pelo Brasil. Após um intenso contato com o Ocidente, como vimos anteriormente, intelectuais sírios e libaneses passaram a reivindicar espaço para liberdade de pensamento crítico e cultural, reprimido pelo Império Otomano. A partir disso, o Brasil surge como a possibilidade de “criar, viver florescer em liberdade e sem opressão, dando pleno ímpeto ao seu desenvolvimento”⁴⁴. Sendo assim, no Brasil, esses imigrantes poderiam continuar com sua produção intelectual, que já estava muito presente no Oriente Médio.⁴⁵

As análises dos autores citados são de extrema relevância para este trabalho. Clark Knowlton é a maior referência sobre a imigração sírio e libanesa no Brasil. Foi o primeiro a realizar um estudo científico sobre esse grupo no país, trazendo um rico material com aspectos demográficos e culturais que são utilizados por todos os autores citados acima, e como principal referência nesse trabalho. Em contrapartida, Pinto, Hajjar, Truzzi, Osman, Gattaz apresentam trabalhos inovadores, com novos dados e com uma rica revisão sobre o tema.

Sendo assim, inferimos que, muitos motivos podiam fazer com que os imigrantes repensassem seu destino. As notícias sobre as cotas de imigração nos Estados Unidos, informações verdadeiras ou falsas, atraso do navio ou da emissão de

⁴¹ DUON, Taufik. A emigração sírio-libanesa às terras de promessa. São Paulo, editora Árabe, 1944. Pág 87.

⁴² OSMAN, Samira. Livro traz retrato da imigração árabe no Brasil. Agência USP de notícia, 15 de maio de 2012. Entrevista concedida à Valéria Dias. Publicado em : <http://www.usp.br/agen/?p=97640>

⁴³ Taufik Duon foi um intelectual imigrante libanês do início do século XX, que fez esses relatos em relação a D. Pedro II. Sua obra tinha como intuito tornar o grupo dos sírios e libaneses mais conhecidos no país e esclarecer equívocos sobre os mesmos. Percebemos durante toda a obra, a tentativa do escritor em propagar uma grande união entre sírios, libaneses e brasileiros. Sendo assim, deduzimos que essa “propaganda” sobre o contato de Pedro II com o oriente, possa ter sido uma estratégia, assim como muitas outras, para cativar a simpatia da sociedade brasileira.

⁴⁴ HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo. Ícone. 1985 Pág. 32

⁴⁵ CURI, Guilherme. A diáspora recriada: Surgimento e expansão dos periódicos da comunidade sírio-libanesa no Brasil. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Alternativa, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015. Pag 2

visto e notícias e informações trocadas nos portos de Marselha e Gênova, Além, claro, de notícias trazidas pelos imigrantes que retornavam ao Oriente Médio, faziam com que esses imigrantes recalculassem sua rota. Com isso, observamos que a escolha pelo Brasil foi fruto de uma série de informações e circunstâncias diferenciadas, não sendo possível apontar apenas um fator para a escolha desse destino.

Entretanto, antes de falarmos sobre a chegada e a inserção social dos sírios e dos libaneses na sociedade brasileira das primeiras décadas do século XX, é relevante contextualizar brevemente o leitor sobre os critérios e sobre as políticas imigratórias no Brasil. Abordaremos essa questão no próximo tópico.

1.2 - A QUESTÃO IMIGRATÓRIA NO BRASIL NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX

A abolição da escravatura no final do século XIX, foi um dos grandes impulsos para incentivar a vinda de trabalhadores estrangeiros para o Brasil⁴⁶. O fim da escravidão tornou-se um fator indispensável para que o Brasil alcançasse a tão almejada civilização. O principal objetivo era que os imigrantes fossem direcionados principalmente para as plantações de café nas grandes fazendas do interior de São Paulo em substituição ao trabalho escravo. Com isso, foi criado o Departamento de Imigração e Colonização de São Paulo, filiado à secretaria da Agricultura que tinha a intenção de estimular as Companhias de Imigração, que possuíam concessão para trazer os imigrantes europeus para as lavouras de café, modificando assim, a campanha de imigração para uma campanha de arrecadação de mão de obra.⁴⁷

Nesse contexto, percebemos que os discursos do tipo abolicionistas surgiram enfatizando a necessidade da substituição da mão - de - obra escrava para a livre. No entanto, esse discurso, não visava “a passagem da condição social de escravo para de cidadão livre, mas à substituição do escravo negro e mestiço pelo imigrante branco –

⁴⁶ Seyferth aponta que, por mais que as estatísticas sejam incertas, podemos calcular que entre 1819 e 1947 entraram no Brasil 4.903.991 imigrantes. Com estudos atualizados pautados nas estatísticas de Carneiro e Diegues Jr o número entre 1820 e 1970 passa para 5.600.000 imigrantes, tendo seu auge em 1890-1899. SEYFERTH, Giralda . Imigração e cultura no Brasil. Brasília .Ed da UNB,1990.Pág 12.

⁴⁷ MORAES, Ana Luisa Zago de. A formação da política imigratória brasileira: da colonização ao Estado Novo. Revista da Faculdade da UFRGS. Volume especial, 2014 de direito.Pág147.

este sim considerado o trabalhador livre por excelência”.⁴⁸ Deste modo, como aponta Moraes:

A mão de obra imigrante era, portanto, a solução à carência de braços no campo. Era trabalhadora e barata, e possível, segundo parecia aos interessados, de ser paga com os mais baixos salários, em troca somente da sobrevivência “ [...] algo assim, como a escravatura em nova em nova versão, versão século vinte.” Nessa época, considerava-se que os libertos tinham o vício original de não gostar de trabalhar, o que era uma mácula moral cuidando –se do “mito da vadiagem e da preguiça natural do brasileiro.” Nesse sentido, ao invés de “educar o liberto” decidiu-se pelo que “seria mais econômico, encontrar quem já tivesse a virtude natural⁴⁹

O projeto de imigração no período citado visava introduzir imigrantes europeus no país, para que através da miscigenação, o branqueamento fosse possível. Com isso, a população alcançaria um fenótipo branco. Esse ideário branco partia das ideias apoiadas pelos darwinistas sociais⁵⁰ e influenciaram vários intelectuais durante o final do século XIX e início do século XX.

“Resumidamente, as ideias que persistiam entre esses intelectuais, influenciaram posteriormente o campo político, Francisco Campos, Azevedo Amaral, Gustavo Barroso e Alceu Amoroso Lima exemplificativamente – e que foram retomadas nos anos 30 podem ser assim enumeradas: (a) admitem a existência de raças superiores e inferiores; (b) delegam às raças, manifestações que decorrem de fatores sociais; (c) afirmam a ideia de inferioridade do mestiço; (d) confirmaram a influência negativa do sangue negro em todas as civilizações; (e) propõem a formação de uma população eugênica; (f) necessidade de controlar a imigração, incentivando a entrada de elementos arianos.⁵¹

⁴⁸ SEYFERTH, Giralda. Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incômoda no campo político. In: SOUZA LIMA, Antonio Carlos de (Org.). (Org.). Tutela: formação de Estado e tradições de gestão no Brasil. 1ed. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais / LACED, 2014, v., p.12

⁴⁹ MORAES, Ana Luisa Zago de. A formação da política imigratória brasileira: da colonização ao Estado Novo. Revista da Faculdade da UFRGS. Volume especial, 2014 de direito. Pág 148

⁵⁰ Os darwinistas sociais acreditavam que, através da operação da seleção natural, podiam ser criadas raças puras apesar da diversidade (baseando-se na convicção da superioridade branca); e principal inventor do mito ariano de conteúdo racial Gobineau (1853) afirmava que a dosagem certa de mistura de arianos com povos inferiores teria sido fundamental para desencadear os processos civilizatórios, embora a mestiçagem descontrolada fosse causa principal da decadência das civilizações. Estas contradições, na realidade, serviram muito mais as formulações racistas brasileiras do que o dogma da degenerescência da mestiçagem e da superioridade racial dos brancos europeus. SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. 1995. Pág 181)

⁵¹ MORAES, Ana Luisa Zago de. A formação da política imigratória brasileira: da colonização ao Estado Novo. Revista da Faculdade da UFRGS. Volume especial, 2014 de direito. Pág 148

A eugenia de natureza racial teve intensa influência nas políticas migratórias dos países ocidentais desde seu aparecimento como ciência dedicada ao controle de populações.⁵²

A ideia de eugenia, já delineada como prática de intervenção, porém, surgiu em 1869, discutida por Galton, numa apropriação da noção darwiniana de seleção natural. A pretensão dessa “ciência” era, por um lado, o melhoramento racial, supondo a superioridade biológica dos europeus (ou “brancos”) e, por outro lado, a exploração das aptidões individuais a partir da crença nas vantagens hereditárias dos indivíduos bem sucedidos.⁵³

No 1º Congresso Brasileiro de Eugenia, a discussão sobre eugenia racial esteve atreladas as questões imigratórias, junto a debates de higiene e saúde. Com isso, percebe-se que a imigração passa a ser analisada com critérios raciais e de segurança política e social, exigindo assim, um rigor na seleção dos imigrantes.⁵⁴ Imigrantes negros e asiáticos eram vistos como uma representação de atraso para o país. Dentro dos discursos do período, os negros eram vistos como detentores de uma raça inferior, responsáveis pelo atraso do Brasil, e os asiáticos, eram vistos como povos de difícil assimilação, culturalmente distantes e falidos, como caracterizavam os chineses. Nesse sentido, os imigrantes desejáveis eram os europeus, como foi dito, e o efeito esperado era, sua total integração na sociedade brasileira. Tinham que estar dispostos a submeter-se a um processo de assimilação total, física e cultural, para que o Brasil se tornasse "uma nação brasileira ideal, configurada como ocidental, de civilização latina e população de aparência branca."⁵⁵

Sendo assim, percebemos que, embora a legislação imigratória brasileira no final do século XIX fosse considerada mais flexível comparada com a norte-americana, seria ilusão acharmos que a visão romantizada do senso comum do Brasil, como um país receptivo para todos os povos seja real. A partir disso, nos questionamos sobre a categoria em que os sírios e libaneses foram enquadrados, já que, *a priori*, não correspondiam a nenhuma das categorias propostas, pois não eram definidos como

⁵² Idem. Pág. 2.

⁵³ Ibidem. Pág 2

⁵⁴ SEYFERTH, Giralda. Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incômoda no campo político. In: SOUZA LIMA, Antonio Carlos de (Org.). (Org.). Tutela: formação de Estado e tradições de gestão no Brasil. 1ed. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais / LACED, 2014, v. , p.12

⁵⁵ SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. 1995. Pág.181

negros ou asiáticos, mas também não foram considerados europeus. Porém, através de nossas análises de fontes e utilizando o trabalho de Lesser ⁵⁶sobre essa questão, percebemos que apesar de não ter existido uma categoria específica para o grupo, devido as diversas opiniões e falta de definições sobre a presença do grupo no Brasil, os imigrantes árabes não estavam isentos de ataques de cunho eugenistas por parte da população brasileira. Iremos explorar esta questão mais a fundo nos itens 1.4 e 1.5 deste capítulo.

1.3- A CHEGADA DOS SÍRIOS E LIBANESES NO BRASIL

Obter dados precisos sobre imigração dos sírios e libaneses dentro do Brasil durante o final do século XIX e início do XX ainda é uma dificuldade entre os estudiosos do tema. Antes de 1934, eram considerados imigrantes apenas aqueles estrangeiros que viajavam na terceira classe dos navios e que desembarcavam nos portos brasileiros. Os viajantes da primeira ou da segunda classe eram considerados visitantes, dificultando nossas análises em relação às estatísticas, pois, os passageiros de segunda e primeira classe não eram registrados. Além disso, antes de 1874 havia uma grande dificuldade em obter-se uma documentação e dados exatos fornecidos pelas agências governamentais. Como indica Knowlton:

A Revista de Imigração e Colonização e o Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, em 1942, registram os primeiros imigrantes sírios e libaneses em 1891. Entretanto, outro número do mesmo boletim em 1945 consigna os primeiros imigrantes como tendo entrado no Brasil em 1871. Essa última data é confirmada pelo censo de 1876, que menciona três “turcos” na cidade do Rio de Janeiro e no Estado do Rio Grande do Sul. Diversas biografias revelam que os seus autores estavam no Brasil no início de 1880. À luz dessa evidência o ano de 1871 é aceito como a data em que os primeiros sírios e libaneses entraram no país. ⁵⁷

⁵⁶ LESSER, Jeffrey. Construindo o espaço étnico. *In: A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo. Unesp. 2015.

⁵⁷ KNOWLTON, Clark. Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial. São Paulo: Anhembi, 1960. Pág

Além da dificuldade nos dados de imigração, a classificação foi outro ponto que dificultou a precisão exata de entrada de sírios e libaneses no país⁵⁸.

Até 1892, todos os imigrantes oriundos do Oriente Médio foram classificados como turcos devido o passaporte emitido pelo Império Turco-Otomano, impossibilitando a identificação das regiões de onde provinham esses imigrantes. Após 1892, os “sírios” passaram a ser inscritos separadamente. A classificação síria englobava os imigrantes vindos do Líbano, já que, até a Primeira Guerra Mundial o Líbano era considerado parte da Síria.⁵⁹ A partir de 1926, com a criação do Líbano, o “libanês” passou a ser utilizado para classificar os oriundos que vinham dessa nova entidade política.⁶⁰

A partir das análises feitas em cima do trabalho pioneiro de Knowlton⁶¹ e dos mais recentes como o de Paulo Hilu da Rocha Pinto⁶² e Murilo Meihy⁶³ percebemos que, a imigração árabe foi a sétima maior do Brasil entre os anos de 1871 e 1942, tendo um total de 106.184 oriundos das regiões da Síria, Líbano, Armênia, Palestina, Egito, Marrocos e Argélia entraram no Brasil, sendo que a grande maioria eram sírios e libaneses juntos com alguns milhares de armênios.

TODOS OS IMIGRANTES	4.195.832	100%
Italianos	1.412.880	33,7
Portugueses	1.224.274	29,2
Espanhóis	582.536	13,9
Japoneses	188.769	4,5
Alemães	172.347	4,1
Russos	108.168	2,6
Turco – árabes	106.088	2,5

⁵⁸ Oswaldo Truzzi utiliza o ano de 1870 como referência para a entrada dos sírios e libaneses no Brasil, pautado nas tabelas fornecidas por Knowlton . TRUZZI, Oswaldo. DE MASCATES A DOUTORES: sírios e libaneses em São Paulo, Sumaré – série imigração, 199

⁵⁹ Ibidem. Pág 28.

⁶⁰ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 49.

⁶¹KNOWLTON, Clark. Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial. São Paulo: Anhembi, 1960.

⁶² PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010.

⁶³ MEIHY, Murilo. Os libaneses. Editora Contexto. São Paulo.2016

Dentro da categoria de “turco – árabes” encontramos 78.541 classificados como turcos, 20.538 sírios, 5.206 libaneses, 825 armênios 648 egípcios, 329 marroquinos e um argelino.⁶⁶ Esses dados nos mostram que, as estatísticas foram muito prejudicadas devido pluralidade étnica desses imigrantes. Porém, foi no início do século XX que a imigração de sírios e libaneses obtiveram seu maior número. Com o recrutamento militar turco, vários homens em idade militar resolveram emigrar, aumentando a entrada desses indivíduos no Brasil. Segundo Knowlton:

Desde o ano de 1903 até 1915, 43.442 pessoas entraram no Brasil. Dessas, cerca de mil entraram anualmente até 1908. Então, o número de entradas subiu a 4.000. No ano de 1910 subiu para cerca de 6.000, e no ano de 1913, para 11.101 imigrantes, o maior número de todos os anos.⁶⁷

Com o início da Primeira Guerra Mundial, percebemos que as levas imigratórias começaram a diminuir, pois, poucos puderam sair da região. Com o período turbulento do pós- guerra, a imigração começou a aumentar novamente, atingindo 7.308 imigrantes no ano de 1926⁶⁸. A partir de 1930, com a adoção de cotas no governo Vargas, o número de imigrantes de origem síria e libanesa reduziu comparado aos anos anteriores. A imprecisão dos dados referentes à quantidade de imigrantes nas regiões brasileiras também foi um empecilho. O que se sabe é que, nos primeiros anos de 1900, os três principais polos de atração foram a Amazônia, São Paulo e Rio de Janeiro⁶⁹.

A maior parte dos imigrantes sírios e libaneses que chegaram ao Brasil, no início do século XX eram homens solteiros, cristãos que vinham de uma linhagem de agricultores de pequenas propriedades. Todavia, a maior parte desses homens dedicaram-se à mascateação. Isso se explica através da nossa percepção sobre um conjunto de fatores. A maioria dos imigrantes vieram sem recursos pra se estabelecerem

⁶⁴ Dados da tabela retirados dos trabalhos das referidas obras Knowlton, 45, Hilu, 50, Meihy 22.

⁶⁵ Outras análises como as de Jeffrey Lesser, estimam que teriam sido 107.135 imigrantes árabes neste mesmo período. Devido à dificuldade de se obter estimativas demográficas para este período, essas estimativas quantitativas devem ser percebidas como pontua Pinto, como simples ordens de grandeza. PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 50.

⁶⁶ Idem pág 50.

⁶⁷ Idem. Pág 38

⁶⁸ Ibidem. Pág 38

⁶⁹ Op.Cit.Pág 65

como proprietários rurais. Além disso, se fossem oferecer seu trabalho numa fazenda, os salários eram baixos, não sendo suficiente para atraí-los.⁷⁰ A mascateação não necessitava de grandes investimentos, tendo em vista que a mercadoria podia ser obtida através dos créditos e as vendas eram feitas de forma rápida. A rede de contato entre patrícios já estabelecidos no Brasil, facilitava o ofício e o relacionamento entre o fornecedor e o mascate. Além disso, os primeiros imigrantes que aqui chegaram não tinham o intuito de permanecer no Brasil, a intenção era acumular dinheiro e retornar à sua terra de origem com uma condição melhor. Sendo assim, entendemos que a mascateação foi o ofício que atendia as necessidades mais imediatas desses imigrantes.

O trabalho era realizado, geralmente, em dupla ou em trio, para maior segurança e companhia. Os preços não eram fixos, vendiam fósforos, tecidos, chapéus, entre outros, de acordo com o preço do mercado e com que o freguês podia pagar. Caso o freguês não tivesse dinheiro, aceitavam café, ouro e outros produtos em troca ou concediam crédito.⁷¹ As mercadorias eram carregadas nas costas e após um pequeno acúmulo de capital, o mascate comprava uma mula para facilitar o trabalho.

Os produtos, que, na maioria das vezes eram, revendidos nas áreas urbanas ou em fazendas, permitiram o acúmulo de capital, possibilitando que o mascate de origem síria ou libanesa abrisse sua pequena loja a varejo nos centros e praças urbanas⁷². Quando se conseguia consolidar a estabilidade financeira, muitos negociantes mandavam buscar a amigos e parentes e esses passavam a trabalhar como mascates e alguns, após um tempo, compravam suas lojas perto da primeira, formando núcleos de sírios e libaneses vindos da mesma vila ou cidade oriundos da Síria ou do Líbano.

Embora a atividade do mascate fosse seguida por outros grupos, como italianos e portugueses, observamos que os sírios e libaneses promoveram uma verdadeira inovação nas práticas comerciais. Políticas de crédito, promoções, o comércio atacadistas e varejistas, foram de fato "uma inovação radical num país que apenas recentemente havia trocado o trabalho escravo pelo assalariado".⁷³

Porém, é importante frisar que embora os relatos sobre histórias de êxito fossem comuns dentro desse grupo, não podemos generalizar como uma regra. Percebemos que

⁷⁰TRUZZI, Oswaldo M.S. Sírios e Libaneses. Narrativas de história e cultura. Companhia Editora Nacional, São Paulo. 2005. Pág 29

⁷¹ KNOWLTON, Clark. Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial. São Paulo: Anhembi, 1960. Pág 18.

⁷² LESSER, Jeffrey. Construindo o espaço étnico. *In: A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo. Unesp. 2015. Pág 99.

⁷³ LESSER, Jeffrey. Construindo o espaço étnico. *In: A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo. Unesp. 2015. Pág 99.

muitos não passaram de pequenos comerciantes e outros, permaneceram como funcionários de parentes com um nível mais estabelecidos. Além disso, muitos estabelecimentos comerciais sírios faliram como mostra a matéria do jornal A noite de 1914:

Há poucos dias fizemos uma estatística aterrorizadora das últimas falências da nossa praça [...] Nas estatísticas de fallencias figuram em um dos primeiros lugares estabelecimentos syrios. No ano passado mais de trinta estabelecimentos turcos abriram fallencia e cerca de duzentos e cinquenta firmas tiveram títulos protestados. Diz – nos mais as estatísticas que a maioria dos estabelecimentos comerciais incendiados nesta capital pertencem a turcos que tem seu negócio no seguro. Verifica-se esse facto interessante, que justifica a acusação das companhias de seguro . Quase todos esses estabelecimentos depois do sinistro e paga a importância correspondente ao seguro, declaram- se falidos ou pedem concordatas provas da má situação desses negociantes e, portanto, indício da não casualidade dos incêndios [...]

⁷⁴

O caso apresentado acima nos indica que as histórias de fracassos comerciais dos imigrantes árabes ainda são pouco exploradas e complexas. A historiografia recente sobre o tema nos indica que, o olhar mítico sobre a ascensão social desses imigrantes de forma linear e comum a todos não ocorreu.⁷⁵ A mascateação foi, mesmo, uma forma de acumular capital para a grande maioria desses imigrantes. Entretanto, a obtenção de grandes lojas e indústrias só foram possíveis, na maioria dos casos, através de um capital prévio trazido pelos imigrantes e mesmo assim, tais investimentos podem não ter alcançado o sucesso econômico almejado.

Nesse sentido, deduzimos que a imagem do “mascate bem - sucedido” construída por muitos imigrantes e descendentes de sírios e libaneses no Brasil, foi uma das diversas formas que esse grupo encontrou para desconstruir um estereótipo negativo perante a sociedade brasileira. Iremos abordar essas questões mais a fundo no capítulo dois desse trabalho.

1.4 - O JOGO DE IDENTIDADE: A VISÃO DO “TURCO” ATRAVÉS DE ALGUNS SETORES DA SOCIEDADE BRASILEIRA.

⁷⁴ Jornal A noite 1914 – Edição 1170. Disponível em : <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁷⁵ Embora não generalize diretamente, Truzzi reforça a imagem de uma trajetória econômica bem – sucedida dos imigrantes sírios e libaneses, principalmente na cidade de São Paulo. TRUZZI, OSWALDO De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo, Ed. Sumaré, 1992. Pág 50.

Ao entrarem no Brasil, esses povos foram registrados de várias formas: turcos, turco-árabe, sírios ou libaneses. A partir dessa chegada, vários foram os estereótipos reproduzidos pela sociedade brasileira. "Fisicamente indistinguíveis de tanto outros "brasileiros", eram vistos como exóticos e diferentes".⁷⁶

Como mencionamos no item 1.2, os imigrantes árabes não eram considerados nem europeus, nem africanos e nem asiáticos, gerando um intenso debate sobre a categoria em que esse grupo seria colocada,⁷⁷ entre as elites brasileiras, como apontamos anteriormente. Os sírios e libaneses foram colocados no “meio –termo” entre os arianos e os negros (ou leste asiáticos.)⁷⁸ Isso explica-se pelas seguintes considerações de Gattaz:

...os traços biológicos, apesar de relativamente distintos e característicos, evidenciavam os libaneses como um povo branco, em oposição aos povos negros ou amarelos que eram rejeitados pela elite;

- apesar da diferença lingüística ser grande, a maior parte dos libaneses tinham conhecimento da língua francesa (e eventualmente inglesa), o que facilitou a aprendizagem do português e integração à sociedade;
- culturalmente também é possível ver alguma proximidade entre libaneses e brasileiros, pois o Líbano, apesar de país asiático com grande bagagem cultural árabe-islâmica, integrou-se desde cedo no âmbito cultural europeu, adquirindo características da sociedade cristã do Mediterrâneo. Além disso, a maioria dos primeiros imigrantes era cristã.⁷⁹

Porém, tais características não fizeram com que os imigrantes ficassem ilesos dos ataques de cunho eugenistas⁸⁰. Ao perceberem a presença árabe no Brasil, membros da elite brasileira entraram em contato com diplomatas que atuavam no Oriente Médio para buscar informações sobre os imigrantes provenientes desse local. Os cônsules, posicionaram-se contra a presença de sírios e libaneses no Brasil, alegando que o Oriente Médio era “atrasado, inculto e desprovido tanto de administração, quanto de forças de trabalho organizadas”⁸¹ Ainda no final do século XIX, Lesser aponta alguns desses movimentos contra a presença árabe:

⁷⁶ LESSER, Jeffrey. Construindo o espaço étnico .In: *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo. Unesp. 2015. Pág 88.

⁷⁷ Muitas vezes eram enquadrados nas categorias de semitas ou asiáticos pelos formuladores de políticas migratórias. GATAZZ, André. Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes. São Paulo. Pág.90.

⁷⁸ Idem.. Pág. 91

⁷⁹ Ibidem. 92

⁸⁰ Iremos analisar esses ataques de cunho eugenistas na cidade do Rio de Janeiro no item 1.4

⁸¹ LESSER, Jeffrey. Construindo o espaço étnico .In: *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo. Unesp. 2015. Pág 92

A presença árabe não passou despercebida. Um irado editorial do jornal Mariannense (Mariana, Minas Gerais) de 1888 reclamava que “ multidões de vagabundos turcos” tratavam suas crianças de maneira desumana, e atrasavam o crescimento econômico do Brasil usando métodos agrícolas desatualizados. A solução era simples : “ Que a esses trancassem as portas, para que não se infiltrassem em nossos organismos, em vez do sangue forte, o vírus maléfico de um povo indolente. Embora o jornal da Sociedade Central da Imigração esclarecesse para seus leitores mais “sofisticados” que “esses turcos [na verdade, são] sírios e maronitas ou católicos do Líbano” ele concordava com o artigo do Mariannense , cumprimentando Alfredo d’ Escragnolle de Taunay, membro da própria Sociedade, por um discurso proferido no Senado, defendo a adoção de legislação para impedir a entrada “dessa gente que traz hábitos de vagabundagem e ociosidade.”⁸²

Observa-se no relato acima, a tentativa de enquadrar os chamados “turcos” na categoria dos “indesejáveis” utilizando como argumentos para a proibição da entrada dos mesmos no Brasil, determinados “comportamentos desumanos” e hábitos negativos.^{83 84} Ao entrarem no Brasil, como já foi citado, o passaporte desses imigrantes devido a ocupação otomana na Grande Síria, vinha com o carimbo do Império. O termo "turco" então, foi deturpado e utilizado por muitos brasileiros para se referir a esses imigrantes de forma pejorativa.⁸⁵ As exo-definições tendem a ativar categorias excludentes, muito comum em questões imigratórias, onde os nacionais atribuem uma identificação comum baseada em traços pejorativos,⁸⁶ como no caso dos sírios e libaneses. T. Duon aponta que "a intenção oculta que alterava completamente o sentido do termo aplicado, tornando-o sinônimo de degradação. E assim o compreendiam os imigrantes, ofendidos, humilhados e envergonhados do termo (...)”. Muitos representantes das diversas colônias espalhadas pelo Brasil reagiam frente a essa denominação. Um representante da colônia síria do Rio de Janeiro, expressou a insatisfação do rótulo de “turco” no jornal “O Fluminense” de 1911:

⁸² Idem. Pág.100

⁸³ As ideias eugenistas não ficaram restritas apenas a discursos pautados nas “análises científicas”. As ideias espalharam-se pela sociedade de diversas formas com variadas interpretações, justificando o racismo e exclusão pautados em comportamentos cotidianos. MACIEL, Maria Eunice de S. A Eugenia no Brasil. Anos 90 , Revista de Pós- Graduação em História.Nº 11. Porto Alegre, 1999.Pag 11

⁸⁵ HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo. Ícone. 1985. Pág. 35.

⁸⁶ POUTIGNAT, Phillipe; STREI, Fernart Jocely. Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo. Unespe, 1998. Pág 144.

Diversos artigos tem sido publicados com relação a colônia syria. Tais artigos não representam o modo de sentir dos syrios que nada têm que ver com a Turquia, salvo o ponto de vista da terra que seu governo inspirava, submettendo os a uma escravidão. Syrios e turcos são bem distintos: uns nada têm que com os outros, principalmente longe da Syria e Turquia, um paiz tão grandioso como o Brazil⁸⁷.

Podemos notar que o estereótipo do turco em muitos momentos, era associado no imaginário da sociedade brasileira ao orientalismo europeu que muitas vezes apresentavam os árabes como a visão proposta por Edward Said:

Mostra-se então que os orientais e os árabes são crédulos, “sem energia e iniciativa”, muito dados a uma “adulação repugnante”, a intrigas, astúcia e maldade para com os animais; os orientais nem sabem caminhar numa estrada ou num pavimento (suas mentes desordenadas não compreendem o que o inteligente europeu apreende imediatamente, que as estradas e os pavimentos são feitos para caminhar); os orientais são mentirosos contumazes, são “letárgicos e desconfiados”, e em tudo opõem-se à clareza, à franqueza e à nobreza da raça anglo-saxônica.⁸⁸

Percebemos que o uso de estereótipos são utilizados, principalmente os de natureza moral, para que as classificações e hierarquias sejam realizadas.⁸⁹ Segundo Pinto, as características depreciativas atribuídas a esses imigrantes também tinham relação com seu ofício. Analisando as características da elite que, ainda era marcada por traços aristocratas, vimos que a mesma marginalizava atividades, como o comércio ambulantes, consideradas pouco nobres. Além disso, acusações sobre suposto canibalismo, devido à estranheza em relação ao consumo de quibe cru, por exemplo, causavam espanto e uma aversão ao grupo.⁹⁰

Entretanto, as características marginalizadas não eram as únicas que existiam na sociedade brasileira. O trabalho de Jeffrey Lesser⁹¹, também nos mostra que, o imaginário acerca dos povos do Oriente Médio já circulava dentro do Brasil antes mesmo de sua chegada, e a partir dela, muitas vezes intelectuais brasileiros, tentavam resgatar a história grandiosa e a influência nas raízes lusitanas para mostrar o lado positivo da presença árabe no Brasil. Como aponta o autor:

⁸⁷ Jornal “ O Fluminense” edição 8235. Disponível em : <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁸⁸ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* / Edward W. Said, Tradução Rosaura Eichenberg 1º Ed. São Paulo, Companhia das Letras ,2007. Pág 71

⁸⁹ SEYFERTH, Giralda. *A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos*. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. 1995. Pág 86.

⁹⁰ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 80.

⁹¹ LESSER, Jeffrey. *Construindo o espaço étnico .In: A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo. Unesp. 2015.

No século XX, os que voltavam os olhos para Portugal, em busca de autocompreensão, como Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo, procuravam traços da "presença moura" em suas próprias identidades lusificadas. Outros misturavam as idéias turaniano-moçárabes com excêntricas teorias francesas, que sugeriam o rei Salomão ("ancestral dos sírios") havia navegado pelo Rio Amazonas, e que as línguas quíchua e portuguesa eram derivadas do antigo hebreu.⁹²

A tentativa de Freyre em tentar enriquecer culturalmente o país, tinha variações nas análises, pois, o mesmo via com restrição o papel cultural do islã, já que este era associado a revolta de escravos dos Malês, mostrando que a preocupação não era com o entendimento em relação ao "Oriente" mas sim, com a inserção de alguns de seus elementos dentro da sociedade brasileira.⁹³

Apesar do olhar ambíguo sobre a presença dos sírios e libaneses, a repulsa por esse grupo, vindo de algumas partes da sociedade brasileira, induziu esses imigrantes a articularem suas identidades em prol da sua inserção na sociedade com intuito de mediar suas diferenças no Brasil. Muitos deles utilizavam de colunas de jornais para exaltar seu passado histórico com o intuito de mostrar que a presença deles era benéfica para o país. Outros, que tentavam esconder sua identidade utilizando até mesmo da troca de nomes. Como aponta Lesser:

Mudavam seus nomes, pela suposta razão de torná-los mais fáceis de pronunciar. No entanto, o raciocínio por detrás dessa troca de nomes era mais complexo do que uma simples questão de pronúncia. Em primeiro lugar, a mudança muitas vezes acontecia com nomes que continham apenas vogais e consoantes existentes na língua portuguesa, sugerindo que o fator crítico era o medo de serem reconhecidos, e não a facilidade na pronúncia. Mesmo assim, era comum a criação de nomes brasileiros que possuíam vínculos ocultos com os nomes originais. Esse código, a que toda comunidade tinha acesso, significava que Taufil se transformava em Teófilo, Fauzini, em Fausto, e Mohamad, em Manuel.⁹⁴

Outro aspecto constatado, de extrema importância, foi a mobilização por parte dos imigrantes em torno da questão nacional. Com o Tratado de Lausane, após a Primeira Guerra Mundial, em 1923, os imigrantes otomanos tinha que reivindicar sua

⁹² Idem. Pág 90.

⁹³ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 48.

⁹⁴ LESSER, Jeffrey. Construindo o espaço étnico. *In: A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo. Unesp. 2015. Pág. 102

nacionalidade, caso contrário, se tornariam cidadãos turcos automaticamente.⁹⁵ A partir disso, percebemos que, projetos nacionalistas foram movidos para que se pudesse criar realidades políticas nas suas respectivas regiões de origem. Além disso, como aponta Pinto:

Para os imigrantes árabes, estabelecer conexões transnacionais com o Oriente Médio através do nacionalismo sírio ou libanês era, para além das questões que os ligava às suas regiões de origem, a única forma de negociar a sua presença na sociedade brasileira como representantes e cidadãos de uma 'nação' reconhecida pela comunidade internacional. Isso os permitiria escapar do quadro de referências exotizantes e estigmatizantes que haviam sido aglutinadas em torno da sua identificação como 'turcos'.⁹⁶

Com a exaltação desses nacionalismos, que se agravou com a constituição da Síria e do Líbano como entidades políticas autônomas,⁹⁷ reparamos que, muitos membros da elite intelectual da colônia buscaram frisar as diferenças entre os sírios e os libaneses. Esse desejo de diferenciação partia mais dos libaneses que utilizavam da exaltação da identidade fenícia, para conecta-los à Europa e afasta-los assim do Oriente árabe mulçumano⁹⁸. Com isto, afirmavam que a educação libanesa vinha do ocidente cristão para legitimar sua diferença e afirmar sua superioridade perante os sírios, por exemplo. Preconceitos e divisões étnicas pautados na exaltação de um passado histórico passaram a ser mais acentuados, sendo manifestados em ditos populares como "Quando chegam ao Brasil; é turco, ao comprar uma loja; é sírio; ao ficar rico é libanês!"⁹⁹. Percebe-se que esse dito, além de mostrar uma classificação hierárquica, se assemelha à "classificação racial brasileira, associando a 'ascensão' étnico-racial com a aquisição dos sinais materiais e simbólicos que traduzem essa escalada"¹⁰⁰

O termo "sírio-libanês" foi invenção dos árabes da diáspora e utilizado a partir de 1920 como uma atribuição comum aos sírios e libaneses. Estabelecer uma identidade síria ou libanesa, como citamos, foi uma forma de negociar a sua presença na sociedade brasileira, pois o afastava da depreciação associada aos turcos permitindo assim, a

⁹⁵ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 87.

⁹⁶ Idem. Pág 87.

⁹⁷ Ibidem. Pág 94

⁹⁸ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 92

⁹⁹ HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo. Ícone. 1985. Pág 38.

¹⁰⁰ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 95.

construção de uma comunidade fortificada no Brasil. Entretanto, a comunidade não foi homogênea, articulando sempre as identidades e símbolos dentro dos espaços de sociabilidade.¹⁰¹ Sendo assim, concluímos que, a movimentação desses fatores, tinha como intuito a inserção na sociedade brasileira, possibilitando a construção de uma identidade extremamente plural e diversificada, repercutindo na sociedade brasileira de muitas formas. Essa mobilização de identidades atingiu todas as regiões que receberam esse grupo, como na cidade do Rio de Janeiro.

1.5 A CIDADE DO RIO DE JANEIRO E A COLÔNIA SÍRIA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

No início do século XX, a cidade do Rio de Janeiro passou por uma série de transformações. O crescimento do Brasil no final do século XIX e no início do século XX, fez com que o país mudasse se integrando mais no contexto internacional, necessitando de uma nova organização no espaço urbano da até então capital do país: o Rio de Janeiro.

Um processo que tem início em 1894, quando membros da oligarquia cafeeira conseguiram retomar o poder político, consolidado durante a administração de Rodrigues Alves. Alves indicou um dos membros responsáveis pelo plano de comissão de melhoramento da cidade do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos, para prefeito do Distrito Federal.¹⁰²

Reparamos que, as transformações urbanas então iniciadas, tinham como intuito resolver as contradições que a cidade apresentava. Queriam afastar o Rio de Janeiro da imagem de sociedade colonial, e para isso, seria imprescindível remodelar a capital. A modernização da cidade seria feita em moldes europeus e norte-americanos, pois, dessa forma para a elite carioca, o progresso e a civilização estariam mais próximos de ser alcançado. Como aponta Abreu:

O rápido crescimento da cidade em direção à zona sul, o aparecimento de um novo e elitista meio de transporte de massa que servia às áreas urbanas (o

¹⁰¹ Idem. Pág 95.

¹⁰² ABREU, Mauricio de Almeida. A Evolução Urbana do Rio de Janeiro. INPLARIO.1997. Capítulo 4, Pág 60.

bonde elétrico), e a importância cada vez maior da cidade no contexto internacional não condiziam com a existência de um área central ainda com características coloniais, com ruas estreitas e sombrias, e onde se misturavam as sedes dos poderes políticos e econômico com carroças, animais e cortiços. Não condiziam também, com a ausência de obras suntuosas, que proporcionavam "status" às rivais platenas. Era preciso acabar com a noção de que o Rio era sinônimo de febre amarela e de condições anti-higiênicas, e transformá-lo num verdadeiro símbolo do " Novo Brasil. ¹⁰³

Observamos que a partir desse momento, ocorreram mudanças significativas com a abertura de várias vias. Principalmente na região central da cidade, na Glória, no Catete, além de outras várias ruas que receberam calçamento asfáltico. Dentre as obras de embelezamento que foram firmemente empreendidas, nota-se na Praça XV, Praça Tiradentes, e em outros pontos, a colocação de estátuas luxuosas ou/e jardins luxuosas. Outras obras financiadas pela União tiveram efeitos sociais muito intensos, como a construção da Avenida Central (atualmente Avenida Rio Branco) que, para ser realizada, custou a demolição de duas ou três mil casas que continham grandes famílias.

104

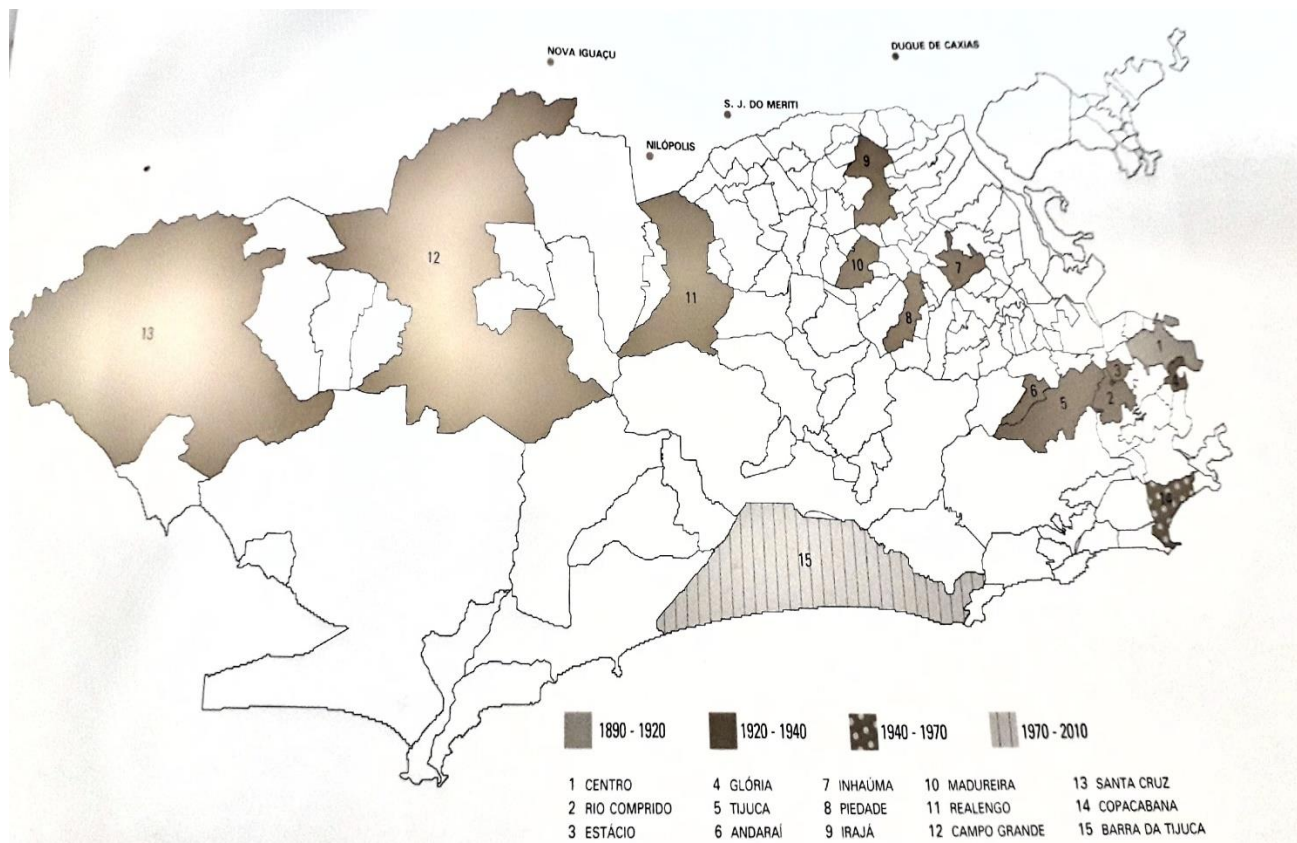
Utilizando do discurso médico-higienista, muitos cortiços foram demolidos e a proibição de venda de produtos por ambulantes foi imposta. Os grupos tinham que passar a se adequar a essa nova estrutura urbana da cidade e a uma imposição de um modo de vida criado pela elite carioca.

Foi nesse contexto que os imigrantes sírios e libaneses chegaram a cidade do Rio de Janeiro, o que ajuda a entender a forma pela qual foram vistos e retratados pela imprensa carioca, como iremos abordar posteriormente. A cidade do Rio de Janeiro constituiu uma parte significativa da comunidade de sírio-libaneses. No ano de 1920, 20,8% dos da população do Rio de Janeiro eram composta por estrangeiros, sendo 2,55% imigrantes árabes distribuídos pela cidade ¹⁰⁵. Entre 1920- 1940, foram registrados 9.051 imigrantes sírios e libaneses no Brasil, tornando o Rio de Janeiro a segunda cidade com a maior concentração desses imigrantes do país, ficando atrás apenas de São Paulo.

¹⁰³ Idem. Pág 60.

¹⁰⁴ Ibidem. Pág 61.

¹⁰⁵ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 58.



(Bairros da cidade do Rio de Janeiro com a maior concentração de árabes e os períodos em que se deram tais ocupações. Fonte: Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto Pág. 65)¹⁰⁶

O porto do Rio de Janeiro também era um ponto de intenso movimento de saída de imigrantes oriundos do Oriente Médio para outros portos nacionais. Além disso, aqueles que resolviam regressar de forma temporária ou definitiva ao Líbano ou a Síria, passavam por este local.

Ao chegarem ao Rio, esses imigrantes em sua maioria se concentraram na Rua da Alfândega. Também se distribuía pelas ruas adjacentes como Senhor dos Passos e Buenos Aires. A localização da rua da Alfândega na área central da cidade e a grande movimentação de pessoas pelo local, atraía imigrantes de várias origens, principalmente os que se dedicavam ao comércio ambulante, como os sírios e libaneses. Essa área era ocupada por residências e comércios com estrutura do século XIX, onde também funcionava um grande atacado de tecidos e produtos importados que eram vendidos por imigrantes portugueses.¹⁰⁷

¹⁰⁶ Ibidem 65

¹⁰⁷ RIBEIRO, Paula . ‘Saara’ : uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro (1960 – 1990) 200. 229 f. Dissertação (Mestre em História Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo 2000. Pág 205.

Quando os sírios e libaneses começaram a se estabelecer nessa região, o local passou a ser chamado de "Pequena Turquia" pelos cariocas. Os imigrantes utilizavam os sobrados antigos como moradia e para o trabalho, centrados no comércio de armarinho e no de gênero alimentício. Trabalhavam como mascates, como a grande maioria dos sírios e libaneses espalhados pelo Brasil. Pegavam suas mercadorias, fósforos, gravatas, entre outros e iam de porta em porta, adentrando o subúrbio da cidade para fazer negócios.

Como citamos no item anterior, a presença desses imigrantes não passou despercebida pela sociedade brasileira. No Rio de Janeiro, observamos que os sírios e libaneses foram alvo de curiosidade, preconceito e simpatia por parte da sociedade carioca não se enquadrando especificamente em uma categoria, como apontamos no item 1.3 deste capítulo.¹⁰⁸ Porém, através da imprensa do Rio de Janeiro no início do século XX, identificamos algumas declarações de cunho eugenistas em relação aos sírios e libaneses. Por meio da edição 206 do jornal "O Rio Nú" de 1900 percebemos de forma clara, uma abordagem agressiva em relação a esse grupo étnico, onde os chamados "turcos" da Rua da Alfandega foram abordados como "problema sanitário".

Como se sabe a famosa peste que tanto dinheiro está custando ao tesouro, ainda não atacou os turcos. Quando sabido que essa gente é o vehiculo de quanta moléstia herpética, moral, intelectual e religiosa há no Rio de Janeiro. Por que será? Os delegados de hygiene sabem que o turco é imundo por índole; é estúpido por calculo e miserável por interesse e é refinado... por hábito! Pois senhores! Os delegados ainda não viram que nas casas dos turcos dormem 200 onde cabem apenas 70! Ainda não viram que eles aguentam um por cima dos outros, e assim fazem todo o resto, na presença de filhas, irmãs e mães, se é que os turcos tem essas cousas. Pois bem : hontem alguém que achou na rua Senhor dos Passos (ou rua do Hospicio), próximo ao Campo, os calções de uma turca. Ao levanta-los com a ponta do pau... foi logo acommentado de bubões aglutinadores. Um porco que penetrou na loja de um turco nos subúrbios e abiscoitou um patrício que acabou de baixo do balcão imediatamente humilhado! Parece incrível que não se veja essa com olhos sanitários, mas há por ali cada cabeça de turco¹⁰⁹! Ao menos se o turco é privilegiado, o governo que nos permita a nacionalização.¹¹⁰

¹¹⁰ Jornal "O Rio Nú" de 1900, edição 206. Disponível em : <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Segundo Denise Jodelet¹¹¹, as representações sociais estão presentes nos discursos que circulam nos mais variados tipos de sociedade. A partir disso, podemos perceber que, dentro desses discursos, a falta de informação, incerteza da ciência, entre outros, favorecem há tempos o surgimento de representações que circulam de boca em boca ou pulam de um veículo de comunicação a outro, como no caso da reportagem acima. Percebe-se a forma com que a matéria carrega um deprecia, generaliza, marginaliza a etnia desses imigrantes.

Dentro do contexto de modernização da cidade do Rio de Janeiro, detectamos que, discursos higienistas eram muito presentes e utilizados para referência de várias etnias. Em 1919, o chamado “O jornal (RJ)” lançou uma matéria com o título “Hygiene e Indesejáveis” onde, o colunista utilizou o termo indesejável aos imigrantes estrangeiros sírios e italianos, cuja a entrada no país “não só não oferece vantagem, como apresenta inconvenientes de várias ordens (...)”¹¹² Na mesma matéria, o colunista acusa esses imigrantes de terem trazido a lepra e o tracoma para o Brasil, e frisa que indivíduos que trouxessem essa ameaça à saúde pública dos brasileiros, deveriam ter sua entrada proibida no Brasil de forma imediata.¹¹³

Outro ponto que gerou intenso incômodo na sociedade carioca, principalmente nos comerciantes, foi o trabalho ambulante desses imigrantes. Verificamos que, queixas escritas contra os vendedores ambulantes no Rio de Janeiro foram várias. O jornal “O Imparcial” de 1912 teve em uma de suas matérias o título “A cidade dos Bufarinheiros: cresce cada vez mais a onda dos mercadores ambulantes¹¹⁴ (prejuízo do comércio de varejo)”. A matéria mostra a indignação dos comerciantes locais com a presença desses vendedores ambulantes no centro da cidade.

¹¹¹ JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In. As representações sociais. Rio de Janeiro. Editora da UERJ.

¹¹² Jornal “O jornal (RJ)” 1919. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹¹³ A matéria não se refere a problemas com a cor da pele. E sim, com questões higiênicas e com problemas de saúde. A reportagem indica que, esses indivíduos já vinham doentes de sua terra de origem (ou talvez adoecessem durante a viagem devido a condições precárias). Com isso, o colunista critica os fiscais de saúde por permitirem a entrada desses indivíduos, apontando sírios e italianos como exemplo de imigrantes que propagaram essas doenças pelo país.

¹¹⁴ O ofício de ambulante era percebido pela elite local de forma depreciativa. Isto pode ser explicado, como aponta Pinto, devido a mentalidade aristocrata que grande parte da população tinha. Além disso, como indica Lesser, o próprio sucesso econômico de alguns fizeram dos “turcos” um ponto focal da ira nativista. Muitos sugeriram que, o desempenho dos árabes no comércio era determinado biologicamente. Em 1929 o nacionalista Vivaldo Coaracy apontou que “A corrente semita dos levantinos de nariz adunco cuja atividade essencial é comprar e vender e não produzir. Trazem esses indivíduos consigo a mentalidade oriental, a moralidade oriental sinuosa e estranha a nossos hábitos [...]. LESSER, Jeffrey. Construindo o espaço étnico. In: *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo. Unesp. 2015. P. 87. Pág 115; PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010.

Os negociantes de varejo, vem assim, gradualmente libertos dos fortes encargos do tributo que oneram os proprietários de casas de negócios, avolumar se arrogantemente a classe dos mercadores ambulantes, mascates, turcos, vendedores de quinquilharia, cujo, aparecimento se forma verdadeiramente multiforme, graças aos meios de que lançam mão, iludindo os interesses da renda municipal. É impossível desconhecer a injustiça de semelhante estado de cousas (...) Em todos os bairros eles capeiam livremente. E vendem de tudo: moedas e confecções, fumos, tecidos meias e gravatas e ate mesmo joias de ouro falso impingidas como verdadeiras e cedidas por preços seductores (...) Semelhante aspiração torna-se quase impossível á vista dessa inundação de vendedores avulsos que se ramifica por toda a cidade, até mesmo em plena Avenida Rio Branco, provocando o escândalo e grotesco de um testemunho de afazo no seio de uma capital remodela europeia (...)¹¹⁵

Além disso, encontramos nessa mesma coluna, acusações de agressões por parte desses vendedores com aqueles que não cediam às negociações. O objetivo da matéria ao mostrar tais acusações é evidente: marginalizar esses comerciantes e assim, afastar esse grupo de imigrantes da concorrência no comércio. A imprensa nesse caso, serve como “válvula para liberar sentimentos disfônicos suscitados por situações coletivas ansiógenas ou mal toleradas.”¹¹⁶ Isso gerou os fenômenos de boatos que aparecem frequentemente nos espaços urbanos.

De acordo com Sayad¹¹⁷, a imigração e o imigrante só têm sentido e razão se os mesmos entrarem na lógica do “custo- benefício” gerando lucro agregado a uma contribuição positiva. Idealmente, a imigração deveria comportar apenas “vantagens” de forma alguma um “custo”. Nesse sentido, falar de imigrante e força de trabalho é quase redundante, pois, o trabalho seria o gerador do imigrante. Porém, esse indivíduo, não pode se direcionar para qualquer trabalho, mas sim, para um mercado direcionado ao imigrante. Quando o mesmo não se insere nesse mercado, sua permanência no país perde sentido na visão dos “nacionais”, gerando intenso incômodo e aversão. Analisamos isso no caso dos sírios e libaneses, que foram classificados como “prejudiciais” economicamente e moralmente por muitas esferas da sociedade carioca.

Entretanto, apesar da intensa xenofobia retratada pela imprensa do Rio de Janeiro no início do século XX, não podemos generalizar tais posturas. Mesmo com essas manifestações de raiva e preconceito que apareciam constantemente na imprensa carioca, detectamos que alguns jornais mostravam solidariedade com a chamada

¹¹⁵ Jornal “O Imparcial” 1912. Disponível em : <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹¹⁶ JODELET, Denise.” Representações Sociais: um domínio em expansão.In. As representações sociais. Rio de Janeiro.Editora da UERJ. Pág 20.

¹¹⁷ SAYAD, Abdelmalek. Oque é um imigrante? *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo. Edusp.1998

“Colônia Syria”, como o jornal” A Gazeta de Notícias”, de 1900, que se manifestou contra casos de xenofobia aos chamados “sírios” por todo o país:

Sabem os nossos leitores que temos jornais syrios em SP e no RJ; não sabem talvez que, temos entre nós mais de 50.000 feilhos dessa Syria tão celebrada no tempo dos romanos, como o paíz mais rico do Oriente e sujeita hoje ao domínio otomano. Esses syrios se dedicam boa parte ao comércio retalho; mas são perseguidos, não queremos saber se com razão, por uma reputação terrível, pior que aquela com que o antisemitismo europeu persegue os judeus. O mascate syrio que enriquece está exposto a todo gênero de desfeitas e perseguições: basta lembrar os fatos de Itapemirim, factos que infelizmente se reproduzem em muitos pontos do território nacional (...). Um desses comerciantes syrios foi morto barbaramente : o governo deu ordens severas para a captura do criminoso que é conhecido, mas depois de algum tempo chegaram aqui documentos demonstrando que o mandante do crime foi o delegado de policia da localidade, e que o assassino passeia impune e livre afrontando a moral pública e a justiça. “O consul da Turquia que é um digníssimo cidadão brasileiro, faz o seu dever reclamando providencias contra selvageria que envergonham antes de tudo os brios da nossa Pátria.”¹¹⁸

Encontramos em outros jornais do período, como o jornal " A Razão (RJ)" de 1917 a exaltação das qualidades da colônia síria e sua cumplicidade para com o Brasil, como na matéria de agradecimento pelo apoio da colônia ao país:

A colonia syria vem affirmando, nos últimos tempos, uma tal solidariedade comnosso, nos movimentos em que nos encontramos envolvidos, uma tal gratidão pela maneira por que tem sido tratada no Brazil, que não nós pode deixar indifferentes. Todo o paiz se recorda da maneira entusiasticá pela qual essa laboriosa colonia se manifestou disposta a nos prestar os seus serviços quando rompemos as nossas relações diplomáticas com a Allemanha. De todos os recantos do Brazil, vieram telegrammas noticiando as reuniões em que esses homens affirmavam o seu desejo de deffender o paiz que tão hospitaleiramente os tem acolhido e onde elles, ordeiros, pacificos e trabalhadores, encontrarm todas garantias para o exercicio da sua actividade fecunda ¹¹⁹

Acreditamos que as ambiguidades presentes nas matérias acima são explicadas pelo caráter hierarquizador da colônia síria e a forma fragmentada que a mesma se apresentava pra sociedade. Alguns membros com classe social mais elevada faziam

¹¹⁸ Jornal “Gazeta Notícia” 1900 Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹¹⁹ Jornal “A Razão” Edição 238,1917. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

questão de diferenciar-se dos membros mais pobres da colônia. Um desses exemplos se encontra na coluna do jornalista sírio Iben Massud, no jornal "A União" de 1905.

Pedimos venia ao amável redactor da Gazeta, para não concordar com o facto de terem os mascates de otrora progredido pouco a pouco , até chegarem a abrir lojas e fundar casa importadoras. É possível que um ou outro mascate assim tivesse chegado a propriedade, mas isso seria uma excepção e não uma generalidade. Entre os primeiros imigrantes contavam-se pessoas de certa abastança que dispondo de algum capital, forneciam aos outros os modestos artigos de seu commercio e proporcionavam-lhe casa, comida e credito. Pois foi grandemente enganado por quem lhe inculcou que que aquellos mascates de então são os conceituados importadores de hoje ¹²⁰

O relato de Massud, junto com a forma que o mascate era visto e marginalizado pela elite carioca e brasileira no geral, nos induz a pensar que esse distanciamento e a preocupação em frisar que o imigrante sírio bem sucedido não cresceu socialmente através do comércio ambulante na maioria das vezes, foi um estratégia para que os membros mais ricos da colônia não sofressem as retaliações e preconceitos que os imigrantes mais pobres sofriam¹²¹.

Além disso, investimentos por parte dos patrícios ricos em projetos urbanísticos, moradias populares e instituições religiosas faziam com que a imprensa marginalizasse na maioria das vezes, só aqueles que de fato, tinham que permanecer as margens da sociedade carioca. Esse jogo de interesse, entre a elite brasileira e os sírios e libaneses ricos, junto com as fronteiras existentes na própria colônia síria, que nos fazem refletir sobre o caráter ambivalente das matérias publicadas por alguns jornais da imprensa do Rio de Janeiro ao apresentar a chamada colônia síria para sociedade carioca. No capítulo seguinte, mostraremos como alguns intelectuais da chamada “Colônia Síria” tentaram divulgar uma imagem positiva e unificada do grupo, utilizando da imprensa carioca para a “propaganda” favorável do grupo.

Capítulo 2 – A colônia síria e sua representação na imprensa carioca no início do século XX.

¹²⁰ Jornal “A União” Edição 217, 1905. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹²¹ Iremos analisar esses preconceitos mais afundo no terceiro capítulo desse trabalho.

Como vimos no capítulo anterior, desde o final do século XIX, milhares de imigrantes oriundos do Oriente Médio chegaram a cidade do Rio de Janeiro almejando um novo recomeço. Porém, muitos estereótipos e preconceitos já estavam presentes no imaginário da população carioca, dificultando assim, a inserção social e econômica do grupo, principalmente dos mais pobres. A partir disso, os imigrantes passaram a divulgar uma imagem positiva da colônia, exaltando sempre a união da mesma, amizade para com os brasileiros e habilidades comerciais.

A disseminação desta imagem foi realizada por alguns intelectuais da colônia e divulgada através do principal veículo de influência do período: a imprensa. Tal imagem ainda é muito presente em estudos acadêmicos que abordam esta temática. Dessa maneira, o capítulo se constrói com o objetivo de entender os motivos para esta representatividade e como foi fortalecida e construída a imagem, empreendedora e harmônica da chamada “Colônia Síria”¹²² no Rio de Janeiro no início do século XX.¹²³

2.1 – A imagem da comunidade síria e os estudos acadêmicos.

Os primeiros estudos sobre a comunidade árabe no Brasil foram produzidos na cidade de São Paulo pelos próprios intelectuais da colônia sírio-libanesa a partir da década de 1930. Tais obras continham discursos com exaltação à comunidade árabe e romantizava o Brasil como “país acolhedor”. Os trabalhos¹²⁴ tinham como intuito incluir cada vez mais a comunidade árabe no país, visando principalmente desconstruir os estigmas negativos que acompanharam as primeiras levas imigratórias.

¹²² Durante esse capítulo, iremos englobar os imigrantes sírios e libaneses na categoria de “sírios”. Isto ocorre porque, entre os períodos de 1900 e 1920, a região que hoje corresponde ao Líbano e a Síria era chamada de “Grande Síria”. Neste sentido, os imigrantes de ambas as regiões se enquadravam nesta categoria, para promover uma identidade diferente da identidade “turca” imposta pelos brasileiros. Veremos isso ao longo das matérias analisadas neste trabalho.

¹²³ RIBEIRO, Paula . ‘Saara’ : uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro (1960 – 1990) 200. 229 f. Dissertação (Mestre em História Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo 2000; WORCMAN, Susane. Saara. Relume Dumará. Rio de Janeiro.2000.

¹²⁴ KURBAN,Taufik. Os sírios e libaneses no Brasil. São Paulo Sociedade Imprensa Paulista.1993; DUON, Taufik. A emigração sírio-libanesa nas terras de promessa. São Paulo. Tipografia editora árabe 1944; Lí SAFADY,Jamil. Língua árabe: evolução, escrita, ensino. São Paulo.195; SAFADY,Jorge. A imigração árabe no Brasil. São Paulo. FFLHC.USP.1972.

Numa clara tentativa de persuasão, utilizavam de argumentos que interligavam a influência árabe e islâmica com a história brasileira, em um período onde a presença de sírios e libaneses virou debate entre intelectuais brasileiros da época, que muitas vezes se dividiam em relação à ideia que se tinha do grupo. A sociedade brasileira durante muito tempo homogeneizou os imigrantes oriundos do Oriente Médio, ignorando ou não conhecendo de fato, sua heterogeneidade e seu histórico relativamente marcado por conflitos, de natureza étnica, moral e religiosa.¹²⁵ Essa generalização ocorreu segundo Taufik Duon por vários motivos :

Para muitos, geograficamente falando, a Síria abraça o Líbano. Em ambos, fala-se o mesmo idioma; existem hábitos, leis e tradições idênticos, tendo ambos constituído parte integrante do Império Otomano, durante quase cinco séculos. Junta-se a isso, a união, a solidariedade e a mútua cooperação entre os dois povos, demonstrada nos países estrangeiros, onde vieram gozar, pela primeira vez na vida, a verdadeira liberdade de pensamento e da palavra, sob a proteção de uma lei que a todos iguala. A explicação que se dá a tudo isto é que, tanto aqui como nos outros países onde eles se encontraram, sentiram necessidade imperiosa de se esquecer das divergências e lutas que os separavam nas suas terras de origem, e de se reunir e agrupar a fim de poderem, juntos, vencer os obstáculos e triunfar na vida. E em terra estranha, até dois inimigos tornam aliados.¹²⁶

Os intelectuais de dentro da colônia buscavam, muitas vezes, apresentar a imagem de uma colônia unida, atribuindo a isto a necessidade de um recomeço nas novas terras.

Em trabalhos bem posteriores e que hoje ainda são referência para os estudiosos do tema como os de Oswaldo Truzzi¹²⁷, observamos a visão romantizada e mítica do mascate sírio, com uma trajetória bem - sucedida que apesar de “dramas pessoais”¹²⁸, como aponta o autor, foi bem - sucedida.¹²⁹ Embora haja um reconhecimento sobre as diferenças internas, estratificações esses confrontos são apresentados vinculados a

¹²⁵ TRUZZI, OSWALDO De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo, Ed. Sumaré, 1992. Pág.13

¹²⁶ DUON, Taufik. A emigração sírio-libanesa às terras de promessa. São Paulo, editora Árabe, 1944. Pág.11.

¹²⁷ TRUZZI, Oswaldo. De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo, Ed. Sumaré, 1992.

¹²⁸ Embora Hajjar faça um trabalho mais descritivo, do que uma análise sobre as relações da colônia.

¹²⁹ Essa visão, como citamos no capítulo anterior, vem sendo criticada pela historiografia recente do tema, que busca analisar com mais detalhe os fracassos e barreiras da ascensão social da colônia.

status, questões geográficas e religiosas provenientes das terras de origens¹³⁰. Além disso, são análises concentradas de forma mais aprofundada na cidade de São Paulo.¹³¹

No Rio de Janeiro, os primeiros estudos que vimos sobre a chega dos árabes na cidade estão presentes nos trabalhos de Susane Worcman¹³² e na dissertação de Paula Ribeiro¹³³. Os estudos surgiram do projeto SAARA, realizado pela escola de comunicação da UFRJ. Esses foram de extrema importância para os pesquisadores de imigração sírio-libanesa no Rio de Janeiro, já que até aquele eram raras as pesquisas acadêmicas que abordassem a temática na cidade.¹³⁴ A área onde hoje é localizada a atual SAARA, foi o principal ponto de concentração dos imigrantes árabes no início do século XX, Centenas de famílias oriundas do Oriente Médio moravam nos sobrados antigos, que além de servirem como moradia, eram utilizados para o comércio de armarinho e de gêneros alimentícios, além das atividades ligadas ao atacado de tecidos – importador e exportador.

Os estudos mostram através, de várias narrativas de antigos comerciantes e descendentes dos primeiros imigrantes que ali chegaram, como esse ambiente tornou-se um espaço étnico, símbolo da identidade árabe¹³⁵. As narrativas trazem discursos, de solidariedade entre os grupos ali estabelecidos, principalmente entre árabes e judeus, frisando a ascensão e a união da colônia síria, tendo sempre a figura do mascate heroico, representação que se aproxima muito dos discursos utilizados pela elite intelectual libanesa do início do século XX, para sua inserção na sociedade.

Tais estudos, que iremos analisar com mais detalhes no final desse capítulo, embora sejam extremamente relevantes para trabalhos desta temática, corroboram para uma

¹³⁰ Analisaremos esses pontos de forma mais aprofundada no próximo capítulo.

¹³¹ Abordaremos os conflitos e cisões citados por ambos os autores de forma mais aprofundada no capítulo seguinte.

¹³² WORCMAN, Susane. Saara. Relume Dumará. Rio de Janeiro.2000.

¹³³ RIBEIRO, Paula. ‘Saara’: uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro (1960 – 1990) 200. 229 f. Dissertação (Mestre em História Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo 2000.

¹³⁴ Optamos por utilizar esses dois trabalhos pois, os mesmos foram em nossas análises, o que mais corroboraram para a construção dessa imagem de comunidade harmoniosa. Porém, devemos acrescentar que outros trabalhos como o de Julio César Bittercount e de Amin Karaan (que se encontra no prelo) também foram pioneiros ao abordarem a imigração sírio e libanesa na cidade. FRANCISCO, Júlio César Bittencourt. Sírios e libaneses no Rio de Janeiro: memória coletiva e escolhas individuais. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005. KARAAN, Amin Ibrahim. A distribuição sócio espacial dos imigrantes libaneses na cidade do Rio de Janeiro entre 1920-1940. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós – Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

¹³⁵ Embora esse espaço tenha sido ocupado por imigrantes judeus e de outras nacionalidades, a maioria era de origem árabe.

imagem de uma comunidade “*unida e homogênea*” que este trabalho visa problematizar. Apesar de todos os trabalhos citados acima indicarem a heterogeneidade e diversidade cultural da colônia, os conflitos e os modos em que se refletem nas diferenças internas do grupo são pouco exploradas.

Essas representações e autorrepresentações que tanto aparecem nos trabalhos acadêmicos, surgiram ainda no século XIX na imprensa árabe com o claro intuito de construir/ preservar a identidade do grupo, mas além disso, de combater os estereótipos criados pela sociedade brasileira. Iremos explorar melhor essas questões ao longo deste trabalho.

2.2 – A imprensa árabe no Rio de Janeiro no início do século XX.

Como já mencionamos, os sírios e libaneses que aportaram na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, não restringiram-se ao ofício do mascate, como muitas vezes a bibliografia sobre o tema indica. Muitos eram instruídos, alguns segmentos pertenciam a uma elite intelectual/política. Como aponta Guilherme Curi:

O florescimento da imprensa árabe no Brasil para além de uma mídia intra- comunitária foi um prolongamento da atmosfera de efervescência e debate característica do renascimento da literatura árabe no mundo, o chamado Al Nahda, considerado um dos movimentos culturais mais significativos que estabeleceu novos paradigmas não somente no campos das artes mas também da esfera política do chamado pan-arabismo na primeira metade do século passado. Em suma, constituiu-se de poetas, ensaístas e jornalistas exilados, conhecidos como escritores mahjari (diaspóricos), simultaneamente lidos na continente americano e nos países do Oriente Médio. Os dois principais coletivos eram al-Rabita al-Qalamiyah (A Liga da Caneta), sediada em Nova York, liderada pelo então famoso escritor Khalil Gibran, e al-Usbh al Andalusiyah (A Liga Andaluza), baseada em São Paulo, que reunia nomes um pouco menos conhecidos mas igualmente atuantes como Fawzi Maluf, Rashid Salim al-Khuri e Ilyas Farhat, que motivou a criação da revista “Liga Andaluza de Letras Árabes”, em janeiro de 1933.¹³⁶

¹³⁶ CURI, Guilherme. A diáspora recriada: Surgimento e expansão dos periódicos da comunidade sírio-libanesa no Brasil. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Alternativa, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015. Pág 8.

Os intelectuais traziam consigo um desejo por mudanças políticas e sociais de sua terra, enxergavam no Brasil uma oportunidade para um recomeço, não só financeiro, mas uma oportunidade de pôr em prática suas ideologias reprimidas pelo Império Otomano, dando continuidade a produções intelectuais com liberdade de expressão.

O jornal árabe na terra hospitaleira ganhou papel de “escola circulante”¹³⁷, acompanhou o mascate em suas jornadas, propagou ideias progressistas e culturais, levantando questões sobre o nacionalismo sírio ou libanês no início do século XX. Os periódicos traziam algumas colunas em português, mas a grande maioria das matérias eram escritas em árabe e francês e abordavam questões sobre o processo de independência da Síria e do Líbano, com posicionamentos por parte de militantes diante das questões políticas das terras de origem.¹³⁸ Além disso, difundia inúmeras notícias e informações sobre o Brasil, no intuito de informar os recém - chegados.

Segundo Pinto, a partir de 1910 os jornais no Rio de Janeiro começaram a apresentar diferentes projetos nacionalistas que circulavam entre os imigrantes na cidade. As posições favoráveis a tutela francesa na Síria e no Líbano tinham espaço no jornal “ Al-Hamra”(“ A vermelha/ Alhambara”) fundado em 1913, o nacionalismo sírio aparecia no “ Suria al- jadida” (“ A Nova Síria” de 1918, o nacionalismo árabe em “ Al – Tasahul” (“ A tolerância”) e o nacionalismo libanês aparecia no jornal “ Al-Arzat “ (“Os Cedros”) fundado em 1916. No restante do Estado do Rio de Janeiro, tivemos a presença da imprensa árabe em Campos com o jornal nacionalista sírio e anticlerical “ Al- Fair” (“ A Aurora”) de 1911 e em Niterói com o nacionalista libanês “ Al – Lubnan al – Kabir” (“ O Grande Líbano”) de 1921.¹³⁹

Guilherme Curi¹⁴⁰ apresenta em seu trabalho, uma grande quantidade desses periódicos árabes do final do século XIX e início do século XX alguns localizados no acervo da Biblioteca Nacional. Segundo o autor, São Paulo obteve quase 100

¹³⁷ HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo. Ícone. 1985. Pág 70.

¹³⁸ CURI, Guilherme Oliveira. O MAHJAR É AQUI! A comunicação contra hegemônica dos intelectuais árabe-brasileiros. Tese de doutorado para obtenção do título de Doutor em comunicação e cultura. UFRJ. Rio de Janeiro, 2018. Pág 212.

¹³⁹ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 99.

¹⁴⁰ CURI, Guilherme Oliveira. O MAHJAR É AQUI! A comunicação contra hegemônica dos intelectuais árabe-brasileiros. Tese de doutorado para obtenção do título de Doutor em comunicação e cultura. UFRJ. Rio de Janeiro, 2018.

publicações árabes- brasileiras e o Rio de Janeiro em torno de 60, com aproximadamente 300 jornalistas trabalhando na construção desses impressos.

Periódicos árabe-brasileiros da primeira metade do século XX, no acervo da Biblioteca Nacional.

Título	ANO	LOCAL	EDIÇÕES
Al-Assmahy: folha diária	1898	São Paulo- SP	5F
Al-Munazer	1900	São Paulo- SP	5F
Al-ADL (A Justiça: Orgão syrio)	1901 -1924	Rio de Janeiro - RJ	11
Al-Manarat	1902	São Paulo SP	1
O Oriente - Coletividade Sírio-Libanesa no Brasi	1908	São Paulo - SP	1
Al Chediak (Al Chediac)	1910	Rio de Janeiro- RJ	2
Al- Jadid	1911-1919	São Paulo - SP	37
Al-Maaref	1914	Santos - SP	1
Abu-nuas: órgão crítico árabe	1915	Manaus - AM	53F
Al- Amazon	1917	Manaus - AM	2

A Abelha: revista religiosa, litteraria, medicinal e moral	1919	Rio de Janeiro- RJ	6
Al-Faraed : revista syria scientifica, litteraria, agricola e social	1920	São Paulo- SP	
Al-Watan (A Pátria)	1922,1924 , 1932	São Paulo- SP	38
Al Fanuz (A Lanterna): órgão crítico libanez mensal	1933-1937	Rio de Janeiro - RJ	33
O Oriente – Orgam (sic.) de propaganda Syrio-Brasileira	1928	São Paulo- SP	9
Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes	1938	São Paulo – SP	16
Correio do Oriente	1946	Rio de Janeiro- RJ	512

(Tabela retirada do trabalho de Guilherme Curi. Página 213)

Além de utilizarem dos impressos para liberdade de expressão em relação as questões políticas e sociais das terras de origem, os imigrantes aproveitavam esses veículos para desconstruir a imagem marginalizada e depreciativa que os ligava a um oriente decadente, de indivíduos com má índole, hábitos exóticos, incultos e indolentes¹⁴¹. Esses estereótipos de natureza moral foram utilizados muitas vezes por setores da sociedade carioca e do Brasil no geral para desmoralizar o grupo. As anedotas, envolvendo o canibalismo dos árabes¹⁴², como já citamos, que muitas vezes não são tomadas como expressão de racismo e preconceito tem como intuito desqualificar a

¹⁴¹ SAID, Edward W. Orientalismo : o Oriente como invenção do Ocidente / Edward W. Said , Tradução Rosaura Eichenberg 1º Ed. São Paulo , Companhia das Letras ,2007. Pág 71

¹⁴² Como citamos no primeiro capítulo, as anedotas descreviam praticas canibais dos árabes por exemplo, com o intuito de reforçar o estereotipo negativado.

honra social e marginalizar a colônia.¹⁴³ Devido a esses estigmas, estes segmentos intelectualizados da comunidade síria, utilizaram dos periódicos para uma aproximação com a sociedade brasileira. Como aponta Curi :

Muitos destes veículos utilizavam a titulação “ Al- Brasil” numa clara demonstração de negociação identitária desses imigrantes com o objetivo de se integrarem ao novo território, ou seja, serem aceitos e percebidos como integrantes dessa nova sociedade, mesmo enfrentando percalços e limites estabelecidos por essa mesma sociedade [...] Nesse sentido, ao pesquisarmos os acervos da Biblioteca Nacional, nos deparamos com um dos primeiro periódicos bilíngues em árabe e português, publicados em território nacional, sob o título “ Al- Ashmay”. Escrito parte em português, podemos observar a explícita vontade dos recém chegados de serem aceitos, incluídos e acima de tudo, percebidos como uma nova comunidade aberta ao diálogo.¹⁴⁴

Este mesmo desejo pode ser percebido na publicação do jornal “Al- ADL: A Justiça” do ano de 1902, com uma coluna escrita em português, é possível perceber o claro desejo de aproximação com a sociedade brasileira.

Entra hoje, a justiça no seu primeiro anno de publicação como ele nenhum órgão syrio surgiu com mais brilho e elouquencia pugnando sempre pelo interesse dos seus conterrâneos, pondo todos os meios ao seu alcance para reforçar a sincera e cada vez mais crescente amizade entre braziliros e syrios. Como ele, nenhum jornal árabe contribuiu tão poderosamente para provar a este generoso e nobre povo, quanto os syrios o respeitam e quanto amam está pátria adoptiva.¹⁴⁵

Este periódico contou com a chamada “Secção Latina”, que abordava assuntos econômicos e sociais dos sírios, sempre tentando mostrar o progresso e organização da colônia para sociedade. Com descrições romantizadas, forneciam uma auto representação unida, pacificadora e sofrida:

Os syrios vem do sofrimento e das perseguições, unidos pelo amor, glorificam a família como ideal supremo e santo santificam o trabalho como lei divina; perdoam nas ofensas, renunciam o ódio, porque neste momento de amor, trabalho, estudo, reconstituição e regeneração, clamam como anjo¹⁴⁶.

¹⁴³ SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. 1995. 186.

¹⁴⁴ CURI, Guilherme Oliveira. O MAHJAR É AQUI! A comunicação contra hegemônica dos intelectuais árabe-brasileiros. Tese de doutorado para obtenção do título de Doutor em comunicação e cultura. UFRJ. Rio de Janeiro, 2018. Pág 211.

¹⁴⁵ Jornal “Al- ADL (A justiça) 1902 Edição 52. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁴⁶ Jornal “Al- ADL (A justiça) 1902 Edição 59. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

A valorização do labor e o chamado *ethos* do trabalho, sempre exaltados e reafirmados pelos imigrantes sírios, também esteve presente em muitos grupos migratórios, como os alemães e italianos. Nesse contexto, a questão da cidadania surge no mesmo momento em que as identidades étnicas são acionadas e reivindicadas, quando o progresso impulsiona esses grupos ao quadro político e econômico da sociedade mais ampla.¹⁴⁷ Com isto, esses indivíduos passam a exercer uma cidadania que implica na lealdade com o Estado brasileiro, trazendo progressos econômicos para o país, entretanto sem renunciar seus valores étnicos.

O caráter dinâmico da imprensa árabe no Rio de Janeiro, fez com que em 1937, fosse criada na cidade a Associação da Imprensa Libanesa. Entretanto, a proibição e publicações em línguas estrangeiras entre 1941 e 1945 impulsionou a decadência da imprensa árabe no Brasil. Além disso, como aponta Pinto “Isso ocorreu porque, entre outras coisas, as disputas políticas e simbólicas internas à comunidade e as dinâmicas transnacionais que alimentavam a diversidade de produção já haviam mudado de caráter e perdido força”.¹⁴⁸

Percebemos que, a vasta produção dos intelectuais árabes e de sua imprensa, fortaleceu as chamadas “comunidades imaginadas”¹⁴⁹ desses imigrantes que, mesmo distante de suas terras, possuíam um sentimento nacionalista relacionados a crenças grupais onde, embora distintas, trazia uma sentimento de vinculação e solidariedade dentro do grupo, fortalecido por meio de informações que chegavam de suas terras através dos periódicos e mantinham assim, um sentimento de pertença e de comunhão entre eles. Além disso, desempenharam um papel de extrema importância para sua inserção social na cidade do Rio de Janeiro, utilizando sempre a exaltação de suas origens e reforçando, assim, a identidade do grupo. Porém, a imprensa árabe não foi o único veículo para as diversas representações da colônia síria no Rio de Janeiro. Através dos periódicos cariocas, conseguimos perceber com mais clareza os mecanismos utilizados para a inserção e aproximação do grupo com a sociedade carioca. Os jornais

¹⁴⁷ SEYFERTH, Giralda. A ideia da cultura teuto- brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. *Horiz. Antropol.* vol.10 no.22 Porto Alegre July/Dec. 2004. Pág. 67

¹⁴⁸ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 99.

¹⁴⁹ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Pág. 32

em circulação no Rio de Janeiro durante esse período, foram muitas vezes utilizados por membros e simpatizantes da colônia, e nos trazem certos aspectos da vida cotidiana dos sírios e libaneses na cidade que não são mencionados nas obras dos intelectuais sírios do período. Desta maneira, julgamos necessário apresentar de forma breve o caráter da imprensa carioca no início do século XX, para que possamos compreender o porquê da utilização desse espaço por esses imigrantes.

2.2 – A imprensa carioca no início do século XX.

Como mostramos no tópico anterior, os imigrantes oriundos do Oriente Médio conseguiram criar uma imprensa em várias cidades brasileiras, incluindo o Rio de Janeiro, e com isto, mantinham ligações com a terra Natal e ao mesmo tempo, tentava aproximar sírios e libaneses dos brasileiros.

Entretanto, ao analisarmos alguns jornais cariocas entre 1900- 1920, encontramos algumas colunas e matérias em português ¹⁵⁰produzidas por jornalistas brasileiros e árabes, que buscaram utilizar desses impressos para construir uma imagem positiva da colônia síria na cidade. O intuito era criar representações que ocultassem as diferenças/desavenças internas do grupo trazendo assim, um estereótipo unificado da colônia.¹⁵¹A partir disso, nos indagamos sobre o caráter dos periódicos cariocas nesse período.

Iniciando nossas análises percebemos que, a partir de 1880, um novo jornalismo começa a ganhar forma no Rio de Janeiro. Os principais jornais da cidade adotaram formulas editoriais que visavam conquistar um público cada vez mais amplo. O corpo de jornalistas era formado em sua maioria, por homens provenientes da faculdade de direito que utilizavam dos cargos de redator ou repórter para alcançar posições políticas ou estabilidade financeira. Esta, era uma posição de prestígio, que possibilitava chegar a cargos públicos e entrar na política ou na diplomacia.¹⁵²

¹⁵⁰ O uso do português por parte dos imigrantes nos jornais cariocas no início do século XX nos indica uma estratégia de aproximação com a sociedade carioca e uma forma de afastar estereótipos negativos que frisavam o isolacionismo e distanciamento cultural dos sírios e libaneses perante os brasileiros. Esses aspectos eram evocados constantemente por segmentos da sociedade que sentiam incomodo com a presença árabe na cidade. Utilizar o português em jornais cariocas de grande circulação no período, seria uma das formas de desconstruir tais estigmas.

¹⁵¹ Iremos explorar as diferenças e conflitos ocultados nessa imagem positiva propagada por parte da colônia em outros periódicos no capítulo seguinte.

¹⁵² BARBOSA, Marialva. Imprensa, poder e público: os diários do Rio de Janeiro (1880 -1920). Intercom. Rev .Bras. de Com. São Paulo, Vol XX nº 2, pág 87-102. Jul/dez 1997.Pág 91.

As mudanças começaram a partir da edição dos textos que, nesse momento, buscaram separar o artigo de fundo das colunas informativas, dando destaque para colunas policiais e reportagens, sob uma capa de neutralidade.¹⁵³ Os textos continham publicações que envolviam dramas cotidianos e boatos, buscando, dessa forma, provocar tanto ou mais interesse que os temas políticos debatidos diariamente.

Neste sentido, percebemos que, através da mudança do caráter da imprensa, foram criadas as colunas fixas, que tinham como intuito a informação e construção de opinião. Para conquistar um maior número de leitores, passaram a englobar notícias de natureza policial, charges diárias, escândalos, notícias de blocos carnavalescos e entre diversos assuntos que buscavam atingir um público vasto e heterogêneo, como aponta Barbosa:

Paralelamente, há que considerar a representatividade de que a imprensa passou a ter no imaginário popular. Expressar conceitos e opiniões era, de fato, possuir poder. Através do que imprimia – transformando em verdade inquestionável – seria, sobretudo, propagadora de ideias e formadora de consenso em torno dessas mesmas ideias.¹⁵⁴

Aproveitando dessa nova estrutura e da importância simbólica da imprensa, os jornalistas sírios, que buscavam status e estratégias para aproximar a colônia da população, fizeram presença em muitos jornais da cidade. Veremos o caráter das matérias publicadas pelos letrados da colônia no próximo tópico.

2.3 - Os sírios na imprensa carioca e suas representações.

Como já foi mencionado, os imigrantes árabes que chegaram ao Rio de Janeiro no início do século XX, se depararam com um imaginário proveniente do orientalismo europeu em torno deles. A imagem do mascate atrevido, exótico com costumes e língua estranha eram comuns e circulavam por toda a cidade. Tendo em mente que, em uma sociedade pluralista, os indivíduos conhecem a realidade e o conteúdo dos estereótipos que os “outsiders” têm sobre eles, o grupo instruiu-se nesse mundo, tentando afastar os realces que lhe eram ameaçadores e buscavam promover aqueles que poderiam trazer benefícios.¹⁵⁵

¹⁵³ Idem. Pág 89.

¹⁵⁴ Ibidem Pág 90

¹⁵⁵ POUTIGNAT, Phillipe; STREI, Fernart Jocely. Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo. Unespe, 1998. Pág 168.

Neste sentido, os imigrantes que possuíam certo capital ou que eram subsidiados por membros mais ricos da colônia, utilizaram da imprensa carioca para uma autorrepresentação e dedicaram -se a uma incessante saga para inserir- se na sociedade carioca. Além disso, contavam com a simpatia de muitos jornalistas cariocas que, ajudavam a alimentar uma imagem positiva da colônia.

Os jornalistas sírios, utilizaram destes periódicos para esclarecer determinados “equivocos”. Assim como na imprensa árabe, os imigrantes fortaleciam suas identidades ao mesmo tempo que tentavam aproximar-se dos brasileiros. Utilizaram de marcadores de pertença, articulando seus traços culturais (língua, território, religião) para criar um mito de origem comum e assim, apresentar-se para a sociedade. Empenharam-se para mostrar os benefícios de sua presença na cidade como podemos observar na matéria intitulada de “A utilidade dos syrios”.

[...]A história da syria que talvez se pretendia pintar como um paiz de selvagens, sem civilização própria e sem tradições, constitue realmente um dos principais]períodos da história antiga e liga-se tão intimamente a evolução do ocidente [...] lembrar que a Syria foi pátria dos phenicios, dominadores dos mares, factores primordiais do desenvolvimento comercial do mundo, espalharam seus hábitos de trabalho, sua língua por diversas colônias da Africa, Europa e do Archipelago Grego [...] Estudados, pois, do ponto de vista de sua origem, de sua organização social, de suas tradições de raça, o syrio pode apresentar-se aos olhos do mundo como representante de um povo organizado, prezando igualmente o nome dos seus maiores e as tradições de honras [...]¹⁵⁶

Segundo Weber, os grupos migratórios nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, do mesmo modo que está torna-se significativa para o crescimento das relações comunitárias, sendo indiferente ou não à comunidade de sangue.¹⁵⁷ Neste sentido percebemos que, a identidade étnica é orientada muitas vezes para o passado e tem sempre uma “áurea de filiação”. É a crença nessa origem que corrobora para o sentido de unicidade de um grupo.¹⁵⁸ Essa unicidade em relação aos árabes, exposta nos periódicos ganhou força principalmente, a partir do incômodo gerado pela falta de distinção entre sírios e turcos por parte da sociedade carioca. Com isso, o fato de serem

¹⁵⁶ Jornal Gazeta (RJ) 1908. Edição 166. Disponível em : <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁵⁷ WEBER, Max. Economia e sociedade. Brasília: Editora UNB, Volume I. 1991 Pág 270.

¹⁵⁸ POUTIGNAT, Phillipe; STREI, Fernart Jocely. Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo. Unespe, 1998.Pág 162.

coletivamente nomeados como “turcos” pela população, gerou a necessidade de obter-se uma “coletividade síria” que foi reforçada inúmeras vezes na imprensa com o intuito de afastar a dominação pejorativa associada ao grupo. Percebemos isso nas duas matérias a seguir:

[...] Estimado representante da colônia syria escreve nos pedindo a publicação das seguintes linhas: diversos artigos tem sido publicados com relação a colônia no Brasil, e nada teria opôr se alguns desses artigos não fossem assignados por um súbdito da Turquia. Taes artigos não representam o modo de sentir dos syrios que nada tem a ver com a Turquia, salvo sob o ponto de vista do terror que o seu governo inspirava, submetendo- os a uma escravidão cujos os efeitos os obrigavam a doce refugio. Syrios e turcos são bem distinctos : nos nada tem a ver com outros, principalmente longe da Syria e da Turquia em paiz tão grandioso e hospitaleiro como o Brazil.[...] ¹⁵⁹

[...]Qual desalmado que teria coragem de chamar um belga de alemão? Sim, o furor teutônico subjugou a heroica Belgica: mas a Belgica não é a Allemanha. Sim, os turcos ocuparam a syria pela violência; por isso mesmo, os verdadeiros syrios foram e são irreconciliáveis inimigos da Turquia nefanda e barbara. O povo daqui em geral, mal informado sobre cousas do Oriente e iludido pelas “expressões geográficas” chama correntemente de “turcos” os pobres “syrios”. Quem ler estas páginas sinceras verificará quão monstruoso é para os brios nacionais dos vencidos o appellativo ominoso do vencedor selvagem e infame. ¹⁶⁰ [...]

O racismo em relação ao turco atrelado a mágoas históricas dos imigrantes com o Império Otomano, fez com que as identidades particulares (que continuaram existindo) dentro da categoria de “sírios” ¹⁶¹ fossem “substituídas” mesmo que de forma aparente por uma identidade coletiva nos impressos. Como Barth aponta, a interação de indivíduos de um determinado grupo com outras culturas, acaba gerando muitas vezes a redução de diferenças no seu interior, trazendo uma aproximação de códigos e valores . ¹⁶²Com isto, percebemos que, mesmo com as fragmentações existentes dentro da categoria “síria” que englobava indivíduos de regiões diferentes, com múltiplos

¹⁵⁹ Jornal “O fluminense” 1911 Edição 8235. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁶⁰ Jornal “A Razão” 1920 Edição 1445. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁶¹ Relembrando que dentro da categoria de sírio neste período estavam sírios, libaneses e uma minoria palestina. Tais identidades só passam a ser diferenciadas na imprensa carioca em alguns periódicos no final da Primeira Guerra Mundial.

¹⁶² BARTH, Fredrik. . O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000. Pág 34

segmentos religiosos e diferenças culturais, as colunas eram apresentadas de forma homogênea, sempre utilizando como títulos “ Os syrios”¹⁶³, “ Notas de um syrio”, ¹⁶⁴“ Assumptos syrios”¹⁶⁵ que traziam assuntos que abordavam a história do povo, causas da imigração, religião, culinária, de forma unívoca. Diferente da imprensa árabe que, apesar de apresentar-se em alguns momentos como uma unidade, era muito utilizada para definir as comunidades nacionais sírias ou libanesas.

Além dos periódicos terem dado atenção às afirmações identitárias que foi reforçado pelos imigrantes diversas vezes nas primeiras décadas do século XX, eles eram utilizados pelos sírios para aproximação com os cariocas. Para obter isto, a chegada do grupo e o acolhimento por parte dos brasileiros era exposta de forma amistosa por muitos membros da colônia, como percebemos na publicação do jornalista sírio Sebe Pedro Curi:¹⁶⁶

Diz a história, ou por outra, diz a lenda que foi em uma manhã de 1875, que alguns homens de calças largas apareceram como por encanto nestas bemditas paisagens : a multidão acercou-se deles possuída de uma curiosidade irresistível afim de conhecer aa origem desta gente robusta, de tez morena, olhar pensativo e triste, cuja linguagem cultural e incompreensível, causava admiração a todos: mas houve também quem os conhecesse e os apresentasse a sociedade como oriundos da mais tradicional das terras, homens morigerados e trabalhadores, de perfeita educação moral e cuja a religião era a da maioria absoluta dos brasileiros : e foi o bastante para que todos os lares fossem abertos e a hospitalidade a mais franca lhes fosse dispensada [...] ¹⁶⁷

Esta descrição romantizada sobre o acolhimento dos brasileiros foi, muito comum nos jornais do período. Porém, o uso da religião como elemento que impulsionou o acolhimento dos imigrantes não pode ser considerado suficiente, quando sabemos que um grupo pode possuir uma religião em comum e mesmo assim, continuar sendo

¹⁶³ Jornal A união 1905 -1906. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁶⁴Jornal Gazeta Notícia de 1908. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁶⁵ Jornal A Razão 1920. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁶⁶Através das nossas pesquisas, descobrimos que este jornalista fazia parte da redação do jornal AL-ADL em 1902. Além disso, era dono de uma fábrica de calçados e chapéus e duas padarias na cidade do Rio de Janeiro. Estes dados, enriquecem nosso argumento de que os representantes dessa colônia provinham, muitas vezes, de uma elite. Além disso, está informação entra em confronto com a afirmação de Oswaldo Truzzi, que declara que os ricos da colônia nada tinham de intelectuais. Segundo o autor os ricos eram “homens rudes e enriquecidos entre as asperezas de muita labuta” e que os intelectuais eram dependentes e desprezados pelos mesmos. TRUZZI, Oswaldo De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo, Ed. Sumaré, 1992.Pág 42.

¹⁶⁷ Jornal “ A Gazeta (RJ) 1908 Edição 161. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

percebido como diferente. No caso dos árabes, a diferença permaneceu mesmo sendo cristãos. A desconfiança por parte da sociedade continuou pois, a maioria dos imigrantes sírios e libaneses pertenciam a diferentes denominações cristãs tendo seus ritos vistos muitas vezes como “exóticos”. Ao chegarem no Rio de Janeiro, eram classificados apenas como “católicos” que incluíam (católicos romanos, maronitas, melquitas, armênios católicos e caldeus), e “ a –católicos”(mulçumanos, judeus, cristãos ortodoxos, siríacos) .¹⁶⁸

Além disso, os imigrantes árabes enfrentavam dificuldades para obter reconhecimento de suas tradições religiosas e sofriam pressões culturais para que adotassem os dogmas e rituais da Igreja Católica Romana¹⁶⁹. As instituições católicas eram resistentes ao reconhecimento do cristianismo oriental, mesmo as igrejas uniatas.¹⁷⁰ Neste sentido, percebemos que a matéria tenta afastar essas divisões e problemáticas, utilizando do catolicismo como elemento aproximativo, no claro intuito de trazer elementos culturais semelhantes e diminuir a distância do “nós” e “eles” por meio da religião em comum.

Essa aproximação também foi reforçada nos assuntos matrimoniais. Com critérios diferentes em relação a casamento dos brasileiros, ¹⁷¹principalmente nos primeiros anos do início do século XX, o casamento Inter étnico foi percebido muitas vezes como uma ameaça à reprodução social e étnica, devido às diferenças de costumes¹⁷². Desse modo, muitos imigrantes retornavam à terra natal para obter matrimônio ou pediam para que a família enviasse uma mulher para que o casamento fosse realizado. As famílias exerciam forte influência na aprovação ou reprovação dos conjugues. Havia um empenho por parte da colônia para a manutenção da fronteira étnica, tendo como principal desejo o casamento realizado entre os membros da colônia,¹⁷³ e ao que tudo

¹⁶⁸ Devido a esse tipo de classificação, as estatísticas sobre filiação religiosa são bastante imprecisas. PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 106.

¹⁶⁹ Idem Pág 90.

¹⁷⁰ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 108.

¹⁷¹ Os brasileiros, eram vistos com costumes diferentes, imorais, maus conjugues e “farristas”. VILELA, Elaine Meire. Sírios e Libaneses : Redes sociais, coesão e posição de status*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol 26 n° 76. 2011. Pág171

¹⁷³Em seu estudo sobre a comunidade pomerana, Joana Bahia aponta que, a mulher dentro de determinados grupos preserva a língua e é a possuidora dos saberes mais fundamentais da educação,

indica, assim foi efetivado, já que cerca de metade destes imigrantes obtiveram o matrimônio dentro do próprio grupo.^{174 175} Entretanto, devido às críticas por parte da sociedade, alguns representantes e simpatizantes da colônia empenharam-se em provar que o grupo não tinha restrições com casamentos fora da mesma.

Hoje a Colônia syria é uma grande colônia que se entregou a labores diversos, contendo no seu seio homens de valor intelectual. Em geral os syrios são inteligentes, honestos, trabalhadores, aplicados e afectivos. Se adapta perfeitamente aos nossos costumes e encontra no Brasil uma segunda pátria.[...] Aqui no Rio de Janeiro, muitos são casados com brasileiras. Uma estatística do jornalista syrio Gabriel R. A Salhab dá 25 por cento de syrios que constituíram família com brasileiras.[...] Principalmente os que empregam a sua atividade aqui no commercio, aqui esforçam-se para conhecer melhor a língua portuguesa tomando para isso professores particulares que lhes ensinam também o francez e o inglez.¹⁷⁶

No final do século XIX e no início do século XX, como já mencionamos no capítulo anterior,¹⁷⁷ alguns políticos nacionalistas do período divulgavam o perigo da presença de estrangeiros que não fosse assimilados em território nacional. O governo brasileiro assume uma postura assimilacionista, quando não exercendo no nível da prática, utilizava em nível ideológico, entrando em conflito com os valores nacionais preservados pelos imigrantes.¹⁷⁸ Desse modo, a imigração só era vista de forma positiva

resguardando assim, a identidade étnica e social do grupo. Percebemos esse mesmo fenômeno na Colônia Síria, tendo em vista que cerca de 82% de origem síria ou libanesa casaram-se dentro dos seus grupos étnicos, contra 39% de seus conterrâneos homens. Esse número nos indica que, isso ocorreu devido a manutenção dos costumes e da língua como marcador étnico. BAHIA, Joana. “O tiro da bruxa”: identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos do Estado do Espírito Santo. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2000. Pág 193;(VILELA 170)

¹⁷⁴ VILELA, Elaine Meire. Sírios e Libaneses : Redes sociais, coesão e posição de status*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol 26 n° 76. 2011. Pág 170

¹⁷⁵ Segundo Vilela, em 1927, um relatório sobre esse grupo mostra que o casamento endogâmico foi realizado 50,5% das vezes, mostrando um índice de fusibilidade mais baixo do que italianos, espanhóis e portugueses. VILELA, Elaine Meire. Sírios e Libaneses : Redes sociais, coesão e posição de status*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol 26 n° 76. 2011. Pág 170

¹⁷⁶ Jornal “ A Gazeta (RJ) 1908 Edição 152 . Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁷⁷ Item 2.3. Capítulo 1.(confirmar)

¹⁷⁸ Como aponta Seyferth, os ideais assimilacionistas do governo só vão ser postos em prática na década de 1930, mais especificamente na chamada “Campanha de Nacionalização”. SEYFERTH, Giralda. Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político. Mesa redonda Imigrantes e Emigrantes: as transformações das relações do Estado Brasileiro com a migração. 26° reunião de antropologia. Porto seguro, 2008. Pág 96.

se o grupo fosse, nacionalizado, aberto para costumes e hábitos brasileiros.¹⁷⁹ Com isso, percebemos que os dados fornecidos pelo colunista sobre o casamento entre sírios e brasileiros, indicam uma clara preocupação que os mesmos tinham em provar para sociedade que, o grupo não restringia-se apenas a casamentos e relações dentro da colônia. Tal preocupação pode ser explicada, devido acusações de que os sírios e libaneses eram exóticos, fechados e “não assimiláveis”, afastando-os assim do tipo “imigrante ideal”.

Apesar dos aspectos culturais terem sido destaque da imprensa, devido ao estranhamento e preconceito em relação aos sírios e libaneses, as questões relacionadas ao comércio envolvendo estes imigrantes foram o destaque na imprensa do Rio de Janeiro no início do século XX. Como citamos no capítulo anterior, a presença dos imigrantes não passou despercebida pela sociedade carioca, principalmente no que se referia ao comércio. Muitas queixas contra os vendedores ambulantes de origem árabe eram relatadas nos grandes jornais cariocas do período tratado. Os ambulantes eram acusados de não pagar impostos, de serem violentos e “trambiqueiros”. Devido a críticas deste tipo, muitas matérias produzidas por estes imigrantes visavam desfazer tais acusações. E para isto, argumentavam pautados em aspectos culturais, étnicos e econômicos.

“ O syrio estudou a situação do commercio, entrando em relações com os seus elementos poderosos e viu então deante de si uma carreira remuneradora, atento os altos lucros, que, em geral, proporcionava aos seus representantes adstrictos ao regime de vender pelo mais elevado preço – A boa fortuna dos comerciantes contrapunha-se as condições penosas do consumidor, com preços exagerados, a artigos indispensáveis a vida, facto determinado em grande parte pelo regime protecionista. Montava-se casas luxuosas quanto o consumidor empobrecido debatia-se na miséria, ou lucrava com dificuldades inexplicaveis, em um paiz novo e da grandes recursos materiaes. O syrio foi então no encontro dessas necessidades, multiplicou em esforços, percorreu cidades villas pobres, povoações do interior, levando os artigos de seu commercio as classes mais pobres, barateando-os sensivelmente sem outro objetivo que não o de vender a baixo preço para aumentar o circulo de suas relações comerciais e conquistar terreno em que outros até então haviam dominado [...] Com o syrio, tornou-se evidente a grande diferença nos preços das mercadorias, o que despertou a atenção do povo. De toda a parte, o syrio passou a ser procurado por satisfazer os interesses e a economia dos compradores. Procedendo assim, o syrio obrigou os concorrentes a lhe seguir as pegadas, destruindo a muralha do monopólio [...] Em suas excursões pelo interior do paiz, o syrio sempre foi cordato,

paciente, respeitador da lei, pagando sem relutância os impostos e contribuições que lhe era exigidos.¹⁸⁰

Percebe-se o empenho de tentar enaltecer uma inovação na forma de comercializar, atribuindo tal sucesso a um novo empreendedorismo atrelado a um olhar sensível a questões do povo brasileiro que, segundo o colunista, sofria com a ganância dos antigos comerciantes. Relato semelhante também pode ser visto na edição 04 de 1906 do jornal a União:

E assim que vieram para o Brasil, estes syrios têm alcançado no commercio um logar tão saliente até despertar inveja, senão o ódio de certos concorrentes. Em toda a escala comercial, desde a caixinha de papelão contendo agulhas, linha e alfinetes até aos grandes estabelecimentos, o syrio tem se mostrado de uma admirável proficiência. Reparem para este mascate sob um sol abrasador ou impertinente chuva leva de casa em casa os artigos de seu commercio. Elle entra em todas as casas e nunca se ouviu dizer, ter ele abusado moral ou materialmente. Uma honestidade á toda prova que ele tem sugado com o leite e aspirado com os ares puros e sagrados do Libano , o distingue de todos os mais e quando por um acaso algum syrio commette uma acção menos digna, ele é logo repellido do conceito de seus patrícios.¹⁸¹

As matérias realizadas pelos colunistas sírios Iben Massud e Sebon P Curi, demonstram a clara tentativa de representar a colônia como pacífica e enriquecedora, com o intuito de rebater as acusações feitas por alguns comerciantes cariocas que se sentiram prejudicados devido à concorrência pelo comércio dos sírios na cidade. Tais argumentações também podem ser encontradas em obras posteriores, como as do intelectual libanês Taufik Duon:

Vimos a este país e outros movidos pela necessidade de trabalhar e produzir, limitando-nos a isso sem arrogância nem mando, mas pelo contrário, respeitando os direitos e a vontade dos donos da casa, acatando e obedecendo as leis locais, tudo fazendo para agradar e beneficiar, resolvendo pacificamente todos os problemas e litígios¹⁸²

Os relatos de intelectuais como Duon, assim como dos dois colunistas sírios mostram que, os imigrantes tinham plena consciência de que estavam à margem e na parte inferior da hierarquia social. Tendo consciência desta condição, sabiam

¹⁸⁰ Jornal “ A Gazeta (RJ) 1908 Edição 166 . Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁸¹ Jornal “A União” 1906 . Edição 04. Disponível em : <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁸² DUON, Taufik. A emigração sírio-libanesa às terras de promessa. São Paulo, editora Árabe, 1944. Pág 105

exatamente que a imigração deveria “comportar apenas “vantagens” e, no limite nenhum “custo”¹⁸³ ou aborrecimentos para a sociedade. Deste modo, tentavam demonstrar de forma incessante sua “utilidade” e os benefícios econômicos que os mesmo traziam para o Brasil¹⁸⁴.

Além do comércio e do empreendedorismo, a caridade, cuja a realização plena seria a carreira religiosa, era a via preferencial de atuação política pública tendo como destaque a atuação das mulheres da colônia síria¹⁸⁵. Para Hajjar¹⁸⁶ e Knowlton¹⁸⁷, essas associações surgiram devido à dificuldade dos grupos familiares em atenderem as necessidades de seus membros diante de novas situações que não existiam nas aldeias da terra de origem. As principais funções destas associações segundo os autores eram: o amparo aos necessitados, sustentação das instituições religiosas, despertar de um senso de unidade coletiva e representação na sociedade em geral.

As associações formais que mais tiveram destaque foram as sociais, beneficentes e religiosas. Cada segmento religioso possuía suas associações, nas quais arrecadavam fundos para a construção de seus retiros religiosos. Muitas destas associações tinham função social, pois o desempenho conferia prestígio nas que nelas atuavam.

Dentro da imprensa árabe, os impressos divulgavam com frequência as obras beneficentes da colônia. Na imprensa carioca, encontramos algumas matérias abordando a temática como na edição de número 195 do de 1908 onde o colunista relata a ação humanitária das chamadas “Damas Syrias”:

Digna de animação e aplausos é a iniciativa brilhante das damas syrias, pois as syrias cariocas acabam de instituir uma associação cujo fim, não obstante visar o mais bello dos ideaes, qual o de prestar auxilio a pobreza em geral, visa também outra obra não menos meritória, qual a de socorrer as humildes e procurar trabalho as suas desprotegidas patricias. A associação das damas syrias instaladas nessa capital, veio satisfazer uma necessidade que os syrios aspiravam há muito e a julgar pelos actos que a predominaram na ultima sessão realizada muito se deve esperar desta notável associação. Consta-me que entre outros assumptos a directoria resolveu dispensar protecção a diversas senhoras necessitadas, fornecendo trabalhos a umas, dando colocação a outras e contemplando algumas com donativos: sei também que duas das

¹⁸³ SAYAD, Abdelmalek. O que é um imigrante? *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo. Edusp. 1998. Pág 48.

¹⁸⁴ São relatos como estes que, muitas vezes predominaram nos trabalhos acadêmicos como nos de Oswaldo Truzzi e que são questionados pela historiografia recente.

¹⁸⁵ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 109

¹⁸⁶ HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo. Ícone. 1985. Pág 129

¹⁸⁷ KNOWLTON, Clark. Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial. São Paulo: Anhembi, 1960. Pág 180.

mais queridas instituições dessa cidade foram objeto de uma deliberação dignamente caritativa. Como se vê, é um bello prenuncio que promete um glorioso futuro.¹⁸⁸

Embora a matéria nos de a impressão de que a associação citada acima fosse algo que abrangesse a comunidade árabe no geral, é importante frisar que, a colônia era dividida por diferenças econômicas, religiosas além de rivalidades familiares. Neste sentido, não foi possível encontrar uma associação que conseguisse representar a coletividade como um todo. Outro aspecto interessante desta mesma matéria, foi o pedido por parte do colunista a associação:

Não seria, pois, fora de proposito, dirigir agora num apelo ás dignas directoras directoras da nossa associação feminina, porquanto o facto de que vou tratar, vem de há muito preocupando o espirito de nossos homens não obstante depor contra os foros desta culta e incomparável metrópole. Trata-se do triste espetáculo de “duas ou três” mulheres de nossa nacionalidade que apresentam diariamente nas ruas mais centraes da cidade a exhibição humilhante dessas mulheres maltrapilhas em contraste com s sumptuosidade das avenidas e o luxo inexcedível das ruas em questão, constitue, quando não um crime, um facto por si só deprimente e vergonhoso [...] Estas duas ou três mulheres sinistras continuam a infestar as mais belas ruas da cidade, zombando e afrontando a moral de toda uma colônia.^{189 190}

Ainda que, muitos intelectuais e membros da colônia síria frisassem o caráter altruísta e de compaixão com os patrícios mais necessitados, a declaração em torno destas mulheres nos mostra que, as associações além do caráter humanitário, serviam também para afastar dos cariocas uma imagem depreciativa da colônia. Não queremos aqui dizer que, não havia solidariedade entre os membros da colônia, porém, inferimos que tais associações também serviram como uma espécie de “propaganda” para a sociedade, e que resgatar os patrícios mais pobres das ruas, pode também ser vista como uma estratégia por parte da elite síria para “não manchar” a imagem da colônia.

Durante a Primeira Guerra Mundial, quando o Império Otomano declarou seu alinhamento a Tríplice Aliança e passou a exigir o recrutamento forçado dos súditos, a emigração dos sírios e libaneses que não defendiam o domínio do Império intensificou-

¹⁸⁸ Jornal “A Gazeta (RJ)” 1908. Edição 195. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁸⁹ Jornal “Gazeta (RJ)” 1908 Edição 195. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁹⁰ A matéria não deixa claro qual o ofício dessas mulheres. Porém, em determinado momento o colunista descreve tal ofício como “digno” porém, “não apropriado para as mulheres”. Neste sentido, deduzimos que estas mulheres provavelmente eram ligadas ao comércio ambulante, já que se encontravam trabalhando nas grandes avenidas.

se. A insatisfação gerada entre os súditos devido a essas medidas de Istambul, estimulou os movimentos nacionalistas, que passaram a exigir cada vez mais a autonomia da Síria e do Líbano. Este nacionalismo nasceu com força durante o movimento cultural al-Nahda,¹⁹¹ e sustentou uma consciência nacional contrária à política de Istambul. Tal movimento esteve presente não só nos territórios da Síria e do Líbano, mas muito presente nas colônias no Brasil. A questão da nacionalidade refletiu diretamente nos imigrantes por questões concretas principalmente após a guerra. Segundo Pinto, com o Tratado de Lausane em 1923 ¹⁹² todo imigrante com a nacionalidade otomana que não reivindicasse pela nacionalidade referente ao território tornaria-se otomano automaticamente. Economicamente, esses imigrantes perderiam suas terras na Síria ou no Líbano, politicamente perderiam cidadania nas regiões de origem e, no Brasil, simbolicamente, obter a nacionalidade de um estado reconhecido pela comunidade internacional os afastaria supostamente do estigma de “Turco”.¹⁹³ As questões identitárias entre sírios e libaneses começaram a ganhar mais fôlego durante este período, trazendo uma distinção mais acentuada entre os mesmos, reivindicados principalmente por libaneses neste período que, aproveitando-se da influência ocidental mais marcante em sua região, julgando-se mais finos, educados e cultos que os sírios, educados e cultos que os sírios¹⁹⁴.

Dentro da imprensa árabe, as posições favoráveis à tutela da França sobre a Síria e o Líbano eram encontradas de forma fragmentadas em diversos periódicos com fortes discursos nacionalistas.

Nos periódicos do Rio de Janeiro, os jornalistas sírios expressavam outras questões. Quando o Brasil declarou guerra à Tríplice Aliança, a colônia síria mostrou intenso apoio ao “país acolhedor” e à França. Os jornalistas sírios neste período, utilizaram deste espaço principalmente para manifestar apoio aos brasileiros, aproveitando o cenário para reforçar sua posição, frisando sempre sua distinção dos turcos como

¹⁹¹ Como citamos no início deste capítulo a *AL-Nahda* foi considerado um grande dos movimento cultural mais significativo, que gerou novos paradigmas não somente no campo das artes, mas também na esfera política. Envolvendo ensaístas, jornalistas e escritores da diáspora.

¹⁹³ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 87

¹⁹⁴ TRUZZI, OSWALDO De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo, Ed. Sumaré, 1992. Pág 21

apresenta a matéria de 1917 intitulada de “A cruz vermelha syria nada tem a ver com os turcos!”

A constante confusão dos syrios com os turcos, dá logar a errôneas suposições sobre a importância da colônia que aqui vive e prospera, tendo as suas grandes casas comerciais, suas habitações distintas, sua vida social toda entrelaçada à vida brasileira, quanto o é a colônia. Sobre a Cruz Vermelha Syria, intimamente ligada á Cruz Vermelha Brazileira, já se disse que era sustentada por elementos turcos. Contra isso, é que vieram á nossa redação reclamar, afirmando que a Cruz Vermelha Syria é exclusivamente sustentada pela colônia citada, os srs. Drs. Alfredo Jobos, Leon Apelian, dr. H Hachich e Miguel Achar. Como é sabido, são representantes da raça syria de distinta cotação entre nós, sendo os principais dirigentes da Cruz Vermelha.¹⁹⁵

Ainda no início da Primeira Guerra, o governo francês reuniu informações a respeito dos imigrantes sírios e libaneses na América, com o intuito de identificar e estimular a campanha favorável à tutela da França em suas regiões de origem. Assim, como aponta Pinto, “Tanto as identidades dos imigrantes árabes quanto o colonialismo francês no Oriente Médio se configuraram como projetos transnacionais que conectavam processos políticos e culturais na América do Sul, Europa e Oriente Médio”.¹⁹⁶

Sabendo da importância das comunidades de imigrantes na elaboração de projetos políticos do nacionalismo árabe, as embaixadas e consulados franceses¹⁹⁷ no Brasil, começaram a recolher informações sobre as atividades políticas dos imigrantes sírios e libaneses, em um processo que iniciou nos anos de 1910 e foi oficializado pelo governo em 1920.¹⁹⁸

As atividades dos franceses não se restringiram apenas à vigilância das atividades políticas que pudessem ir contra às suas ambições no Oriente Médio. Elas também incluíram busca de alianças com lideranças e instituições árabes, que pudessem ajudar na concretização, sendo a embaixada localizada no Rio de Janeiro o centro dos seus esforços. Essas alianças se expressaram nos periódicos várias vezes durante esse período:

¹⁹⁵ Jornal “A Razão” 1917. Edição 150. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁹⁶PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 87

¹⁹⁷ As embaixadas francesas se relacionavam com as instituições sírio-libanesas através do *drogomanos*, nome dado aos tradutores que serviam aos serviços consulares europeus no Império Otomano. Segundo Pinto, o governo francês reproduziu o quadro institucional de sua relação com o Império Otomano para atuar nas comunidades árabes no Brasil. PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 87

¹⁹⁸ Idem Pág.87

A colônia syria que, no Brazil, como em toda parte, se colocou entusiasticamente ao lado dos aliados, promptificando – se não só para pegar em armas para defender a sua pátria de escolha, mas ainda para ir em auxílio dos que tratam de libertar a Syria a colônia syria esta se agitando por meio de “comitês” especialmente organizados, para saber o destino que depois da guerra, terá a mãe pátria longínqua (...) Sendo muito gratos a França, logo que se possa refazer o mapa politico do mundo. Sendo muito gratos a França que tem sido a potencia protectora da Syria. Mas amando acima de tudo a liberdade, os syrios trabalham activamente em todo o mundo, não para obter apenas uma mudança do senhor, mas para conquistar uma liberdade completa, que os levantes no concerto das nações. Não há nenhuma duvida de que esse movimento é nobre, bello e merece as symphatias do mundo, que hoje está inclinado a seguir a política das nacionalidades em contraposição a politica da Alemanha, que só pensava em conquistar e reduzir ao seu domínio os povos mais diversos.¹⁹⁹

A matéria acima expressa o entusiasmo com que a colônia síria acompanhou a expulsão dos turcos. Centenas de sírios que residiam em todo o Brasil, voluntariaram-se ao longo da Primeira Guerra para lutar ao lado dos aliados. Muitos imigrantes até esse momento pretendiam retornar as regiões do Líbano e da Síria.



(Imagem retirada do Jornal A razão de 1918 – A imagem refere-se ao embarque no Cahis do Phoroux de 45 sírios voluntários com destino a Europa para lutar ao lado dos aliados na Primeira Guerra Mundial.)

¹⁹⁹ Jornal “A Razão” 1917. Edição 260. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁹⁹ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 87

Porém, após a traição da França e da Inglaterra muitos imigrantes resolveram não regressar para suas terras de origens. Após a guerra, as publicações passaram a incorporar diversos outros assuntos sobre a colônia. Espécies de “colunas sociais” começaram a ganhar destaque, dando atenção aos banquetes, casamentos e comemorações²⁰⁰ da colônia no Rio de Janeiro. A identidade hifenizada de “sírio-libanês”²⁰¹ começou a conquistar espaço, tornando-se a nova identificação da comunidade árabe.

Encontramos essa mudança no jornal a Razão, que lançou em 1920 a coluna chamada “Assumptos Syrio- Libanezes”²⁰². Neste espaço, encontravam-se notícias relacionadas ao Líbano e a Síria e ainda havia o empenho para desconstruir os preconceitos enraizados na sociedade carioca. O uso de imagens e destaque de tais eventos por parte da elite da colônia, ajudava na “propaganda” da mesma, que destacava o luxo e o sucesso econômico de parte do grupo.²⁰³

²⁰⁰ Após a Primeira Guerra Mundial, o termo hifenado sírio –libanes foi inevitável pois, atendia o interesse dos nacionalistas libaneses que ressaltava as diferenças entre a Síria e o Líbano na colônia. TRUZZI, Oswaldo De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo, Ed. Sumaré, 1992. Pág 40

²⁰¹ Segundo Oswaldo Truzzi, foi apenas na década de 1950 que os periódicos que circulavam na cidade de São Paulo passaram a se despolitizar totalmente e apresentar os banquetes e casamentos luxuosos.

²⁰² Jornal “A Razão” 1920. Edição 1445. Disponível <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

²⁰³ Porém, esse reconhecimento social partia primeiramente do interior do grupo, através de funções e atividades valorizadas. TRUZZI, Oswaldo De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo, Ed. Sumaré, 1992. Pág 40



(Imagem retirada do jornal A Razão 1920- Edição 1445 – Refere-se ao casamento do comerciante sírio Nacim Calaf com a brasileira filha de sírios Julia Munassa. Ambos integrantes da elite síria no Rio de Janeiro.)

O que percebemos na utilização dos impressos cariocas pelos sírios foi que, havia uma tentativa de fortalecimento de uma imagem homogeneizada que buscava amenizar os estereótipos impostos pela sociedade carioca. Na maioria dos textos, não havia o intuito de diferenciação dos mais pobres da colônia. Publicavam as matérias com ar de coletividade, sempre utilizando “A colônia syria” e homenageavam os mascates e sua perseverança, dando assim, a sensação de que todos imigrantes árabes estivessem ali representados. Porém, sabemos que a divisão de classe existe em qualquer grupo étnico com representações dominadas geralmente pela elite do grupo. Neste sentido, temos que ter em mente que esses porta-vozes faziam parte de uma classe média, portadora de capital cultural, como já foi mencionado e que grande parte dos imigrantes das camadas mais baixas, não eram letrados e não dominavam o português. Logo, percebemos que tais reportagens eram direcionadas aos cariocas, como espécie de propaganda para facilitar a aceitação do grupo e assim, melhorar sua interação econômica e social na cidade.

A imagem apresentada da colônia síria nos impressos, apareceu em inúmeras narrativas que estão presentes até os dias de hoje, principalmente na fala dos descendentes dos

primeiros imigrantes que se estabeleceram na Rua da Alfândega e seus arredores. Essa região, hoje conhecida como SAARA, foi o local de primeira implementação urbana da comunidade árabe do Rio de Janeiro. Como citamos no início deste capítulo, os primeiros trabalhos em relação a essa colônia no Rio de Janeiro, apresentam uma descrição romantizada da chegada desses imigrantes, como Worcman aponta:

No início do século XX, a cidade, então capital federal, vivia uma fase de grande desenvolvimento e acolheu de braços abertos os recém-chegados que, como vendedores ambulantes, vão estimular o comércio e ampliar o mercado consumidor. Sírios e Libaneses começaram a chegar no final do século XIX e, em maior número, nas primeiras décadas do século XX. Vinham fugindo da perseguição e da miséria em seus países, sob o domínio do Império Turco- Otomano [...] Durante todo o século e até hoje, a milenar lei do comércio norteou uma convivência harmoniosa entre os grupos, mantida com absoluta clareza de propósito e suplantando a animosidade que as guerras no Oriente Médio poderiam suscitar.²⁰⁴

Observa-se que, a descrição da autora é muito semelhante à fornecida pelos jornalistas e intelectuais da colônia do início do século XX. A autora descreve um acolhimento romantizado por parte dos cariocas, além de uma união que foi gerada devido aos “traumas” das terras de origem. Segundo a autora, além disso a “lei do comércio” que impulsionou a união desses imigrantes. Essa mesma explicação pode ser encontrada em depoimentos dos descendentes dos primeiros imigrantes como Isaac Nigri²⁰⁵, Segundo o antigo comerciante:²⁰⁶

No Oriente Médio, os países, a Síria, o Líbano, eram ditaduras. Aqui, árabes e judeus encontraram um país livre, sem condições, sem problemas religiosos, aceitando todas as religiões. Eles não conheciam democracia, vieram a conhecer aqui. Aqueles primeiros imigrantes pensaram então que esse país maravilhoso nos deu essa rua, essa facilidade para trabalhar. Se começassem a brigar, iriam matar a galinha dos ovos de ouro!²⁰⁷

²⁰⁴ WORCMAN, Susane. Saara. Relume Dumará. Rio de Janeiro.2000. Pág 20.

²⁰⁵ Os pais de Isaac Nigri eram judeus Oriundos da cidade de Sidon, no Líbano e chegaram no Rio de Janeiro em 1913.

²⁰⁶ Sabemos que, as identidades podem manifestar-se de formas diversas e em conjunturas distintas. Sendo assim, é importante ressaltarmos que, embora tenha ocorrido divisionismos por outros motivos e em outros contextos no interior do grupo, a mobilização de uma imagem homogênea por muitos desses comerciantes foi de extremamente necessária para que os negócios e assimilação desses indivíduos na sociedade carioca fossem desenvolvidos com êxito.

²⁰⁷ Entrevista disponível em : <http://www.folhacarioca.com.br/2012/12/10/saara-terreno-fertil-para-a-diversidade/>

Depoimento semelhante é encontrado na fala do filho do fundador da SAARA, Demétrio Habbib²⁰⁸

Aqui não se fala em guerra. Nossa guerra é pra botar o cliente pra dentro da loja. Procuramos trabalhar unidos e em paz. Esse é o espirito da SAARA²⁰⁹. Quando os pioneiros vieram para o Rio de Janeiro, as batalhas no oriente eram quase sempre de motivação religiosa, entre diversas seitas islâmicas, os otomanos, os judeus, os cristãos. Aqui, os imigrantes encontraram uma atmosfera de liberdade, e decidiram: “religião é nas sinagogas, nas mesquitas, nas igrejas, não no nosso local de trabalho”.²¹⁰

Segundo Marine Corde, um dos pontos comumente evocados para enfatizar a sociabilidade harmoniosa da comunidade do Saara é a superação dos conflitos religiosos (principalmente entre árabes e judeus) nos tempos da emigração. Além disso, aqui, resolveram ultrapassar os conflitos das suas terras natais para juntos, enfrentarem, as dificuldades no país desconhecido.²¹¹

A forma de ocupação na cidade, representada por árabes e judeus, segundo Paula Ribeiro, remete a um espaço que era um fator de “intimidade e segurança”, no qual a coletividade, composta por múltiplas trajetórias de vida subtendia o local como o espaço da infância, juventude e lazer onde, através de suas memórias, as experiências que são prazerosamente lembradas como uma coleção de vivências socialmente compartilhadas.²¹² Corde em seu trabalho aponta que, essas memórias são:

Marcadas por grande sociabilidade entre os comerciantes que, apesar de uma vida austera, viviam ligados por uma forte solidariedade e gostavam de se

²⁰⁸ Demétrio Habbib é uma das figuras mais respeitadas da SAARA. Possui condecorações tais como, a Honra ao Mérito do Clube Sírio-Libanês, 1997 e a comenda de Cavaleiro da Ordem do Cedro do Líbano

²¹⁰Entrevista disponível em: <http://www.folhacarioca.com.br/2012/12/10/saara-terreno-fertil-para-a-diversidade/>

²¹¹ Segundo Corde, na SAARA no período de sua pesquisa em 2015, foi possível perceber as discordâncias políticas entre as personalidades centrais da SAARA e um novo grupo de comerciantes. A autora aponta que, um clima de tensão existia nos bastidores das lojas, onde devido a disputas para eleições, a polícia teve que intervir. Com isto, como analisa Corde, a vida pacífica e harmoniosa entre os comerciantes deve ser apreendida menos como reflexo da vida cotidiana na SAARA do que como uma estratégia discursiva desenvolvida pelos lojistas para retratar a SAARA positiva. Embora o recorte da análise da autora seja diferente do nosso, seu olhar em cima das relações conflituosas da SAARA atual nos impulsionou a refletir sobre as relações e união dos primeiros imigrantes árabes que chegaram na cidade. CORDE, Marine. L. *A pacificação dos oximoros. Patrimônio Nacional da Imigração, Direito de voto dos Estrangeiros e ordem Nacional no Brasil e na França*. 2015. 404F. Tese.(Título de Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Agosto/2015 Pag 98.

²¹² RIBEIRO, Paula. ‘Saara’: uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro (1960 – 1990) 200. 229 f. Dissertação (Mestre em História Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo 2000. Pag 153

reunir no fim do dia e aos domingos para compartilhar piadas e música [...] A evocação de memórias felizes construídas a partir de lembranças compartilhadas e de grandes momentos de solidariedade e de sociabilidade vividos pelos imigrantes oferecem uma imagem lisonjeira da comunidade saarensa.²¹³

Através de um jogo memorial, desenvolvido por meio dessas relações sociais, nas quais a transmissão e a divisão de um passado, apresentado como sendo comum a diversos indivíduos, foi permitido criar e enfatizar os vínculos que unem esses indivíduos. A memória do sujeito depende do que os outros contam sobre o passado, seus discursos e recursos “memorísticos” que prevalece na sociedade.²¹⁴ Com isso, notamos que, com o intuito de oferecer uma imagem positiva do grupo que se forma a partir de tais laços memoriais, alguns traços do passado foram selecionados e reinterpretados de forma a evidenciar uma história fundadora da comunidade que fornece bases sólidas e alegres sobre as quais os seus membros constroem seus ideais de “viver juntos e em paz.”

Os trabalhos que abordam a convivência e a chegada dos imigrantes sírios no início do século XX na cidade do Rio de Janeiro ainda são escassos. Os poucos que existem, como apontamos acima, utilizaram de narrativas²¹⁵, isentas de conflitos entre os membros da colônia nesse período, sempre enfatizando a solidariedade das primeiras levadas de imigrantes oriundos do Oriente Médio na cidade.²¹⁶ Porém, a partir das nossas análises de fontes, chegamos a outras possibilidades de interpretação sobre essas relações. Através da imprensa do período, encontramos matérias que apontavam tensões e conflitos entre a classe intelectual da colônia, mas principalmente entre a classe mais baixa estabelecida no centro da cidade, principalmente na região da Rua da Alfandega e arredores. Por toda a cidade, brigas entre os sírios envolvendo comércio, jogos, matrimônios, entre outros foram publicadas inúmeras vezes pelas ocorrências de rua que

²¹³ CORDE, Marine. L. *A pacificação dos oximoros. Patrimônio Nacional da Imigração, Direito de voto dos Estrangeiros e ordem Nacional no Brasil e na França*. 2015. 404F. Tese. (Título de Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Agosto/2015. Pág 94

²¹⁴ SANCHEZ, Costa, F. La cultura histórica. Una aproximación diferente a la memoria colectiva. *Passado y memoria: Revista de história contemporânea*. n.º8, pp. 267-286. Pág 270.

²¹⁵ Principalmente dos antigos comerciantes da SAARA.

²¹⁶ O trabalho mais recente sobre os árabes no Rio de Janeiro, do autor Paulo Hilu da Rocha Pinto também não preenche essa lacuna. O autor aponta que, apesar da dispersão dos imigrantes por toda a cidade, a região da rua da Alfandega funcionava como “o centro cultural dos árabes da cidade”. O autor faz uma análise mais descritiva da chegada desses imigrantes. Não romantiza o convívio, mas também não aborda os possíveis conflitos.

circulavam no Rio de Janeiro neste período. Os locais de sociabilidade e lazer tão citados nas narrativas de antigos comerciantes da SAARA, foram palco muitas vezes de agressões físicas e até mesmo homicídios entre patrícios. Além disso, iremos mostrar algumas situações conflituosas dos sírios e outros grupos, incluindo os brasileiros. Neste sentido, no próximo capítulo, iremos analisar o perfil dos envolvidos, locais e os motivos para as essas tensões, mostrando um outro aspecto das relações da colônia síria na cidade.

Capítulo 3: “Os syrios estavam zangados!”

O título deste capítulo foi retirado do periódico “ O jornal’ de 1914 ²¹⁷. Tal matéria referia-se ao conflito de dois sírios moradores da Rua Senhor dos Passos, por motivos comerciais. Ambos entraram em luta corporal, saíram feridos e foram encaminhados para delegacia do 4º distrito. A matéria acima relata um aspecto muito diferente daquele que observamos no capítulo anterior sobre a colônia. Casos como este, não eram mencionados pelos porta-vozes da colônia síria porém, eram abordados com frequência pela imprensa carioca no início do século XX.

Nesse sentido, o terceiro capítulo busca trazer um novo aspecto sobre as relações internas e externas da colônia, apresentando através das *Ocorrências de Rua*, as principais causas para tais conflitos.

3.2- Conflitos e imigração árabe: o que sabemos?

Os conflitos e cisões internas na colônia síria ainda são muito pouco explorados pela historiografia do tema de um modo geral, principalmente na cidade do Rio de Janeiro e no período proposto por esse trabalho. Os primeiros indícios de cisões e conflitos entre

²¹⁷ O jornal 1914 edição ?

imigrantes sírios e libaneses foram apontados por Clark Knowlton, Oswaldo Truzzi e Claude Hajjer ²¹⁸ nos primeiros estudos sobre a comunidade árabe em São Paulo.

Clark Knowlton salienta de forma rápida e superficial a divisão da colônia, quando cita que :

A colônia sírio-libanesa em geral está de tal forma dividida por diferenças religiosas e econômicas, rivalidades de família e de região e ciúmes pessoais, que não foi possível organizar uma sociedade que representasse toda colônia.

Truzzi, buscando trazer uma análise um pouco mais detalhada sobre esse divisionismo nos indica que o fato para tais cisões pode ser explicado pela importância que a inserção social, étnica e religiosa tinham em sua terra de origem, portanto, a vinda para o Brasil não anulava rapidamente certas tensões. ²¹⁹

Segundo o autor, os quase quatro séculos de domínio turco somados aos vinte e cinco anos de colonialismo francês²²⁰, estimularam as cisões e conflitos entre diferentes grupos étnicos e religiosos, principalmente entre mulçumanos e cristãos. De acordo com Truzzi e Hajjar, a fragmentação religiosa (inclusive com diversas seitas dentro do próprio cristianismo) atrelada a um sentido precário de identidade nacional, foi substituída por um forte apego a identidade religiosa e regional, sendo esse aspecto um dos principais motivos para as cisões das primeiras levas imigratórias para o Brasil.

Nessa mesma perspectiva, Guilherme Aff Domingos aponta que: “A colônia árabe não é unida, porque é difícil você dizer “colônia árabe”. Os povos falavam a língua árabe, mas dentro dela existiam cisões profundas devido aos problemas de religião”²²¹

Essa fragmentação apontada pelos autores acima, foi intensificando-se após a Primeira Guerra Mundial, à medida em que a colônia foi se complexando, e as questões nacionais passaram a ficar mais exacerbadas. A afirmação e luta pela identidade síria ou libanesa, começaram a ganhar espaço dentro da colônia, iniciando dessa maneira, uma

²¹⁸ HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo. Ícone. 1985; KNOWLTON, Clark. *Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhembi, 1960; TRUZZI, OSWALDO De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo, Ed. Sumaré, 1992.

²¹⁹ TRUZZI, OSWALDO De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo, Ed. Sumaré, 1992. Pág 15.

²²⁰ Idem. Pág 13.

²²¹ Apud TRUZZI, OSWALDO De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo, Ed. Sumaré, 1992. Pag 18.

divisão mais acentuada do grupo. Segundo Truzzi, historicamente a base objetiva para estas diferenciações foram:

- Características geográficas que contrapõem um relevo montanhoso e acidentado do Líbano às planícies e de desertos da Síria.
- o fato de que sob o império otomano o assim chamado Monte Líbano era governado por um sistema feudal único, desenvolvido ao longo dos séculos, onde vários senhores feudais obedeciam ao “*Lord of the Mountain*”.
- uma população majoritariamente cristã, (sobretudo maronita) no Líbano, em contraposição a uma população majoritariamente muçumana na Síria.
- a influência de missões protestantes americanas (depois seguidas por francesas e outras) que fundaram colégios e universidades no Líbano cristão, conferindo aos libaneses letrados um sentimento de superioridade e de maior status em relação aos sírios.

Os libaneses foram acusados de frisar mais enfaticamente a diferença em relação aos sírios, julgando –se mais educados e cultos, já os sírios, reclamavam da arrogância libanesa e consideravam a Grande Síria um território único que incluía o Monte Líbano e suas fronteiras.²²² Tais distinções trouxeram divisões e tensões entre os membros da colônia, como apontam os autores.

As análises feitas pela historiografia tradicional, nos deram os primeiros indícios sobre a complexidade das relações internas da colônia. Porém, o trabalho de Julia Gomes Dornelas²²³, nos trouxe uma inovação e um outro aspecto sobre os conflitos existentes entre os imigrantes. A autora nos mostra através das análises de inquéritos criminais que, dentro da colônia síria na cidade de Juiz de Fora entre os anos de 1890 - 1940 longe de haver contatos marcados apenas por laços de amizade, havia uma série de conflitos que nada tinham a ver com fragmentações religiosas ou provenientes da terras de origem. Insultos verbais e agressões físicas envolvendo problemas com atividades comerciais, dívidas e concorrência no mercado, marcaram as relações dos sírios na cidade.

Através de nossas fontes, percebemos que conflitos semelhantes aos dos sírios de Juiz de Fora, inundaram as relações da colônia síria na cidade do Rio de Janeiro. Conforme citamos, não localizamos trabalhos que abordassem os conflitos entre os sírios na cidade

²²² TRUZZI, OSWALDO De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo, Ed. Sumaré, 1992. Pág 22

²²³ REIS, Juliana Gomes Dornelas. *Na América, a esperança: os imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes em Juiz de Fora, Minas Gerais (1890-1940)*. 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-graduação em História, Juiz de Fora, 2008.

do Rio de Janeiro. Neste sentido, durante esse capítulo, iremos apresentar os principais conflitos, locais e motivos para as tensões da colônia na cidade.

3.2- Os jornalistas sírios e algumas desavenças.

Como observamos no capítulo anterior, os jornalistas sírios utilizaram tanto da imprensa árabe quanto da imprensa carioca, para exaltar as qualidades do grupo e apresentar-se como uma colônia unida, trabalhadora e harmoniosa. Mas, no decorrer de nossas análises, encontramos algumas publicações que contrapõe esta imagem.

A primeira delas refere-se a alguns atritos que foram divulgados pela imprensa carioca ainda no início do século XX a respeito de desentendimentos entre os jornais sírio Al- Adl (A Justiça: Órgão syrio) e o Assawab. As divergências foram divulgadas, pelo jornal carioca “ Revista da Semana” de 1902 com a matéria intitulada de “ Congresso conciliador e confraternizador dos jornalistas syrios”²²⁴. Segundo a reportagem, algumas desavenças por motivos não revelados entre os órgão começaram a ocorrer. Com isto, os jornalistas sírios entraram em acordo e resolveram reunir-se em um congresso para resolver determinadas questões, estrelando-se um convênio entre as partes.



(Na imagem acima estão o 1º Checre Antun, redator do Al – ald, 2º Callil Cury, colaborador do Al- Brasil, 3º César Maluf, redator do Al- Brasil, 4º Feres Nagem, redator de Almanaral, 5º Checree Cury,

²²⁴ Revista da Semana 1902 Edição 121. Disponível em : <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

representante do Assawab e o 6º Naum Labaki, redator de Almunazer – Revista da Semana 1902 –edição 121)

Como citamos, a matéria acima não esclarece o motivo para tais conflitos. Porém, sabemos que esses podem ter surgido por motivos diversos, já que dentro da imprensa árabe, as matérias visavam atender a vontade do público imigrante que, apreciava reportagens recheadas de polêmicas sobre diferentes temas, com preferência para discussões políticas e religiosas. Com isto, almejando atrair o público, Duon aponta que muitos produziam artigos com “má fé”:

A maioria de tais contendas jornalísticas tiveram consequências funestas. Resultavam em litígios, querelas e choques sangrentos, custando muito dinheiro para pagar advogados e custas judiciais, além de preocupações e perda de tempo, que derrubaram negócios florescentes e prósperos. Tratava de jornalistas e autores decididos e irresponsáveis que recorriam a todos os meios ilícitos, provocando escândalos e publicando injúrias e falsas acusações. Até avaros de chapa mostravam-se generosos para fins inconfessáveis, pagando jornalistas inescrupulosos para manchar a reputação de desafetos.²²⁵

É interessante frisarmos novamente que, além das polêmicas publicadas, muitas revistas e jornais vinculados à colônia foram fundados com o intuito de promover discursos nacionalistas em prol da independência política da Síria e do Líbano, gerando intensos debates entre os periódicos²²⁶. Sabendo que as identidades são negociadas entre grupos externa e internamente, percebemos que as disputas simbólicas entre os ativistas da diáspora eram intensas pois, era nesse espaço que “nasciam” sírios ou libaneses durante o início do século XX.²²⁷

A partir deste indicio de conflitos entre jornalistas sírios, iniciamos uma busca por possíveis atritos entre seus colunistas que obtinham espaço na imprensa carioca e, encontramos duas reportagens, que demonstram relações conflituosas entre membros da colônia e os jornalistas. A primeira dessas matérias foi a coluna envolvendo o jornalista sírio Iben Massud, na edição 217 do ano de 1905. Após uma coluna tratando sobre

²²⁵ DUON, Taufik. A emigração sírio-libanesa às terras de promessa. São Paulo, editora Árabe,1944. Pág. 122

²²⁶ TRUZZI, OSWALDO De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo, Ed. Sumaré, 1992. Pág 44

²²⁷ CURI, Guilherme Oliveira. O MAHJAR É AQUI! A comunicação contra hegemônica dos intelectuais árabe-brasileiros. Tese de doutorado para obtenção do título de Doutor em comunicação e cultura. UFRJ. Rio de Janeiro,2018. Pág 216

padres católicos na cidade do Rio de Janeiro, o colunista resolve divulgar ameaças sofridas por seus patrícios.

Já tínhamos posto um ponto final ao nosso artigo quando fomos informados de que alguns de nossos patrícios, excessivamente susceptíveis, nada menos falavam em nos mandar queimar vivos; e isso por termos junto com o Revem. Padre Luiz Chidak em palestra com o amável e distinto secretário da redação d'a União externado umas ideias que não lhes agradaram. Paciência senhores! Nesta terra livre, as opiniões são livres também! É verdade que numa palestra escapam equívocos. Não nos culpe disso nem ao distinto secretário. Assumpto estranho, nomes estranhos, tudo prestava á tal. Mas em todo o caso, hão de confessar que os primeiros que aqui aportaram não eram da mais fina flor da sociedade syria. Se o adjetivo sahiu demasiadamente duro, desculpem, mas já lá foi. Zangar-se por tão pouco...efeito do calor d'estes últimos dias...²²⁸

Percebemos que, o que gerou incomodo nos patrícios foram as declarações expostas por Massud em uma palestra, sobre o perfil dos primeiros imigrantes que chegaram a cidade em uma palestra. Ao que parece, o colunista enquadrou os pioneiros numa categoria mais carente/marginalizada da sociedade, quando excluiu os mesmos da elite síria ao declarar que os indivíduos não eram “da mais fina flor” da colônia síria. Inferimos que, tal declaração pode ter gerado incômodo em seus conterrâneos por dois motivos: 1) Pela repercussão que tais declarações poderiam ter na sociedade carioca, visto que, a imagem positiva e de êxito do grupo era cultivada pelos intelectuais e elite da colônia. 2) Devido ao fato do colunista ter generalizado a classe social dos primeiros imigrantes, ofendido talvez por isso, membros de famílias pioneiras e pertencentes a elite.

Após o pedido de desculpa um tanto quanto “ácida” aos patrícios ofendidos pelas declarações sobre o perfil dos primeiros imigrantes que chegaram na cidade, Massud manteve provocações, apontando sobre possíveis conteúdos incorretos publicados pelos patrícios que o criticaram. Visando desmentir uma suposta declaração que falava sobre a colônia de forma homogênea e unida, o mesmo relata que:

Rebattendo assim aquellas pretendidas rectificações declaro mais que a homogeneidade que ele pretende existir na colônia, só existe superficialmente, pela força das circunstancias e pelas necessidades das relações comerciais. Não pode ser de outro, pois que os syrios da colônia pertencem a três classes diferentes: a da nobreza que tem poucos representantes; a burguesia que tem igualmente os seus, com nomes

²²⁸ Jornal A União 1905. Edição 217. Disponível em : <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

conhecidos e respeitados, e enfim, a classe laboriosa, não menos honesta e trabalhadora, mas que não pode pretender a nomes hereditários e conhecidos. Dispensamo-me de citar nomes, por que neste caso a força e a fogueira não seriam julgados suficientes para este seu criado. O esarteamento, acompanhado de algumas torturas bem refinadas, seria mesmo uma leve reparação.²²⁹

Tal declaração corrobora com a nossa hipótese que busca mostrar que as relações conflituosas e estratificadas do grupo eram pouco mencionadas e, muitas vezes, romantizadas devido o interesse pela inserção econômica e social do grupo. Percebe-se na declaração, a exposição de uma estratificação social existente na colônia, pouco mencionada nos livros e periódicos do período. Essa estratificação só passou a ser percebida no pós - Primeira Guerra, quando intensificaram-se as diferenças indenitárias entre sírios e libaneses, dando origem à formula que diz que “Quando o imigrante chega, e é um mascate pobre, ele é turco. Quando já melhorou de vida, tem uma loja e fala português direito, ele é sírio. Quando já está rico, virou industrial e tem filho doutor ou político, ele vira libanês”.²³⁰ Mas, o que mais nos chamou a atenção, foi o fato de Massud ter publicado, nos anos de 1905 e 1906, matérias que fortaleciam a imagem de uma colônia ordeira, pacífica e unida.²³¹ Tal “contradição” nos indica que, apesar deste episódio conflituoso relatado pelo colunista entre ele e seus patrícios, o mesmo fazia parte de uma classe média letrada que era responsável por ofuscar as complexidades e atritos da colônia, publicando na maioria das vezes a imagem ordeira e amiga do grupo para a sociedade carioca.

Outra reportagem de caráter diferente da exposta acima, mas que também nos apresenta as tensões da colônia foi encontrada na edição 330 do jornal “A Razão” de 1917 contra o jornalista sírio Jorge Chediac. Segundo a reportagem:

Anunciam os jornaes que o Ministro do Exterior está a pique de receber uma manifestação dos syrios desta Capital, a cuja testa se encontra o tal sr. Jorge Chediac, envolvido há tempo, num inquérito escandaloso e donjuanesco. Apresentara, em uma das sessões passadas, um requerimento de informações com o intuito justamente de sugerir ao Ministerio do Interior e avisar do

²²⁹ Jornal A União 1905. Edição 222. Disponível em : <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

²³⁰ PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 94

²³¹ No item 2.2 do segundo capítulo apresentamos a matéria do Jornal “A União” edição 4 de 1906, onde Iben Massud elogia a figura dos mascates.

Exterior, as providencias que devem tomar o primeiro quanto á qualidade daquele cidadão syrio, colocando por atos manifestos de encontro ao sentimento de sua colônia, isto é, pelos otomanos, o segundo para que impeça continue a mystificação, para que repila a tal manifestação em termos mais severos. Basta dizer que Chediak, é redactor da “Chibata”, “ Die Peitsche” jornal redigido em syrio e alemão, sempre cheio de insultos á pátria brasileira e aos seus costumes. Para terminar, dá conhecimento á casa de que com ele o orador ocorreu. Foi procurado também, por syrios para que pedisse a intervenção do general Thaumaturgo, da Cruz Vermelha brasileira, visto como relativamente á subscrição corrente na colônia syria para a Cruz Vermelha Alliada, Jorge Chediak exigia fosse aplicada para a Cruz Vermelha de todos os países inclusive para a Cruz Vermelha Otomana ²³²

Observamos na reportagem uma forte manifestação dos representantes da colônia síria contra Chediak por razões políticas, referidas a terras de origem e posicionamento político durante a Primeira Guerra Mundial e as difamações do mesmo sobre o Brasil. Não tivemos acesso a tais difamações e não temos conhecimento aprofundado sobre o conteúdo dos jornais árabes. Porém, através das publicações fornecidas pela imprensa carioca e pelos livros produzidos pelos intelectuais da colônia, fica claro que Chediak ao posicionar-se ao lado dos alemães e, conseqüentemente dos turcos, ativou a ira de muitos patricios na cidade. Além disso, embora houvesse discordância entre diversos assuntos políticos provenientes das terras de origem, denegrir a imagem do Brasil foi uma atitude que fez com que o jornalista desvirtua-se da maioria dos membros da colônia, já que percebemos que havia um claro esforço por parte da maioria dos intelectuais sírios em mostrar gratidão pelo “acolhimento” brasileiro. Além do medo de supostas repercussões, não podemos negar que muitos, realmente, sentiam um imenso carinho e gratidão pelo país.

As matérias acima, nos deram uma breve indicio da complexidade das relações dos intelectuais sírios no Rio de Janeiro, afastando-os da imagem que predominou na historiografia tradicional sobre o tema e nos próprios periódicos do período. Porém, foram as desavenças por questões pessoais e comerciais entre os sírios moradores dos centros urbanos que ganharam mais destaque na imprensa nesse período. Iremos abordar nos próximos tópicos os motivos desses conflitos.

3.4- Ocorrências de rua e os sírios.

²³² Jornal A Razão 1917. Edição 330 Disponível em : <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> .

No início do século XX, notícias relacionadas a crimes e conflitos de uma maneira geral, foram publicadas com frequência nos jornais do Rio de Janeiro. Almejando conquistar um maior número de leitores, os periódicos passaram a dar espaço a um tipo de notícia que até este momento estava em segundo plano: a de natureza policial.²³³ Nas notícias, homicídios, agressões físicas, ofensas verbais, escândalos, palpites de jogos entre outras, eram divulgadas com frequência pelos impressos. Os jornais desse período, davam enfoque para esse tipo de matéria devido à grande demanda e heterogeneidade do público, que parecia emanar curiosidade sobre como e porque os indivíduos que possuíam normas de convivência social rompiam com tais condutas através dos crimes que cometiam.²³⁴

Vários foram os grupos e sujeitos envolvidos nessas matérias, inclusive muitos imigrantes de várias nacionalidades. Segundo Boris Fausto, esse envolvimento em conflitos e crimes pode ser explicado se levarmos em consideração que, ao chegarem em várias cidades brasileiras, imigrantes de variados países se depararam com as frustrações da expectativa de ascensão social e com uma sequência de violências geradas por muitas dificuldades materiais e psicológicas. Tudo isso era atrelado ao árduo esforço de “*fazer a América*” em curto prazo, acarretando assim situações complexas. Obviamente que, estabelecer uma relação entre essas questões e crimes cometidos está longe de ser simples.²³⁵ Porém, é inegável o alto índice de envolvimento em situações conflituosas envolvendo homicídios, furtos e roubos entre vários grupos de estrangeiros.

Ao analisar alguns periódicos cariocas, nos deparamos com 23 publicações²³⁶ que exibiram os conflitos de natureza diversas entre os sírios no Rio de Janeiro no período de 1900- 1920.²³⁷ Porém, como veremos no decorrer deste tópico, as principais causas desses conflitos divulgados pela imprensa têm natureza comercial e ocorriam principalmente no centro da cidade. Essas situações conflituosas envolvendo imigrantes oriundos do Oriente Médio não foram comuns apenas na cidade do Rio de Janeiro.

²³³ BARBOSA, Marialva. *Imprensa, poder e público: os diários do Rio de Janeiro (1880 -1920)*. Intercom. Rev. Bras. de Com. São Paulo, Vol XX nº 2, pág 87-102. Jul/dez 1997. Pág. 90

²³⁴ OTTONI, Ana Vasconcelos. “O Paraíso dos ladrões”: imprensa carioca, civilização e gatunagem na cidade do Rio de Janeiro (1900- 1920). XIV Encontro Regional da Anpuh. Rio Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro 2010. Pág 2.

²³⁵ FAUSTO, Boris. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Brasiliense, 1984. Pág. 62.

²³⁶ Das 23 matérias que foram localizadas, escolhemos 13 que julgamos mais adequadas para as análises no decorrer desse tópico.

²³⁷ Além de casos que envolveram agressões, iremos apresentar matérias que mostram tensões e desavenças sem confrontos físicos.

Juliana Dornellas ao estudar processos criminais e periódicos do período envolvendo sírios e libaneses na cidade de Juiz de fora entre 1890 -1940 concluiu que a briga entre patrícios ocorria 34,61% das vezes, perdendo apenas para brigas de sírios e libaneses com os brasileiros.²³⁸

Os dados analisados pela autora apontam que os conflitos entre patrícios eram, com frequência, movidos por motivos frívolos. Ou seja: as brigas e agressões físicas se desencadeavam por rixas, brigas de bar, mulheres, jogos, entre outros. Ao analisarmos as ocorrências de rua nos periódicos do período, detectamos os seguintes resultados.

Matérias que envolviam conflitos da chamada “Colônia Síria” na cidade do Rio de Janeiro entre 1900-1920.

MOTIVOS DOS CONFLITOS	Nº DE MATÉRIAS
Comércio/ Freguesia	07
Rixas Desconhecidas	04
Bar / Jogos	05
Relacionamentos Amorosos	03
Fúteis	03
Desconhecidos	01

TOTAL: 23

Como podemos ver os conflitos ocorriam por diversos motivos que serão analisados separadamente nos próximos tópicos. Porém, antes disso vale ressaltar que a maioria desses atritos se desenrolavam principalmente nas áreas centrais da cidade entre homens,²³⁹ principalmente na Rua da Alfândega e nos seus arredores. Isso pode ser

²³⁸REIS, Juliana Gomes Dornelas. *Na América, a esperança: os imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes em Juiz de Fora, Minas Gerais (1890-1940)*. 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-graduação em História, Juiz de Fora, 2008.pag 123

²³⁹ Isso pode ser explicado se levarmos em consideração que no início da imigração, a maioria eram homens. Além disso espaços de lazer como bares e o comércio ambulante tinham predominância do sexo masculino.

explicado pela grande concentração de sírios que habitavam nessa rua e nos seus arredores, além da grande área comercial que havia no centro da cidade.

No decorrer da maioria dessas discussões, além das ofensas verbais, em alguns casos eram utilizadas armas de fogos, facas, garrafas, tacos de sinucas, socos e bofetadas, gerando em alguns casos homicídios. Algumas matérias analisadas citaram as armas utilizadas nos conflitos publicados.

Armas utilizadas

Instrumentos e golpes	Nºs
Socos/bofetadas	8
Facas	4
Desconhecidos (sem especificar a forma da agressão)	4
Armas de Fogo	3
Taco de Sinuca	1
Garrafas	1
Bengala	1
Navalh	1

Total: 23

Os instrumentos utilizados em conflitos são indicativos dos padrões de atividade cultural de determinada sociedade, tal como da maior ou menor democratização do porte de armas, principalmente armas de fogo²⁴⁰. Como podemos observar na tabela acima, os golpes mais utilizados eram os socos e bofetadas, tal recurso pode ser explicado pelo calor da discussão e o não acesso a outras armas naquele momento. Há matérias que abordam os conflitos sem especificar as armas utilizadas, só apontando que o indivíduo saiu ferido.

De acordo com Boris Fausto, os padrões de agressividade em determinado meio social são influenciados por fatores como o consumo de álcool, uso de drogas, acesso

²⁴⁰ FAUSTO, Boris. Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924). São Paulo: Brasiliense, 1984. Pág. 95.

rápido a armas eficazes, entre outros. Porém, existem outros padrões de violência física que podem resultar em homicídios: a violência empregada para conseguir determinados objetivos materiais (caso de latrocínio), a utilizada para resolver ofensas ou conflitos interpessoais, a que resulta em frustrações muitas vezes inconscientes, que acarretam a uma explosão súbita, violência do tipo pedagógica, muito utilizada a crianças e mulheres em certos meios e a chamada “*violência legítima*” aquela que rebate a ofensas e que visam restaurar a honra masculina.²⁴¹ Neste sentido, percebemos que as agressões e conflitos publicados pela imprensa entre os chamados sírios, transpareceu alguns valores e dinâmica da vida social na colônia síria do Rio de Janeiro . Iremos analisar as publicações que abordavam os diferentes motivos para tais conflitos.

3.4.1 – Conflitos entre os sírios na cidade do Rio de Janeiro.

Uma briga que acaba na policia

Entre os syrios José Abrahão vendedor ambulante, residente a rua de São João n°44, Paquetá e Esber Adala, morador á rua Aristedes Lobo n° 240 deu-se hontem uma desintelligencia com dentadas e troca de sopapos. Quando os dois lutadores menos esperavam, apareceu a polícia do 9° districto que, da Rua Malvino Reis, onde eles se achavam, os levou para a delegacia, onde foram atuados em flagrante. Abrahão ficou com três dentes partidos e Adala com o rosto mordido.²⁴²

Matérias publicadas como o caso relatado acima, foram extremamente frequentes nas páginas dos jornais cariocas. As brigas entre os imigrantes sírios por questões que envolviam negócios e comercio eram relatadas com regularidade.

Inferimos que a frequência para tais conflitos envolvendo questões comerciais pode ser explicada devido à sua inserção comercial e rivalidades geradas pelo mercado. A maioria dos sírios e libaneses espalhados pela cidade do Rio de Janeiro tinham como

²⁴¹ Idem.Pág 94

²⁴² Jornal “ O Jornal “ de 1919. Edição 188. Disponível em : <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

principal ofício o comércio ambulante e as vendas realizadas em pequenas lojas. Logo, inferimos que a disputa por pontos estratégicos e por freguesia eram intensos. Alguns conflitos chegavam a um ponto tão grave, que as páginas de alguns periódicos noticiavam os casos como verdadeiros inquéritos, como no caso que ocorreu na cidade de Niterói em 1911.

Entre os syrios Salomão Abraão de Dosax, alfaiate, instalado em uma sala á rua Visconde de Italaray, nos fundos do prédio nº 71 da Rua da Conceição, e Alexandre Curiatti, estabelecido nessa ultima rua nº16, com armário, existia velha rixa por questões de trabalho. Tiveram por vezes fortes discussões, em algumas, intervindo a policia para calma-los. Foram ao ponto de se tornarem inimigos rancorosos, nenhum podendo ver o outro, sem que os assaltasse uma terrível ideia de vingança. Em tal disposição de espirito, em encontro entre eles era para ter as piores consequências, faltando apenas que a ocasião aparecesse. Infelizmente hontem, 2 horas da tarde, deu-se o desfecho, com todo o seu cortejo de lamentáveis resultados. Quis talvez, o acaso que Alexandre ao passar aquella hora, em frente á pequena loja de Salomão o encontrasse, e dahi, uma violenta discussão entre os dois. A áspera troca de palavra atrahio a atenção dos transeuntes que já haviam reunido em grande numero no local, quando Salomão puxando de uma faca investio contra Alexandre procurando feri-lo. A luta continuo feroz, quando em socorro de Alexandre acudio seu filho, Carlos Curiatti de 19 anos de idade, que foi recebido por Salomão a tiros de revólver. Um dos projectis attingio o jovem na trachéa deixando-o gravemente ferido. Praticado o crime, Salomão tratou de evadir-se, apesar de várias pessoas que assistiram ao facto tentarem prende-lo. Sempre perseguido pelos populares, o criminoso correu passando pela rua da Conceição, indo ocultar-se no mato do lugar denominado Campo Sujo, por traz da pedreira que ali existe. Com muita dificuldade, foi efectuada a prisão de Salomão. Descoberto, offecereu tenaz resistência. Conseguindo com o auxilio de outras pessoas prende-lo o sr José Sá Pacheco. Salomão atirou fora a arma, motivo porque não foram ellas apprehendidas. Subjugado foi ele entregue a policia sendo aberto o inquérito na delegacia auxiliar. Carlos Curiatti, a victima, ficou em estado grave não podendo prestar declarações. O facto casou grande impressão na colônia turca dessa cidade.²⁴³

Percebe-se na matéria, que os indivíduos envolvidos no conflito, além de serem da mesma nacionalidade eram conhecidos e mantinham o comércio próximo. A utilização de armas de fogo como instrumento letal deve-se à disseminação do revólver no final do século XIX e início do século XX. Além disso, o revólver passou a ser utilizado em situações conflituosas como a relatada acima, para acabar com a “valentia” de determinados indivíduos.²⁴⁴

²⁴³ Jornal O Fluminense 1911. Edição 81361 Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

²⁴⁴ FAUSTO, Boris. Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924). São Paulo: Brasiliense, 1984. Pág 96

A maioria das matérias que divulgavam conflitos em residências que serviam como comércio eram curtas e pouco detalhadas como a dos sírios Manoel Azabi e Liba Abrahão. A matéria relata que ambos eram empregados na casa nº 340 da Rua Buenos Aires e por questões de trabalho, empenharam-se em luta corporal. Os dois saíram com ligeiros ferimentos e foram direcionados para a delegacia do 4º distrito.²⁴⁵ Assim como as brigas que envolviam vendedores ambulantes, como o caso dos chamados “turcos” Josué Alê e Frósco D’alli que, foram pegos em uma briga corporal na estação da Mangueira e, ao que tudo indica, por ponto comercial.²⁴⁶ Tais superficialidades podem ser explicadas pela frequência que determinadas notícias tinham nos periódicos, que chegavam a naturalizar esse tipo de conflito.

Além das agressões físicas, encontramos matérias que mostravam as cisões no interior da colônia devido a prejuízos gerados por roubos ou atitudes taxadas como ilegais que lesavam o comércio na cidade. Este foi o caso do hotel clandestino de Said Assad:

A Rua da Alfandega nº 249 sobrado, existe um hotel de propriedade de Said Assad. Até ahi nada de anormal; o caso porém é que, lesando o fisco e prejudicando os proprietários de hotéis que pagam as devidas emolumentos á prefeitura, Said Assad não effectuava o pagamento de impostos algum aos cofres municipaes. Foi essa reclamação que nos vieram fazer alguns prejudicados e que publicamos para satisfação dos reclamantes, em cujo numero se acham compatriotas de Said Assad, que assim, fica como elemento prejudicial aos próprios sírios.²⁴⁷

A matéria acima relata que, os próprios patrícios de Assad que se sentiram prejudicados pela sonegação do fisco pelo mesmo, procuraram a imprensa para denunciar a atitude de seu patrício. As reclamações constantemente eram feitas pelos comerciantes cariocas, que denunciavam estabelecimentos ou ambulantes irregulares espalhados pela cidade. O fato da maioria das denúncias terem sido realizados por compatriotas de Assad nos indica que, independente da nacionalidade em comum, não havia solidariedade se atrapalhasse os negócios da colônia. Outro caso interessante publicado pelo imprensa sobre lesões comerciais praticadas dentro da própria colônia esteve presente na matéria intitulada de “ É preciso pegar-se Davi! – Várias Casas Comerciaes lesadas ” de 1917.

²⁴⁵ Jornal O Jornal 1919. Edição 188. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

²⁴⁶ Jornal A lanterna 1916. Edição 22. Disponível em : <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

²⁴⁷ Jornal A Razão 1920. Edição 1425. Disponível em : <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Há tempos chegou a esta capital, vindo da Europa, o syrio Davi Sehala , que falava correntemente vários idiomas. Davi conseguiu captar em poucos dias a confiança de vários negociantes, patrícios seus, estabelecidos á Rua da Alfandega. Diariamente Davi retirava mercadorias das casas com quaes se havia relacionado, afim de negociar com as mesmas. De algumas casas o espertalhão chegou a levantar em dinheiros avultadas quantias. As obrigações de Davi já atingiram a 5:000\$ aproximadamente, e os seus credores começam a desconfiar do insinuante patrício, que prometeu a todos pagar sem falta, durante a semana finda. Em vão, esperaram por Davi que por sua vez, procurava ausentar –se do Rio, clandestinamente, munindo-se de um passaporte falso, dizendo-se uruguayo. Davi aproveitando hontem, o pouco movimento comercial, embarcou para Montevideo, a bordo do paquete inglês “Vasari”. Vários negociantes syrios estabelecidos á Rua da Alfandega, sabendo que Davi havia embarcado pelo “Vasari” , levaram o facto ao conhecimento da 2º delegacia auxiliar, pedindo ao mesmo tempo as necessárias providencias.²⁴⁸

A matéria acima mostra um exemplo que contrapõe o processo de concessão de mercadorias realizados por patrícios aqui já estabelecidos aos recém - chegados. As redes entre patrícios, com fornecimento de créditos e produtos são marcas da imigração dos sírios e libaneses, mas pouco se fala de casos como o de Davi, que indica que a famosa rede de solidariedade e confiança não ficou ileso a prejuízos e de indivíduos com más intenções.

Os conflitos e tensões de cunho comerciais não foram os únicos que ganharam repercussão nos jornais da cidade. Os sírios, assim como a maioria dos homens do início do século XX mantinham suas vidas sociais em espaços públicos, principalmente nos botequins dos bairros populares espalhados pelo centro da cidade. Tais locais muito frequentados pelos sírios além de servirem para o lazer,²⁴⁹ acarretavam também em conflitos por diversos motivos. Álcool e sangue, como aponta Boris Fausto, estão associados com frequência mencionada a embriaguez do agressor ou da vítima.²⁵⁰ Os conflitos surgiam muitas vezes entre amigos por causa de partidas de jogos como na matéria intitulada “*Acabou mal a partida. Um parceiro que marca de garfo*” do ano de 1920.

São syrios o Boassar Lakar morador á praça da República 70 e o Mario Henrique, morador na Avenida São Salvador de Sá 36. E não só patrícios, como bons camaradas, costumavam encher as horas de ócio, jogando partidas de bilhar no Botequim na rua Buenos Aires, canto da Praça da República.

²⁴⁸ Jornal A noite 1917. Edição 1864. Disponível em : <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

²⁴⁹ Os bares são citados e cafés são muito citados por imigrantes e descendentes como espaços de sociabilidade da colônia onde, os imigrantes jogavam bilhar nas horas vagas a noite. Porém, os relatos não mencionam os atritos que ocorriam nesses ambientes. 67. PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010.

²⁵⁰ FAUSTO, Boris. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Brasiliense, 1984. Pág 119

Hontem, estavam os dois numa das taes partidas e estranhava o Mário que o outro, falhando muito as tacadas, tivesse mais pontos do que ele, quando reparou no que este fazia. O Boassar procurava-se livrar-se de perder, marcando de...garfo! Tal desonestidade indignou o Mario que o censurou, dando isso logar a que os ao invéz de bater nas bolas dahi em diante, batessem com os tacos na cabeça um do outro, vendo apartados nessa contenda por um guarda civil, depois de já feridos. Conduzidos presos para a delegacia do 4º districto, ali receberam os primeiros socorros, tendo sido depois antuados.²⁵¹

Observa-se acima uma discussão, que acarretou agressões físicas entre dois colegas por um motivo extremamente fútil. Esse tipo de reação pode ser explicada pelo caráter “mais livre” para afirmações da personalidade masculina, que almeja preservar honra, mostrar superioridade com relação a parceiros da mesma condição social e que, transforma uma partida de jogo em formas simbólicas de confrontação.

Este botequim, citado na matéria acima encontrava-se no principal ponto de sírios e libaneses na cidade, próximo à Rua da Alfândega. Essa região conhecida como “Rua Turca” ou “Bairro Sírio” no início do século XX, era um local de relações étnicas, de convivência familiares e relações com vizinhança. Encontramos em outra matéria mais um caso de conflito entre sírios neste mesmo bar. O sírio Miguel Belech negociante e morador da Praça da República afirmou ter sido agredido com socos e ponta - pés pelos patrícios Miguel e Armando, moradores da Buenos Aires.²⁵² A justificativa para agressão não foi divulgada pela matéria, mas podemos inferir que, já havia alguma situação de rivalidade ou pendências, e que este local sendo um possível ponto de encontro dos sírios ali estabelecidos, servia para lazer e para “acertos de contas”. Outro caso semelhante ocorreu em área próxima, na rua do Hospício ²⁵³em 1917.

No botequim de Elias Abraão, á rua do Hospicio n° 237, houve hontem um conflito promovido por compatriotas do dono da casa. Ali entrou para beber Alexandre Damata, morador da Rua da Alfandega que começou a discutir com seus patrícios Nagib Jorge, morador da rua José Mauricio e Elias João, morador á rua Senhor dos Passos. A discussão transformou-se em trocas de desaforos empenhando-se os três syrios numa luta em que o páo roncou a valer. O botequim ficou palvorosa, todos intervieram, acudiu toda gente da visinhaça e a própria polícia do 4º districto. Quando as autoridades chegaram lá, encontraram três feridos, além dos destroços causados pela luta, em que ficaram partidas garrafas, copos, chicanas e vidros. Alexandre ficara ferido no braço esquerdo, Elias João no braço direito e Nagib na cabeça. Os três foram medicados pela Assistencia Municipal e mettidos no xadrez do 4º districto.

²⁵¹ Jornal Gazeta Noticias 1920. Edição 360. Disponível em : <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

²⁵² Jornal O jornal 1920. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

²⁵³ Atual rua Buenos Aires.

Apezar do esforço das autoridades, estas não conseguiram apurar a causa dos conflitos. Alexandre é apontado por inúmeros syrios como o principal promotor do conflito.²⁵⁴

Embora sírios e libaneses estivessem distribuídos por toda a cidade do Rio de Janeiro, a rua da Alfândega e suas adjacências por terem a maior concentração de imigrantes oriundos do Oriente Médio, desde o início do século XX, ficou conhecida como uma espécie de “recanto árabe”. As ruas ganharam características étnicas dos imigrantes, com moradias coletivas, nomes de lojas em árabe, venda de produtos do “oriente”, entre outros. Mas, além disso, o lugar ficou marcado por narrativas que exaltaram a sociabilidade e a convivência tranquila dos imigrantes sírios desde as primeiras levas imigratórias²⁵⁵. Porém, a sociabilidade harmoniosa não foi o único aspecto que marcou as relações desse local, como nos mostra a publicação do periódico “O jornal” de 1919:

[...]Entre as muitas habitações collectivas da zona do 4º districto, está a de nº 356, da rua, que, como as suas congêneres, tem como seus moradores, na maioria, truchos e syrios. Entre esses últimos residentes ali figuram Alcio Antunes, barbeiro com 31 anos de idade solteiro e Saride Ghie, viúva e com 52 anos de idade. Hontem como frequentemente sucede nas habitações coletivas, houve entre os dois patrícios, por motivos fúteis, uma acalorada discussão. Antunes que, na qualidade de barbeiro, não abandona jamais sua navalha, empunhou-a e investiu para Saride, vibrando-lhe um golpe na região parietal direita. Aos gritos de sua victima, tentou fugir Antunes, que deitou a correr pela rua da Alfandega.²⁵⁶

Como a matéria acima destaca, os casos de conflitos nessa região foram frequentes. Com isto, percebemos que as ocorrências citadas relatam um aspecto diferenciado das narrativas sobre sírios e libaneses nesse espaço. As constantes publicações que apresentam inúmeros conflitos entre os membros do “Bairro Sírio”, nos indica que, a construção e a marca indenitária de sírios e libaneses nesse local, não foi construída apenas através de uma rede de relações amigáveis isentas de conflitos.

Percebemos então que, os conflitos ocorriam na grande maioria das vezes entre homens por causa de negócios ou em bares. Isto pode ser explicado, se levarmos em

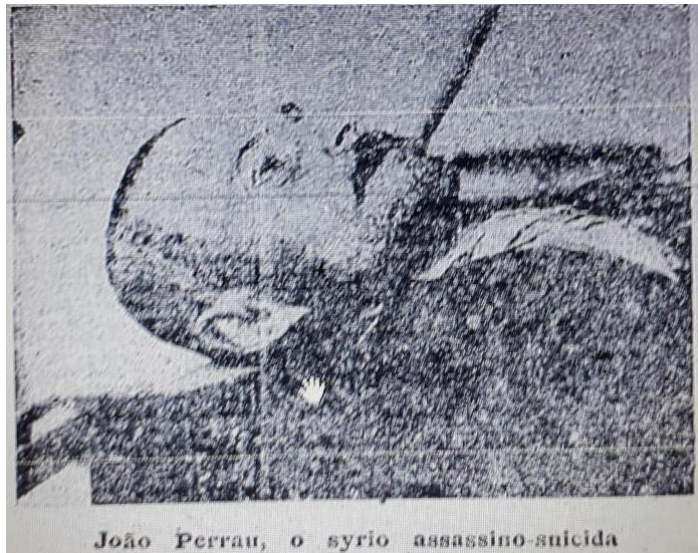
²⁵⁴ Jornal A razão 1917. Edição 137. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

²⁵⁵ As narrativas geralmente trazem aspectos nostálgicos, com memórias que destacam o sentimento de comunidade, em que famílias traziam seus pratos e mesas para juntos, almoçarem na rua Senhor dos Passos. Na rua da Alfandega, as memórias remetem ao tempo em que as pessoas ficavam após os expedientes das lojas sentados com cadeiras nas calçadas conversando em árabe. WORCMAN, Susane. Saara. Relume Dumará. Rio de Janeiro.2000. Pág 49;PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010.Pag 67

²⁵⁶ Jornal O Jornal 1919. Edição 79. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

consideração que na época, esses espaços eram mais restritos a mulheres. Porém, como vimos no caso da agressão a viúva Saride Ghie, estes conflitos envolvendo mulheres, embora com menor indicie de publicação pela imprensa, ocorreram.

O crime que localizamos que teve a maior repercussão na imprensa envolvendo o sexo feminino, foi o assassinato da síria Maria Petras cometido pelo seu marido, o sírio João Perrau. Segundo a matéria, o primo de Perrau relatou que, o mesmo andava desconfiado da fidelidade de sua esposa. Maria Petra esteve ausente na Europa para o casamento de um patrício e havia voltado há cinco meses ao Rio de Janeiro acompanhada a mando de seu marido, de seu patricio negociante Cheaid Maunsur. Após seu retorno, o marido descobriu que sua esposa estava grávida, e desde então, ficou convencido de que a mesma tinha o traído com Maunsur. Obcecado pela ideia da infidelidade, Perrau chamou o Padre Afftimus para confessar o plano que tinha de acabar com a vida de sua mulher e de seu patrício traidor. Depois da confissão, os dois saíram da casa e depararam-se com Cheaid, Perrau então enfurecido atirou contra o negociante sírio e voltou para dentro da casa, assassinando sua mulher, ferindo sua filha de seis dias e suicidando-se²⁵⁷ com em seguida.²⁵⁸



(Imagens retiradas do jornal Gazeta Notícias 1911 edição 165)

²⁵⁸ Jornal Gazeta de Notícias 1911. Edição 166. Disponível em : <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

A morte entre conjugues neste período gerava quase sempre no homicídio da mulher tendo como alegação na maioria das vezes o adultério. Segundo Boris Fausto:

A fantasia mais comum para o homem casado psicologicamente instável é a traição da mulher, tendo em conta o significado que a sociedade confere à preservação da honra masculina, conta a benevolência da sociedade o homem que mata a mulher para não converter-se na figura do “corno manso”. Justificava o crime por ofensa e á honra da dignidade familiar. O estado passional teria levado o marido a um estado de privação de sentidos e de inteligência, justificando assim, a absolvição.²⁵⁹

Tal compaixão ao marido assassino ficou explícita na mesma matéria que, afirma que João agiu dessa forma por “total desespero” e que o mesmo em vez de suicidar-se, poderia confessar o crime e que isso não seria “nada demais”.²⁶⁰ Esta foi a única matéria que encontramos envolvendo homicídio por adultério dentro da colônia. Porém, encontramos outras reportagens envolvendo conflitos por questões matrimoniais.

Os syrios Elias Miguel e Khalile Aile namoram uma moça sua compatriota e filha de uma família residente á rua da Alfandega, com a qual ambos pretendem se casar. Essa rivalidade, como é natural, os tornou inimigos e isso deu hontem logar a uma scena de sangue entre eles. Elias, que é negociante no estado de Minas, veiu a esta capital para compras e hontem foi visitar a referida família. Sahindo dessa casa, Elias passavam pela rua Senhor dos Passos, quando foi traiçoeiramente agredido pelo seu rival Aile, que lhe vibrou profunda facada nas costas e em seguida evadiu-se. O Dr. Olimpo Leite, delegado da 4º circumcrispção urbana, removeu o ferido para o hospital da Misericordia, tendo aberto inquérito contra o ofensor que é estabelecido com charutaria na mesma rua nº 198.²⁶¹

O casamento endogâmico, como já mencionamos no capítulo anterior, foi uma característica que prevaleceu principalmente nos primeiros anos de imigração dentro do grupo. Percebido como meio de se preservar os valores étnicos da comunidade, neste primeiro momento, tanto homens quanto mulheres de origem síria ou libanesa, não viam pretendentes brasileiros e de outras nacionalidades como bons cônjugues pois, os consideravam imorais e com valores diferentes.²⁶² Neste sentido, muitos homens retornavam às suas terras para obter matrimônio, outros pediam às famílias que arrumassem uma esposa e a enviasse para o Brasil. No início do século XX, a maioria

²⁵⁹ FAUSTO, Boris. Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924). São Paulo: Brasiliense, 1984. Pág 108

²⁶⁰Jornal Gazeta de Noticias 1911 . Edição 165. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

²⁶¹ Gazeta de Noticias 1900. Edição 232. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

²⁶² VILELA, Elaine Meire. Sírios e Libaneses: Redes sociais, coesão e posição de status*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol 26 nº 76. 2011. Pág 171

desses imigrantes era composta por homens solteiros. Mesmo que em nossas buscas só tenhamos conseguido encontrar apenas uma matéria que abordasse esse tipo de conflito, sabemos que havia dificuldade em encontrar uma pretendente já estabelecida na cidade e que, provavelmente, conflitos como o apresentado acima, eram comuns, já que, além da disputa em defesa da “honra masculina” a tarefa de se encontrar uma mulher “síria de família” disponível para o matrimônio neste período, no Rio de Janeiro, não era fácil.

Outro caso curioso em relação a conflitos matrimoniais entre sírios, foi publicado pelo jornal a noite em 1917.

Quando partiu daqui para a guerra uma legião de voluntários syrios, partiu também o de nome João Felipe, que se ocupava na venda ambulante de diversos objetos. Felipe, que assim ganhava sua vida, tudo abandonou seus negócios, o conforto de seu lar para ir dar também nos campos de batalha o seu tributo sangue. Affagava-o no entanto, nas horas de maior desespero, a esperança de voltar cheio de glória e encontrar sua esposa feliz por te-lo novamente ao seu lado, cheia de carinho e fiel. Passaram-se os tempos, mais de um anno mesmo, decorreu o João Felipe não voltou. Nem mesmo noticias dele tivera mais sua mulher, á qual também já iam faltando os meios de subsistência. Maria Abrahão, a principio, sofreu muito com a falta de notícias. Julgando talvez morto o seu Felipe. O tempo, no entanto, encarregou-se de passar uma esponja sobre as dores da pobre Maria e, pouco a pouco, de sua memória, foi apagando a lembrança de seu marido. Um seu patrício, Felipe Jorge, que visitava sempre o casal quando estavam juntos, marido e mulher, araiudou as suas visitas, e em pouco tempo fazia propostas a Maria Abrahão, que afinal foram aceitas. Maria, passou esquecida por completa de João Felipe, a residir em companhia da filhinha, uma interessante criatura de cinco anos, com Felipe Jorge e viviam felizes. Um bello dia, no entanto, no ultimo navio que chegou a nosso porto trazendo voluntários licenciados, retornou João Felipe. Procurou assim, que tomou a terra, a casinha da rua da Alfandega n°45, onde deixara sua mulher e sua filha. Seria uma surpresa para elas. A verdade terrível não o poderia poupar e, pela vizinhança, de tudo se informou. Hoje á tarde, desesperado, João Felipe procurou a policia do 4° districto e depois de contar o seu triste romance pediu providencias sobre o caso as autoridades policiaes. A solução, o final dessa história comovedora, não podia, no entanto, se resolvida pela polícia. O delegado, Dr. Pereira Guimaraes, aconselhou ao pobre homem que recorresse a justiça.²⁶³

Apesar da matéria não ter apontado agressões físicas ou tentativa de homicídio entre os indivíduos envolvidos, percebe-se a importância que a questão matrimonial tinha e que provavelmente, conflitos de tal natureza eram frequentes no interior da colônia.

²⁶³ Jornal A noite. 1917.Edição 2223 . Disponível em : <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

No início de nossas análises, esperávamos encontrar conflitos principalmente de cunho religioso devido a ideia de fragmentação no próprio catolicismo ou entre católicos e os poucos mulçumanos que moravam na cidade neste período. Porém o único episódio que tivemos acesso e que indica tensões deste tipo na cidade foi publicado em 1914. No início da Primeira Guerra Mundial, com o posicionamento dos turcos contra a tríplice aliança, os ânimos se exaltaram no interior da colônia. Somando a isto, na Bahia, durante este período houve boatos de que os “turcos” ali estabelecidos assassinavam os imigrantes cristãos vindos da Palestina, gerando uma reação por parte dos sírios cristãos. Tais boatos fizeram com que a minoria mulçumana que residia na cidade neste período, fosse à polícia pedir proteção. Em entrevista ao jornal *Gazeta Notícias*, o negociante e Major sírio Salim José Asmar disse que essas histórias não passaram de boatos:

Isso não passa de uma esperteza de alguns Mahometanos que planejam reproduzir aqui as violências de seus companheiros da Bahia. Como fossem reclamadas pelos habitantes do chamado bairro turco, providencias a saúde pública, sobre as infectas hospedarias de Mahometanos que ameaçavam a hygiene local, providencias essas que já se vão tornando effectivas. Os mulusmanos aproveitaram- se disso para pedir garantia á polícia contra supostas ameaças dos christãos que, dizem eles, querem vingar os seus companheiros sacrificados da Bahia. Uma vez prevenida a polícia e garantidos os mulçumanos exaltados não trepidarão em provocar seus inimigos. Os christãos, porém, saberão agir de acordo com as leis do paiz que os agasalha de longa data ao qual tem segura amizade e respeito. É preciso no entanto que a polícia não descuide de vigiar a atitude dos mulçumanos. Grande número deles costuma reunir-se a noite em sessão secreta no botequim da rua Senhor dos Passos n°162 , onde depois das portas fechadas, combinam o que devem fazer no dia seguinte. Os christãos aqui, porém, não temem senão algum movimento traiçoeiro. Elles em maior número residem há muito mais tempo no Rio, onde contam maiores relações e exercem a sua atividade em posições mais destacadas. Os mulçumanos, salvo alguns de ideias adiantadas e liberais devido seu estudo, são no geral empregados em baixos ministérios. Além disso, começaram a vir para aqui há muito pouco tempo, pois difficilmente abandonavam o Império onde gosavam de todas as regalias. O senhor porém, pode assegurar pelo seu jornal que a sociedade carioca nada terá a temer da ameaça dos Mahometanos que querem **declarar** guerra Santa nesta terra de liberdade que nos agasalha tão fidalgamente.²⁶⁴

Embora não tenhamos encontrado matérias que abordassem um conflito direto entre sírios cristãos e mulçumanos nas matérias analisadas, podemos perceber que havia uma clara fragmentação e tensão entre os mesmos. Percebe –se uma tentativa evidente de distinção entre o “Nós/eles” por parte do entrevistado. O sírio entrevistado tenta

²⁶⁴ *Jornal Gazeta de Notícias* 1914 . Edição 347. Disponível em : <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

denegrir a imagem dos chamados Maometanos, ao falar de questões de saúde pública, pouco êxito financeiro e sobre uma suposta ameaça de “guerra santa”.²⁶⁵ Neste sentido, percebemos que por possuírem a religião dos “turcos opressores”, baixo prestígio social e por serem minoria na cidade²⁶⁶, os símbolos que possivelmente os uniria como grupo (território e língua) foram mobilizados e reinterpretados para ressaltar sua diferenciação interna e externa principalmente nas primeiras décadas do século XX.

Como foram apresentadas nas matérias acima, as relações dentro da colônia síria eram muito mais complexas e conflituosas, nos induzindo a perceber um outro aspecto dessas relações, que se distancia do estereótipo de colônia unificada propagada por certas narrativas de imigrantes árabes e pela historiografia tradicional. No entanto, tais situações conflituosas não ficaram restritas ao interior do grupo. Ao contrário dos discursos promovidos pela elite intelectual síria, que defendia o excelente convívio dos membros da colônia com outros grupos e, em especial, o acolhimento solidário com os brasileiros, percebemos em algumas matérias do início do século XX, relatos opostos a essas narrativas. Iremos analisá-los no próximo tópico.

3.3 – Os sírios e os conflitos com outros grupos: uma breve abordagem.

Como mencionamos nos capítulos anteriores, a imprensa carioca marginalizou inúmeras vezes sírios e libaneses na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Além do preconceito étnico, os periódicos foram palcos de diversas reclamações por parte de comerciantes que se sentiram prejudicados com a presença do grupo na cidade. Com isso, percebemos que, o acolhimento romântico e o convívio pacífico entre os imigrantes árabes e o brasileiros não passa de uma narrativa romântica elaborada pela elite intelectual síria. No decorrer de nossas pesquisas, encontramos outras matérias que

²⁶⁵ Segundo Duon, a raiva dos sírios e libaneses cristão em relação aos mulçumanos, está relacionada com a conduta da maioria islâmica tinha com a minoria cristã no Império Otomano, esse foi o motivo que gerou intenso ódio e não a fé diferente. Duon aponta que os cristãos ao contrário disso, admiravam muito o profeta Mohamed . DUON, Taufik. *A emigração sírio-libanesa às terras de promessa*. São Paulo, editora Árabe, 1944. Pág 40

²⁶⁶ Segundo Pinto, dentro dos imigrantes árabes entre 1910 – 1940 sendo 15% apenas mulçumanos. Além disso, não há dados que informem quantos eram sunitas, drusos, aluitas ou xiitas. PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010. Pág 107

demonstraram o preconceito por parte dos cariocas com o grupo, mostrando que o convívio e a inserção social, principalmente para a classe mais baixa do grupo, não era fácil. Em 1911 a Gazeta Noticias publicou um abaixo - assinado feito pelos membros da colônia contra um delegado que negou auxilio.

O senhor Major Nicolao Magdaly negociante matriculado nesta praça dirigiu ao Dr Belisário Tabos chefe da polícia a queixa seguinte: O abaixo assignado, negociante, há longos anos, á rua da Alfandega n° 347 vem muito respeitosa e queixar-se de violências do Sr. Delegado do 4° districto, Cid Braume, o qual violenta e grosseiramente trata todas as pessoas que tem a infelicidade de ir á mesma delegacia. Sendo o abaixo-assinado testemunha de um ligeiro conflito ocorrido entre seu empregado com um homem do povo, como também depor como testemunha do facto. Ao tratar com o Sr. Delegado, viu logo o parcialismo e a negação completa dos direitos do seu empregado Alexandre que, foi retirado ás 11 hora da noite do dia 13 corrente, graças á fiança que o abaixo-assinado prestou, tendo o sr delegado transformado um simples inquérito em que deveria apurar o facto em um auto de flagrante delicto somente por capricho e arbitrariedade, pois, a razão estava ao lado de seu empregado. Alexandre que foi provocado e o agredido como provariam seis testemunhas de vista e inclusive o abaixo-assinado. O delegado disse que não ouviria as testemunhas de defesa. Tudo isso, Sr. Chefe de policia, porque o abaixo assignado é de origem syria, bem como o seu empregado, e o Sr.Dr. Cid Braume e os seus auxiliares, dizem que os syrios não tem direito a cousa alguma e que as leis são deles e o lugar dos syrios é no xadrez! [...] Em todas nacionalidades há homens bons e mãos como sabe V.Ex. e pelo facto de haver maus syrios não se segue que todos os syrios sejam maus. Pela grandeza desta grande pátria onde temos filhos e conforto material, é justo que também tenhamos garantias na lei, que faculta todos os meios de defesa e que absolutamente nos é negado pelo delegado do 4° districto.²⁶⁷

Nota-se na matéria uma clara rejeição e preconceito por parte do delegado à comunidade síria. Como aponta Barth, muitas situações de minoria têm esse traço de rejeição por parte da população receptora, devido a comportamentos ou características condenáveis²⁶⁸. No caso da colônia síria, as brigas e os atritos que ocorriam na rua da Alfândega e arredores, eram resolvidas pelo 4° distrito neste período, com isso, percebemos que o delegado ao realçar a identidade do grupo, visa enquadrá-los em um campo de estereótipos onde generaliza todos os sírios como arruaceiros, indignos de direitos pois, provavelmente tinha contato com muitas tensões entre os indivíduos da colônia. Além disso, não podemos ignorar o fato de que os sírios situados na rua da

²⁶⁷ Jornal Gazeta Noticias 1911 Edição 115. Disponível em : <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca>

²⁶⁸ BARTH, Fredrik. . O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000.Pág 56

Alfandega em sua maioria, não pertenciam a elite. Com isto, a negação ao direito a esses imigrantes sem dúvida foi agravado devido a pertença a camada social mais baixa do grupo. Porém, outro aspecto que nos chamou a atenção nesta matéria foi a reivindicação de direitos através do abaixo- assinado por parte de alguns membros dessa colônia. Como indica Sayad, o imigrante quando passa a ter a certeza de permanência em determinado local, passa a reivindicar seu direito a uma existência plena e não apenas seus direitos parciais de trabalhadores imigrantes.²⁶⁹ Tal exigência a esses direitos através do abaixo - assinado entregue pelo sírio Nicolao Magdaly, mostra que o processo de inserção social e econômica já estava muito presente na colônia neste momento e, o retorno tão almejado nos primeiros anos, já mostrava-se distante visto que os mesmos já exigiam a garantia de seus direitos como cidadãos e não mais apenas como imigrantes provisórios.

Outro episódio de claro preconceito exercido por autoridades policiais ocorreu na praia da Boa Viagem, em Niterói em 1907:

O Sr delegado de polícia, quando em serviço hontem pela madrugada, encontrou nas furnas de Boa Viagem onze syrios. Interrogando- os sobre o que faziam e quem eram, eles deram seus nomes e residências e afirmaram ser negociantes na Capital Federal de onde tinham vindo para fazer um pic-nic naquelas furnas como costumavam de vez em quando. Se estavam ali tão cedo eram afim de preparar, com vagar, o necessário para a refeição a fazer mais tarde em companhia de suas mulheres que viriam depois. Apesar dessas explicações e de ver o delegado, os utensílios e as comedorias para o pic-nic não quis saber de nada. A trafega autoridade mandou metter no xadrez, com um entusiasmo de um comissário d roça quando encontra ensejo de ostentar a sua importância aos caipiras ignorantes.²⁷⁰

As duas matérias acima nos mostram algo também ofuscado pelas matérias e obras fornecidas pelos intelectuais da colônia que tentaram enaltecer o “nobre acolhimento brasileiro” com os imigrantes sírios. Como mencionamos nos capítulos anteriores, o comércio foi um dos maiores motivos para a proliferação de discursos de ódio contra os imigrantes nesse período. Porém, o desconforto com a presença síria não pode ser atrelado apenas ao comércio, visto que, através das matérias analisadas, pode-se perceber a existência de um claro preconceito étnico. Observamos isso em outra matéria que externaliza conflitos pautados em “estranhamentos étnicos” e não só por parte dos brasileiros, mas também de outros grupos de imigrantes estabelecidos na cidade. Este

²⁶⁹ SAYAD, Abdelmalek. *O que é um imigrante?. Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo. Edusp.1998.Pág 48.

²⁷⁰ Jornal Gazeta de Notícias 1907. Edição 119. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca>

caso que obteve grande repercussão foi o que tratou de um ataque aos sírios na Serra do Andaraí em 1907 intitulada de “*Babel de Sangue na Terra do Andarahy – Ataque ao Abarracameto syrio*”.

Quando tiveram princípio os trabalhos de fazer parar as águas que de mais alto vinham, para deitá-las depois no impetuoso salto do ribeirão dos lagos, tomando-lhe a formidável força da sua queda, de toda parte surgiram homens de nacionalidades diversas em busca de afazeres para o ganho da vida, na cooperação da obra monumental. Depois, formadas as turmas como caravanas pelas serras e pelos campos, pelos povoados e pelos chacos, elas marcharam, desbravando matas e abrindo caminhos por onde ficavam postes os quais corriam cabos, acumulos de tanta energia. Dia e noite o rumor do trabalho quebrou o silêncio das serras. Mezes se passaram e o tempo passou assim na mesma faina, não foi entre os homens de diversas nacionalidades ali reunidos bastante para irmaná-los debaixo da mesma bandeira do trabalho. Estava agora a terminar a jornada de tantos obreiros. Os abarracamentos da light vinham de longe, mas os obreiros a noite podiam descer a cidade. De batida e batida eles vieram até a Serra do Andarahy. Pelas encostas do bico do papagaio, como um bando de pássaros, as barracas pousaram brasileiros, portugueses, italianos, hespanhois, syrios e tantos outros trabalhadores de diversas nacionalidades, no agrupamento às horas do serviço durante o dia, entendiam na vez das ferramentas que rasgavam a terra e que derrubavam as árvores à noite, porém, os syrios mais concentrados ou menos expansivos, pela dificuldade de trocar a língua com os companheiros do abarracameto ficavam quase que de às palestras das lazeiras, a hora em que cada um contava os seus projetos, revivia seus sonhos de futuro ou lembravam com uma saudade da terra natal. Quase todos sentindo os sofrimentos um dos outros tornavam-se como que solidários com esses sofrimentos e isso se era um conforto também era um laço que os unia. Mas os syrios não podiam se fazer compreender e para ali ficavam extenuados para o lado. Essa posição que seria para lastimar foi por alguns trabalhadores tomada como procedimento pensado e dahi uma certa aversão aos syrios, É verdade que poucos assim acreditava, mas ainda assim foi isso infelizmente a que deu motivo a represálias que se acentuavam dia a dia, até que hontem degeneraram em hostilidades, resultando acontecimentos graves e carecedores de energias medidas. Ante-hontem a noite, alguns trabalhadores syrios desceram o Bico do papagaio e encontraram dois trabalhadores do seu abarracameto de nomes Joaquim Simões e João Francisco. Estes tiveram gestos de afronta para os syrios. Deu-se conflito, e como eram em número menor, os dois debandaram, ficando ferido na cabeça Joaquim Simoes e sahindo ferido, gravemente um syrio que foi conduzido pelos seus compatriotas a uma casa na rua da Alfandega. Foi o signal para o ataque brutal que se deu hontem. A hora do almoço, hontem, os trabalhadores syrios, recolheram-se às suas barracas, cada um tratando da sua parca refeição. De véspera, o ferido do primeiro encontro, João Francisco de companhia com Manuel Martins, andou a aliciar gente para atacar o acampamento, e mais um tal Manuel Passos, o Passinho conhecido desordeiro. Esse grupo assumindo a direção do movimento preparu o ataque, que foi levado ao efeito hontem. Foi quando se achava a almoçar os syrios dentro de suas barracas. Os do numeroso grupo, armados de páos, entraram a atacara barraca por barraca, espancando brutalmente os syrios. Os atacados, vendo-se em posição inferior, fugiam-se tomados de pânico, outros feridos contundidos deixavam-se ficar bordando por socorro. Os outros trabalhadores que não tornaram parte no ato que conservaram-se neutros assistindo impassíveis aquela cena selvagem.

Outros enfim não ousaram afrontar as iras dos atacantes. E por algum tempo a desordem a mais brutal, no acampamento da Serra do Andarahy.²⁷¹

Como aponta Weber, a convivência entre grupos heterogêneos e o contraste nas formas de vida costumam despertar em ambos os lados, a ideia de “sangue estranho”.²⁷² A repulsão étnica agarra-se a múltiplas formas de diferença, e no caso da matéria acima, os sírios começaram a sofrer retaliações por parte de seus companheiros de trabalho²⁷³ pois, segundo a reportagem, a língua foi utilizada como recurso simbólico por alguns indivíduos de outras nacionalidades²⁷⁴ para marcar uma posição significativa entre “Nós/eles”. Entretanto, embora a língua árabe, como aponta Meihy, tenha sido vista como um grande obstáculo para a integração de sírios e libaneses nos espaços sociais,²⁷⁵ não acreditamos que no caso da matéria acima a repulsa desses grupos em relação aos sírios tenha surgido apenas pautados na questão linguística. Os sírios, como vimos nos capítulos anteriores possuíam hábitos culturais que destoavam dos ocidentais. Suas roupas, seus hábitos alimentares, seu “catolicismo diferente”, geravam um forte estranhamento por parte de brasileiros e provavelmente de outros grupos imigratórios, principalmente europeus. Neste sentido, podemos inferir que os estigmas sociais construídos em cima da colônia síria, atingiram de forma direta suas relações trabalhistas e seu convívio social como exemplifica o caso relatado acima.

Casos que muitas vezes ocorreram entre os sírios, como vimos anteriormente na socialização em bares e botecos pelo centro da cidade, também ocorreram com indivíduos de fora de outros grupos, como no caso do homicídio realizado por um sírio do português Antônio Martins Alves em um café na Rua da Misericórdia em 1920.

Diversos indivíduos divertiam-se jogando bilhar no interior do café existente do prédio de nº 93 da rua da Misericórdia. Entre eles encontravam-se os syrios Ajub Cannil, Alexandre Ribeiro, Mario Rodrigues, Iça Alle e outros conhecido pelo vulgo apelido de “ Periquito”. Com eles se achava o português Antonio Martins Alves, peixeiro, solteiro com 22 anos de idade e residente a rua D.Manoel nº54. Ou porque Alves perdesse o jogo ou por outro motivo qualquer, surgiu entre ele e os syrios acalorada discussão que degenerou em conflito. Neste, como era de se esperar, levou desvantagem Antonio Alves contra si os demais parceiros, que o agrediram a mão e a

²⁷¹ Jornal Gazeta Noticias 1907 .Edição 53. Disponível em : <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca->

²⁷² WEBER, Max. Economia e sociedade. Brasília: Editora UNB, Volume I. 1991.Pág 273

²⁷³ Outro ponto interessante da matéria, foi o fato dos sírios estarem trabalhando em obras. Esse aspecto é pouco ressaltado nos trabalhos acadêmicos, já que os imigrantes árabes são quase que exclusivamente vinculados ao comércio.

²⁷⁴ Infelizmente a matéria não nos fornece a nacionalidade dos agressores citados.

²⁷⁵ MEIHY, Murilo. Os libaneses. Editora Contexto. São Paulo.2016.Pág 177.

tamanco. Assim mesmo, Alves defendeu-se valentemente e teria talvez conseguido vencer os adversários, se um deles, conhecido por “Periquito” não se tivesse servido de uma faca e com ela ferido Alves no thorax. Uma vez ferido Alves, “Periquito” fugiu auxiliado pelos companheiros. Estes foram presos e levados para a delegacia do 5º districto, a cujo xadrez foram recolhidos. Na delegacia algumas pessoas declararam ter Ajub Cannil com um tamanco agredido Alves na cabeça, produzindo-lhe um ferimento. A victima depois da assistência medica, foi transportado para Santa Casa em estado grave.²⁷⁶

Em edições posteriores, foi divulgada a nota de falecimento do português Antônio Alves e a confirmação de que o sírio “Periquito” ainda continuava sendo procurado pela polícia. O local onde aconteceu o crime relato acima foi descrito pelo jornal “O imparcial” como um espaço “com frequência desusada” e aponta que o café onde ocorreu o homicídio era conhecido por reunir “pescadores e vendedores ambulantes e vários indivíduos de má catadura, já conhecidos da polícia”²⁷⁷. Inferimos que, embora a notícia não apresente de forma concreta o motivo de tal conflito, que o mesmo tenha sido motivado não por questões de disputas comerciais, mas por necessidade de mostrar superioridade e afirmação da personalidade masculina, como ocorreu em muitas situações entre os sírios nesses espaços.

Outro caso de conflitos nas interações urbanas ocorreu entre dois sírios quitandeiros que na Travessa Navarro no Catumbi em 1917, onde, agrediram com um guarda – chuva e por questões de “somenos importância” o italiano carroceiro Antônio Rende de 49 anos residente da mesma travessa e seu filho de 18 anos Rafael Rende, com um canivete na orelha esquerda. Mais um caso envolvendo imigrantes sírios e italianos ocorreu em 1911 devido a guerra “Ítalo – Turca” que exaltou os ânimos dos imigrantes aqui estabelecidos como mostra a reportagem do jornal “ A Noite” de 1911 intitulada de “ O conflito ítalo-turco”:

Vários quitandeiros e peixeiros de nacionalidade turca e italiana, ao sahiarem hoje, do merca, jungidos ao peso dos balaios cheios de mercadorias, entraram a discutir as probabilidades que tinha cada uma das duas nações de vencer na guerra eempenhada em Tripoli. Ao chegarem, os ambulantes em frente à Santa Casa na praia de Santa Luzia , armou- se um conflito entre os turcos e italianos, que foram resolver á páo e faca quem tinha razão na discussão. Felizmente, á policia do 5º districto correu prestes ao local do conflito, impedindo que os referidos indivíduos se liquidasse, conseguindo prender os italianos Salador Pelucci, Huno Long, Francisco Cocurza, Altamaro Francisco, Genaro Grego e Carlos Colissé e os turcos José Abrahão e Jorginho Salimo, tendo os outros contendores conseguindo furtar-se á prisão

²⁷⁶ Jornal “ O Jornal” de 1920. Edição 446. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca->

²⁷⁷ Jornal “O Imparcial” 1920. Edição 1598. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca->

abandonando no campo de luta seis facas e os cestos com mercadorias. Depois de fazer medicar Salimo, que tinha um ferimento e contusão na cabeça e Corcuza, que apresentava a perna direita por faca, o delegado mandou autuar os patriotas em flagrante, recolhendo-os ao xadrez.²⁷⁸

Embora não haja estudos aprofundados sobre as relações de sírios e libaneses com brasileiros e com outros estrangeiros, essas matérias nos indicam que, a interação da colônia síria com o restante da sociedade não foi isenta de conflitos e disputas. Brigas por mercado, diferenças culturais, acontecimento nas terras de origem e outros diversos fatores, podem ter dificultado o recomeço e a interação de diversos grupos na cidade no Rio de Janeiro e em todo o Brasil. Tais conflitos, nos mostram mais uma vez, um novo aspecto sobre essas relações, que se “distancia” da chegada romântica e harmoniosa dos árabes na cidade.

Considerações Finais

Como observamos nesse trabalho, os sírios e libaneses, assim como a maioria dos imigrantes, não abandonaram suas terras sem razão. Por isso, optamos iniciar esse trabalho apontando as principais causas que levaram milhares de sírios e libaneses a deixarem suas regiões de origem e a buscarem um recomeço no Brasil.

A partir de nossas análises e com base nos principais estudos sobre imigração dos sírios e libaneses ²⁷⁹inferimos que não podemos indicar apenas um fator para a emigração do grupo estudado. Como vimos, a presença europeia no Império Otomano, junto aos missionários católicos, intensificou os conflitos religiosos e sociais, impulsionando a saída de milhares de pessoas do território. Atrelados a isso, temos a crise econômica em

²⁷⁸ Jornal A Noite – Edição 118 -1911. Disponível: em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca->

²⁷⁹ GATTAZ, André. Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes. André Gattaz. 2º edição. Salvador. Editora Pontocom ,2012; LESSER, Jeffrey. Construindo o espaço étnico. In: *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo. Unesp. 2015; PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010; TRUZZI, Oswaldo. *DE MASCATES A DOUTORES: sírios e libaneses em São Paulo*. Sumaré – série imigrantes , 1992

torno da indústria da seda no final do século XIX e a entrada de fábricas europeias, que lesou milhares de artesãos, camponeses e pequenos comerciantes além da Primeira Guerra Mundial, que gerou uma intensa crise social e política. Com isso, percebemos que o “*Fazer a América*” surge como uma possibilidade de recomeço para esses imigrantes.

Foi a partir desse recomeço que, analisamos o processo de inserção social desses indivíduos na cidade do Rio de Janeiro, buscando perceber as mais variadas formas pelas quais foram vistos pela sociedade carioca. Apresentamos as matérias do período estudado, que nos possibilitou compreender melhor a opinião pública em torno da presença do grupo na cidade. Vimos, então que a imigração sírio e libanesa teve um caráter extremamente ambíguo em que a imagem do “mascate bonachão”²⁸⁰ muitas vezes era substituída pelo estereótipo do “árabe indolente” nas matérias dos jornais em circulação.²⁸¹

Diante disso, demonstramos as estratégias representativas movidas pelo grupo dominante da colônia para afastar as rotulações negativas e facilitar sua inserção econômica e social no Rio de Janeiro. Percebemos então que, em resposta, os “porta-vozes” do grupo buscaram, através de uma reafirmação étnica, enaltecer e positivar a presença síria no Brasil, utilizando, para isso, espaços nas colunas dos impressos dos jornais cariocas. Sabemos que as identidades étnicas nunca são mobilizadas por acaso, são estrategicamente manipuladas pelos atores durante suas interações sociais. Diante percebemos, primeiramente, o esforço para afastar a identificação pejorativa do “turco” e afastar assim, estigmas negativos atrelados a essa categoria. Para atingir esse objetivo, os colunistas sírios passaram a utilizar marcadores de pertença com o intuito de reivindicar uma origem comum. Enalteceram diversas vezes o território de origem, caracterizando seu povo como trabalhador, pacifista, unido e herdeiro de uma das maiores civilizações do mundo, frisando sempre, através de aspectos culturais e religiosos, suas diferenças com os “opressores otomanos”. Além disso, realçaram similaridades com brasileiros, trazendo o catolicismo, por exemplo, com o intuito de diminuir fronteiras entre os grupos, valorizando e mostrando grande apreço pela “terra hospitaleira”. Nesse sentido, concordamos com Choairy quando o mesmo afirma que “O

²⁸⁰ MEIHY, Murilo. Os Libaneses. Contexto (Povos e Civilizações), 2016.Pág175

²⁸¹ Como mostramos no decorrer do trabalho, a imagem do “turco” passou por muitos momentos de oscilação. Muitas vezes esses indivíduos eram percebidos de forma positiva e eram aceitos de forma bondosa e simpática pela sociedade, em outros momentos, eram retratados de forma negativa e repulsiva.

objetivo do grupo era ser respeitado e integrado a cultura brasileira, mas para que isso fosse possível era necessário alterar a imagem negativa projetada sobre eles.”²⁸² Notamos, dessa forma, como as identidades são manipuladas de acordo com as necessidades de cada grupo frente a cada contexto histórico. Mencionamos, ainda, que a imagem romantizada, com êxitos econômicos e insucessos econômicos não citados, permaneceu em muitos trabalhos na historiografia atual do tema e que, com isso, outras formas de análises dessas relações ainda estavam pouco exploradas, o que reforçou a imagem do mascate bem-sucedido.

Dessa forma, buscamos nesse trabalho apresentar uma nova perspectiva sobre as relações internas e externas da colônia, perspectivas essas que muitas vezes foram ofuscadas por essa imagem positiva. Para isso, apresentamos desavenças entre alguns jornalistas sírios que nos indicaram as complexidades dessas relações. Porém, foram as ocorrências de rua que sustentaram nossa hipótese ao publicar inúmeros conflitos internos na colônia, por toda a cidade, principalmente na região da Rua da Alfândega e arredores.

Quando falamos de conflitos entre povos oriundos do Oriente Médio hoje, quase que automaticamente associamos esses conflitos a questões religiosas, principalmente entre árabes e judeus²⁸³. A região da atual SAARA, como exemplificamos no segundo capítulo desse trabalho, durante muito tempo ficou conhecida através das narrativas como “Pequena ONU”, passou a ser caracterizada como um espaço de trégua das brigas religiosas provenientes do Oriente Médio desde a chegada desses imigrantes no final do século XIX. Mas almejamos mostrar que por toda a cidade do Rio de Janeiro e, principalmente, na Rua da Alfândega e seus arredores, a convivência não foi isenta de conflitos. Entretanto, diferente do que imaginávamos antes de iniciar as pesquisas para esse trabalho, os conflitos estavam mais associados a questões familiares, comerciais e brigas em botecos. Tais explicações para as brigas, que muitas vezes chegaram a homicídios, são diversas, como apresentamos. Os bares eram espaços de sociabilidade e principalmente de presença masculina. A questão da honra nos jogos atrelado a álcool pode ter intensificados os conflitos. Nas brigas familiares, vimos que ciúmes, busca por matrimônio dentro do grupo e questões comerciais também foram os causadores de tais

²⁸² CHOAIRY, Chediac. De “turcos a mascates”: O questionamento da identidade sírios e libanesa em Piracicaba (1889- 1930). Dissertação para obtenção do título de Mestre em sociologia. Universidade Federal de São Carlos. São Paulo. 2013. Pág 75

²⁸³ NIGRI, Henrique. História da SAARA. Um exemplo de coexistência Rio de Janeiro. 2012. Pág. 10

desavenças. E, por fim, mostramos brevemente que os atritos não restringiram-se ao interior do grupo. A adaptação e a relação entre sírios e libaneses com brasileiros e com outros grupos de imigrantes também possuiu um caráter conflituoso. Compreendemos que as questões políticas ligadas às terras de origem, comerciais e aos preconceitos também exaltaram as relações. Além disso, reforçamos que o acolhimento romantizado por parte dos brasileiros não ocorreu em muitas situações.

Ou seja, observamos que essas relações estavam associadas a uma série de subjetividades, intensificadas por cenários e situações complexas e variadas, nos possibilitando enxergar um novo semblante dessas relações.

Porém, é de extrema relevância ressaltarmos que, ao apontarmos os conflitos e tensões desse grupo na cidade, não objetivamos aqui “marginalizar” ou fortalecer um estereótipo negativo atrelados a “arruaça e perigo” como vimos em muitas matérias associado ao “oriental” no início do século XX. Nosso intuito foi buscar enriquecer os estudos sobre o tema, mostrando que a chegada e a inserção desses imigrantes não foi isenta de frustrações, violência, dificuldades materiais e psicológicas, algo que não foi uma característica apenas da imigração de sírios e libaneses, mas extremamente comum em todos os processos de imigração. Julgamos necessário também enfatizar que não foi nosso intuito desmerecer ou menosprezar a memória dos descendentes que enalteceram com muito carinho a chegada da comunidade árabe na cidade. Sabemos que relações de afeto e amizade também fizeram parte dessas relações e que a mobilização de memórias por parte dos descendentes exaltando seus antepassados faz parte de um sentimento de pertencimento que vai além da questão familiar, há um sentimento de zelo e desejo de continuação de consolidar e valorizar a história e as tradições do grupo.²⁸⁴

A memória histórica na qual um grupo apoia sua identidade pode alimentar-se das mais diversas lembranças, incluindo um passado de luta, prestígio ou até mesmo de sofrimento compartilhado.

²⁸⁴ Segundo Candau, percebemos isso nas expressões “as gerações precedentes trabalharam por nós” ou “os que nos antecederam trabalharam por nós”. CANDAU, Joel. Antropologia de la memória. Armand Collin. Paris.2005. Pág 141- 202.Tais frases são observadas com frequência nos descendentes que atribuem o sucesso econômico da comunidade árabe à figura dos primeiros imigrantes.

Fontes:

- Jornal "A União" –1905- Edição 217
- Jornal A União –1905- Edição– 222
- Jornal "A Razão" -1917- Edição 238
- Jornal "O Fluminense" -1901- Edição 8235
- Jornal "O Rio Nú" –1900 - Edição 206
- Jornal "O Jornal (RJ)" - 1919 - Edição 125
- Jornal "O Imparcial"- 1912 - Edição 06
- Jornal AL- ADL (A Justiça) – 1902 – Edição 52 e 59.
- Jornal A União – “-1906 – Edição 04
- Jornal Gazeta (RJ) – 1908 – Edições 152, 161,166 e 195
- Jornal O Fluminense – 1911 – Edição 8235
- Jornal A Razão –1917 – Edição 150
- Jornal A Razão –1920 – Edições – 137
- Jornal A Razão- – 1920 - Edição 1425
- Jornal A Razão - 1917 -Edição 160
- Jornal A Razão –1920 – Edição 1445
- Jornal Gazeta de Notícias (RJ) -1900 – Edição : 232
- Revista da Semana -1902 – Edição – 02
- Jornal O Fluminense – 1911 – Edição 81361
- Jornal Gazeta de Notícias (RJ)-1911- Edições 165 e 166
- Jornal Gazeta de Notícias (RJ) 1914 – Edição 347
- Jornal A Lanterna – 1916 – Edição – 22
- Jornal A Razão –1917 – Edição- 330
- Jornal A Noite – 1917 – Edições – 1864 e 2223
- Jornal O Jornal – 1919 – Edições 79 e 188

- Jornal Gazeta de Notícias (RJ) - 1920 – Edição 360
- - Jornal "A União" - 1905- Edição 217
- -Jornal A União – 1905- Edição– 222
- - Jornal "A Razão" -1917- Edição 238
- -Jornal "O Fluminense" -1901- Edição 8235
- - Jornal "O Rio Nú" – 1900 - Edição 206
- Jornal "O Jornal (RJ)" - 1919 - Edição 125
- Jornal "O Imparcial"- 1912 - Edição 06
- Jornal AL- ADL (A Justiça) – 1902 – Edição 52 e 59.
- Jornal A União --1906 – Edição 04
- Jornal Gazeta (RJ) – 1908 – Edições 152, 161,166 e 195
- Jornal O Fluminense – 1911 – Edição 8235
- Jornal A Razão –1917 – Edição 150
- Jornal A Razão -- 1920 – Edições – 137
- Jornal A Razão- – 1920 - Edição 1425
- Jornal A Razão -- 1917 -Edição 160
- Jornal A Razão -- 1920 – Edição 1445
- Jornal Gazeta de Notícias (RJ) -1900 – Edição : 232
- Revista da Semana -1902 – Edição – 02
- Jornal O Fluminense – 1911 – Edição 81361
- Jornal Gazeta de Notícias (RJ)-1911- Edições 165 e 166
- Jornal Gazeta de Notícias (RJ) 1914 – Edição 347
- Jornal A Lanterna – 1916 – Edição – 22
- Jornal A Razão -- 1917 – Edição- 330
- Jornal A Noite – 1917 – Edições – 1864 e 2223
- Jornal O Jornal – 1919 – Edições 79 e 188
- Jornal Gazeta de Notícias (RJ) - 1920 – Edição 360

Referências Bibliográficas :

ABREU, Mauricio de Almeida. A Evolução Urbana do Rio de Janeiro. INPLARIO.1997.Cápitulo 4, Pág 71-86.

BAHIA, Joana. O tiro da bruxa: identidade, magia e religião na imigração alemã. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

BARTH, Fredrik. . O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria

BARBOSA, Marialva. Imprensa, poder e público: os diários do Rio de Janeiro (1880 - 1920). Intercom. Rev .Bras. de Com. São Paulo, Vol XX nº 2, pág 87-102. Jul/dez 1997.

CANDAU, Joel. Antropologia de la memória. Armand Collin. Paris.2005.

CURI, Guilherme Oliveira. O MAHJAR É AQUI! A comunicação contra hegemônica dos intelectuais árabe-brasileiros. Tese de doutorado para obtenção do título de Doutor em comunicação e cultura. UFRJ. Rio de Janeiro,2018.

CHOAIRY, Chediak. De “turcos a mascates”: O questionamento da identidade sírios e libanesa em Piracicaba (1889- 1930). Dissertação para obtenção do título de Mestre em sociologia. Universidade Federal de São Carlos. São Paulo. 2013

DUON,Taufik. A emigração sírio-libanesa às terras de promessa.São Paulo, editora Árabe,1944

FAUSTO, Boris. Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924). São Paulo: Brasiliense, 1984.

GATTAZ, André. Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes. São Paulo: Gandalf, 2005.

HOURANI, Albert Habib. Uma história dos ovos árabes. Companhia das Letras. São Paulo, 1994.

HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo. Ícone. 1985

JODELET, Denise.” Representações Sociais: um domínio em expansão.In. As representações sociais. Rio de Janeiro.Editora da UERJ. Pág 17-44.

LESSER, Jeffrey. Construindo o espaço étnico .In: *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo. Unesp. 2015. P. 87

MACHADO, Izamara Bastos. A imprensa do Rio de Janeiro da Belle Époque. Dissertação (Título de Mestre em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro.2005

OTTONI, Ana Vasconcelos. “ O Paraíso dos ladrões”: imprensa carioca, civilização e gatunagem na cidade do Rio de Janeiro (1900- 1920). XIV Encontro Regional da Anpuh. Rio Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro 2010. Pág 2.

KNOWLTON, Clark. Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial. São Paulo: Anhembi, 1960.

MEIHY, Murilo. Os libaneses. Editora Contexto. São Paulo.2016

MEIHY, M.S.B “Arábia Brasileenses” : os estudos árabes e islâmicos no Brasil .Hamsa .Journal of Judaic and islamic studies .V.1 . pág. 18 – 28 ,2014

MORAES, Ana Luisa Zago de. A formação da política imigratória brasileira: da colonização ao Estado Novo. Revista da Faculdade da UFRGS

NIGRI, Henrique. História da SAARA. Um exemplo de coexistência Rio de Janeiro.2012

OSMAN, Samira. Livro traz retrato da imigração árabe no Brasil. Agência USP de notícia, 15 de maio de 2012. Entrevista concedida à Valéria Dias. Publicado em : <http://www.usp.br/agen/?p=97640>

OSMAN, SAMIRA A. Caminhos da imigração árabe em São Paulo: história oral de vida familiar. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988.

POUTIGNAT, Phillipe; STREI, Fernart Jocely. Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo. Unespe, 1998.

PINTO, Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro. Viva. 2010.

REIS, Juliana Gomes Dornelas. *Na América, a esperança: os imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes em Juiz de Fora, Minas Gerais (1890-1940)*. 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-graduação em História, Juiz de Fora, 2008.

RIBEIRO, Paula . ‘Saara’ : uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro (1960 – 1990) 200. 229 f. Dissertação (Mestre em História Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo 2000.

SAYAD, Abdelmalek. O que é um imigrante?.*Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo. Edusp.1998

SAID, Edward W. Orientalismo : o Oriente como invenção do Ocidente / Edward W. Said , Tradução Rosaura Eichenberg 1º Ed. São Paulo , Companhia das Letras ,2007.

SEYFERTH,Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. 1995.

SEYFERTH,Giralda. Imigrantes, estrangeiros : a trajetória de uma categoria incomoda no campo político. Mesa redonda Imigrantes e Emigrantes: as transformações das relações do Estado Brasileiro com a migração. 26º reunião de antropologia. Porto seguro, 2008.

SEYFERTH, Giralda .Imigração e cultura no Brasil. Brasília .Ed da UNB,1990.

TRUZZI, Oswaldo De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo, Ed. Sumaré, 1992.

TRUZZI,Oswaldo. Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Sumaré,1991. Pág 26.

TRUZZI, Oswaldo M.S. Sírios e Libaneses. Narrativas de história e cultura. Companhia Editora Nacional ,São Paulo.2005.

WEBER, Max. Economia e sociedade. Brasília: Editora UNB, Volume I. 1991.

WORCMAN, Susane. Saara. Relume Dumará. Rio de Janeiro.2000.

VILELA, Elaine Meire. Sírios e Libaneses : Redes sociais, coesão e posição de status*.
Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol 26 n° 76. 2011